



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ANA KELLY DE SOUZA LIMA

TRADUÇÃO COMENTADA DO TEXTO *ANÁLISIS IDEOLÓGICA DE LOS TIEMPOS DE LA CONJUGACIÓN CASTELLANA: INDICATIVO*, DE ANDRÉS BELLO, PARA ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL

FORTALEZA

2023

ANA KELLY DE SOUZA LIMA

TRADUÇÃO COMENTADA DO TEXTO *ANÁLISIS IDEOLÓGICA DE LOS TIEMPOS DE LA CONJUGACIÓN CASTELLANA: INDICATIVO*, DE ANDRÉS BELLO, PARA ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução na linha de pesquisa Crítica, Teoria e História da Tradução. Área de concentração: Processos de retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

FORTALEZA

2023

Ficha catalográfica elaborada por Antônia Karine Paz Brito - Bibliotecária –
CRB 3/1727

L732t Lima, Ana Kelly de Souza.
Tradução comentada do texto *Análisis ideológica de lostiempos de la conjugación castellana: indicativo*, de Andrés Bello, para estudantes brasileiros de espanhol [recurso eletrônico] / Ana Kelly de Souza. – 2023.

93 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

1. Estudos da Tradução. 2. Equivalência. 3. Tradução comentada. 4. Andrés Bello. 5. Tempos verbais. I. Título.

CDD 418.02

ANA KELLY DE SOUZA LIMA

TRADUÇÃO COMENTADA DO TEXTO *ANÁLISIS IDEOLÓGICA DE LOS TIEMPOS DE LA CONJUGACIÓN CASTELLANA: INDICATIVO*, DE ANDRÉS BELLO, PARA ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução na linha de pesquisa Crítica, Teoria e História da Tradução. Área de concentração: Processos de retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

Aprovada em 31/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Carlos Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Pablo Cardellino Soto
Universidade de Brasília (UnB)

Ao meu filho Théo, que, para além das palavras, me ensina a amar de uma forma incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida, que me permitiu alcançar os meus objetivos dando-me força e coragem diante dos inúmeros desafios ao longo do caminho.

Aos meus pais, que abdicaram de muitos sonhos para que eu pudesse realizar os meus, e às minhas irmãs, que sempre me incentivaram nos momentos mais difíceis.

Aos amigos, de ontem, hoje e sempre, pela amizade e apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

Ao professor Walter Carlos Costa por ter sido meu orientador e ter exercido tal função com muito zelo e paciência, acolhendo-me e incentivando-me em cada etapa de estudo.

Aos professores Lilian Cristina Barata Pereira do Nascimento e Pablo Cardellino Soto pela disponibilidade em participar das bancas com contribuições valiosíssimas para o enriquecimento da minha pesquisa.

À professora Luana Ferreira de Freitas que, enquanto coordenadora do Programa, me acolheu em um momento difícil da minha jornada de estudos, demonstrando apoio, empatia e humanidade ao resolver uma demanda. Mostrou que a pós-graduação é um espaço aberto a todas as pessoas, inclusive a uma mãe atípica e solo, que visa contribuir com a pesquisa científica.

Ao secretário da POET, Kelvis Santiago, pela prontidão e disponibilidade em ajudar.

Aos meus colegas de curso, em especial Hiáscara Sales e Sandro Borém, representantes discentes, sempre atenciosos às nossas demandas, Karine Razzia e Manoela Azevedo, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só nas questões acadêmicas, mas também como ser humano.

À Secretaria de Educação do Município de Maracanaú, que me concedeu um afastamento necessário para que eu pudesse me dedicar aos estudos e, assim, contribuir para a minha formação profissional.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas, y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil: incluso la tribu más aislada tiene que enfrentarse, en un momento o en otro, al lenguaje de un pueblo extraño.

Octavio Paz, 1971, p. 1.

RESUMO

Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana configura-se como uma obra bastante relevante para a constituição da gramática espanhola, trazendo inúmeras contribuições filosóficas e linguísticas sobre esta temática. Seu autor, Andrés Bello (1781-1865), é considerado a figura intelectual de maior destaque no âmbito da cultura hispano-americana do século XIX e suas obras políticas e literárias são parte importante dessa cultura. Humanista, diplomata, poeta, legislador, filósofo, educador e filólogo venezuelano, essas são algumas das denominações atribuídas a Bello. Essa pesquisa justifica-se tanto pelas questões sócio-históricas e culturais referentes à figura do autor em estudo com suas contribuições em diversas áreas do conhecimento, quanto pela relevância do texto traduzido, que apresenta uma ruptura com o modelo latino das conjugações verbais, trazendo aspectos inovadores com relação ao uso dos tempos verbais, os quais auxiliarão na constituição de um modelo próprio de nomenclatura e conjugação dentro da gramática espanhola, sendo posteriormente reconhecido pela Real Academia Espanhola. O objetivo desse trabalho consiste na elaboração da tradução anotada e comentada através de uma abordagem com fins didáticos, e espera-se que a divulgação desse estudo possa contribuir para os processos de ensino/aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira. Como metodologia deste trabalho, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo, que compreende uma investigação bibliográfica com apresentação da vida e obra do escritor, a fim de compreender melhor os escritos de Bello, realização da tradução anotada, seguida de discussões teóricas embasadas nos estudos da tradução centradas nas questões de equivalência envolvendo as dificuldades e os problemas de tradução (NORD, 2009). Entre os referenciais teóricos utilizados estão Hurtado Albir (2001), Pym (2016), Catford (1980), Jakobson (1989), Vinay e Dalbernet (1958), Berman (1986, 1989, 2007), Williams e Chesterman (2002) e Nord (2009), a partir dos quais buscou-se traçar um breve percurso dos Estudos da tradução enquanto disciplina autônoma, independente da Linguística, definir a tradução de textos especializados e de tradução comentada, bem como a sua estrutura (TORRES, 2017; FREITAS, 2016), e discutir o conceito de equivalência, para o qual acrescentou-se os estudos de Costa (1992).

Palavras-chave: estudos da tradução; equivalência; tradução comentada; Andrés Bello; tempos verbais.

ABSTRACT

Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana is a very relevant work for the constitution of Spanish grammar, bringing numerous philosophical and linguistic contributions on this theme. Its author, Andrés Bello (1781-1865), is considered the most important intellectual figure in the context of 19th century Hispano-American culture, and his political and literary works are an important part of this culture. Humanist, diplomat, poet, legislator, philosopher, educator, and Venezuelan philologist, these are some of the names attributed to Bello. This research is justified both by socio-historical and cultural issues concerning the figure of the author under study with his contributions in various areas of knowledge, and by the relevance of the translated text, which presents a rupture with the Latin model of verb conjugations, bringing innovative aspects regarding the use of verb tenses, which will help in the constitution of a model of nomenclature and conjugation within Spanish grammar, later recognized by the Royal Spanish Academy. The objective of this work consists in the elaboration of an annotated and commented translation through an approach with didactic purposes, and we hope that the divulgation of this study may contribute to the process of language teaching and learning, whether it is a mother tongue or a foreign language. As methodology of this work, we opted for qualitative research, which comprises a bibliographical research with presentation of the writer's life and work, in order to better understand Bello's writings, and the production of the annotated translation, followed by theoretical discussions based on Translation Studies focused on equivalence issues involving the difficulties and problems of translation (NORD, 2009). Among the theoretical references used are Hurtado Albir (2001), Pym (2016), Catford (1980), Jakobson (1989), Vinay and Dalbernet (1958), Berman (1986, 1989, 2007), Williams and Chesterman (2002) and Nord (2009), based on which a brief overview of Translation Studies as an autonomous discipline was made, independent from Linguistics. We also discuss the definition of translation of specialized texts and of commented translation and its structures (TORRES, 2017; FREITAS, 2016), and the concept of equivalence (COSTA, 1992).

Keywords: translation studies; equivalence; commented translation; Andrés Bello; verb tenses.

RESUMEN

Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana es una obra muy relevante para la constitución de la gramática española, que aporta numerosas contribuciones filosóficas y lingüísticas sobre este tema. Se considera su autor, Andrés Bello (1781-1865), como la figura intelectual más importante de la cultura hispanoamericana del siglo XIX y sus obras políticas y literarias forman parte importante de esa cultura. Humanista, diplomático, poeta, legislador, filósofo, educador y filólogo venezolano, son algunas de las denominaciones que se atribuyen a Bello. Esta investigación se justifica tanto por cuestiones socio-históricas y culturales en torno a la figura del autor en estudio con sus aportes en diversas áreas del conocimiento, como por la relevancia del texto traducido, que presenta una ruptura con el modelo latino de conjugaciones verbales, aportando aspectos innovadores en cuanto al uso de los tiempos verbales, que ayudarán en la constitución de un modelo de nomenclatura y conjugación dentro de la gramática española, siendo posteriormente reconocido por la Real Academia Española. El objetivo de este trabajo consiste en la elaboración de la traducción comentada y anotada a través de un enfoque con fines didácticos, y se espera que la divulgación de este estudio pueda contribuir a los procesos de enseñanza/aprendizaje de lenguas, ya sean nativas o extranjeras. Como metodología de este trabajo, optamos por una investigación cualitativa, que comprende una investigación bibliográfica con presentación de la vida y obra del escritor, con el fin de comprender mejor los escritos de Bello, realización de la traducción comentada, seguida de discusiones teóricas basadas en estudios de traducción centrados en cuestiones de equivalencia que involucran las dificultades y problemas de la traducción (Nord 2009). Entre las referencias teóricas utilizadas están, Hurtado Albir (2001), Pym (2016); Catford (1980); Jakobson (1989), Vinay y Dalbernet (1958), Berman (1986, 1989, 2007), Williams y Chesterman (2002); Nord (2009), a partir de los cuales, se buscó trazar un breve recorrido de los Estudios de Traducción como disciplina autónoma, independiente de la Lingüística, definir la traducción de textos especializados y la traducción comentada así como su estructura, para lo cual también se tomaron en cuenta las notas de Torres (2017) y Freitas (2016), discutir el concepto de equivalencia, a lo que se sumaron los estudios de Costa (1992).

Palabras clave: estudios de traducción; traducción anotada; Andrés Bello; tiempos verbales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do tempo.....	55
Figura 2 – Disposição dos tempos verbais de Bello na linha temporal.....	55
Figura 3 – Relação entre o verbo no presente e o atributo.....	58
Figura 4 – Linha do tempo: passado x presente.....	59
Figura 5 – Relações entre o pretérito e o co-pretérito com o presente.....	60
Figura 6 – Linha do tempo: presente x futuro.....	60
Figura 7 – Relação entre o pretérito e o ante-presente com o presente.....	62
Figura 8– A tradução: texto, processo comunicativo e ato de tradução.....	71
Figura 9 – Movimento do ato tradutório.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características de la traducción de textos especializados (Gamero, 1998, p. 100)	36
Quadro 2 – Formas simples e compostas do modo indicativo	56
Quadro 3– Valores primitivos.....	67
Quadro 4– Valores secundários.....	67
Quadro 5 – Nomenclaturas dos tempos verbais	68
Quadro 6 – Comparativo dos tempos verbais modo indicativo	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Anterioridade
AA	Anterioridade e anterioridade
AC	Anterioridade e coexistência
ACA	Anterioridade, coexistência e anterioridade
AP	Anterioridade e posterioridade
APA	Anterioridade, posterioridade e anterioridade
C	Coexistência
CA	Coexistência e posterioridade
DELAL	Diccionario Enciclopédico de las Letras de América Latina
DLE	Diccionario de la lengua española
DPD	Diccionario Panhispánico de Dudas
E/LE	Espanhol como língua estrangeira
ES	Espanhol
LE	Língua espanhola
LF	Língua Fonte
LM	Língua Meta
NT	Notas do tradutor
P	Posterioridade
PA	Posterioridade e anterioridade
PB	Português brasileiro
PCT	Problemas culturais de tradução
PLT	Problemas linguísticos de tradução
PPT	Problemas pragmáticos de tradução
PT	Português
PTE	Problemas de tradução extraordinários
RAE	Real Academia Espanhola
TA	Texto alvo
TC	Texto de chegada
TF	Texto fonte
TM	Texto meta
TP	Texto de partida

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ANDRÉS BELLO: VIDA E OBRAS.....	19
2. 1	Breve biografia de Andrés Bello.....	19
2. 2	Obras de Andrés Bello	22
2. 3	Análise ideológica dos tempos verbais.....	23
3	ASPECTOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO	26
3. 1	Tradução e Linguística	26
3. 2	Tradução	29
3. 3	A tradução de textos especializados.....	34
3. 4	A tradução comentada	36
3. 5	Abordagem metodológica	39
4	TRADUÇÃO ANOTADA.....	42
4. 1	Breve glossário de terminologia (tempos verbais)	51
5	COMENTÁRIOS.....	53
5. 1	Concepções sobre o texto	53
	<i>5. 1.1 Tempos Simples.....</i>	<i>57</i>
	<i>5. 1.2 Tempos Compostos.....</i>	<i>61</i>
	<i>5. 1. 3 Valores secundários.....</i>	<i>64</i>
5. 2	Reflexões sobre o processo de tradução.....	69
5. 3	Escolhas tradutórias e problemas de equivalência.....	74
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
	REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

O escritor venezuelano Andrés Bello (1781-1865) é considerado o primeiro humanista da América Hispânica e uma das figuras intelectuais de maior relevância na cultura hispano-americana do século XIX. De acordo com Javier Ocampo López¹ (1998), o mundo hispânico se lembra de Bello como o grande filólogo e gramático de excepcional mérito, como “o educador dos povos, filósofo da cultura latino-americana, escritor de tratados do direito internacional, o ilustre legislador, o historiador, o poeta, o diplomata e o estudioso”²(LÓPEZ, 1998, p. 129). Ainda conforme o estudioso, Bello foi o primeiro hispano-americano a falar com propriedade sobre o Direito das nações a nível internacional, e considera-se que ele foi o ideólogo e editor dos códigos civis das repúblicas hispano-americanas. Bello também foi o responsável pela emancipação do castelhano da gramática latina, pois, antes dele, os gramáticos espanhóis tendiam a adaptar a gramática latina à língua espanhola.

Segundo Weinberg (2010)³, Bello apresentava uma constante preocupação com o risco de fragmentação linguística do espanhol e por isso, escreveu numerosas obras de filologia, gramática e crítica, reunidas nos vinte e seis volumes de suas *Obras completas*. De acordo com Ángel Rosenblat (1967), a língua representava um instrumento de instrução cultural para Bello. Tanto que Bello reconhece a importância da sistematização da língua espanhola, propondo a criação de uma cadeira de Gramática Espanhola na Universidade, com o objetivo de dar autonomia ao ensino do idioma e apresentando novos métodos sobre o processo de ensino-aprendizagem, fundamentados em uma abordagem científica. Dessa forma, segundo Weinberg (2010), o autor apresenta:

Uma posição mais racionalista contra aqueles que, considerando legítimo o estudo do idioma de Virgílio, opuseram-se a que o mesmo fosse feito com o de Cervantes, argumentando que a língua-mãe fora aprendida naturalmente, portanto, prescindia da necessidade de regras e normas. (WEINBERG, 2010, p. 30).

¹Javier Ocampo López, professor titular da Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia no artigo *EL MAESTRO DON ANDRÉS BELLO Sus ideas sobre el nacionalismo cultural de Hispanoamérica y la educación*.

²Tradução nossa, salvo menção do tradutor. Texto original: “El mundo hispánico lo recuerda como el gran filólogo y gramático de excepcionales méritos; en la misma forma como el educador de pueblos, el filósofo de la cultura hispanoamericana, el tratadista de derecho internacional, el legislador insigne, el historiador, el poeta, el diplomático y el erudito”.

³Gregório Weinberg é professor honorário da Faculdade de Filosofia e Literatura da Universidade de Buenos Aires, onde estuda a história da educação na Argentina e na América Latina. Membro da Academia Nacional de Educación e da Comissão Internacional instituída pela Unesco para preparar uma nova edição da História do desenvolvimento científico e cultural da humanidade. Pesquisador do National Council of Scientific and Technical Research, do qual também foi diretor. Ex-diretor da Livraria Nacional. Ensaio, parte da publicação do MEC em parceria com a UNESCO, em homenagem aos pensadores da educação, visando à contribuição para a formulação e implementação de políticas integradas de melhoria da equidade e qualidade da educação em todos os níveis de ensino formal e não formal.

Ainda segundo o pesquisador, para Bello não era suficiente aprender e memorizar o latim para que se consolidasse uma sólida educação moderna. Desse modo, o autor acredita que as ideias de Bello acerca desse tema foram fundamentais para o processo de emancipação do idioma e afirma que Bello foi um humanista totalmente engajado na história de seu tempo. Weinberg acrescenta que a gramática de Bello é mais avançada do que a da própria Academia de Letras, como forma de ilustrar o seu ponto de vista.

Na opinião de Amado Alonso (1951), na introdução da obra *Gramática: gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*⁴, ainda que “haja um avanço na análise e no conhecimento de muitos materiais idiomáticos, não surgiu nenhum livro ou gramática que seja capaz de substituir com maestria os escritos de Andrés Bello”⁵ (ALONSO, 1951, p. 9). O estudioso ressalta sua admiração à obra gramatical de Bello frente às gramáticas europeias, ao afirmar que mesmo após mais de um século, essa construção ainda carrega toda a sua dignidade e frescura, o qual não se pode afirmar sobre nenhuma outra gramática europeia de seu tempo. O fato é que, conforme o autor, “Bello não só selecionou e organizou as ideias mais válidas e consistentes na primeira metade do século XIX, como teve vislumbres admiráveis de outros que apenas o século XX teria para desenvolver com rigor o sistema”⁶ (ALONSO, 1951, p. 10). E adiciona que “em outros, ele estava certo em permanecer fiel a uma tradição gramatical que em seu tempo eram questionadas, mas as críticas subsequentes confirmaram a sua validade permanente”⁷ (ALONSO, 1951, p. 10).

Nessa perspectiva, o propósito do presente trabalho é realizar a tradução comentada de *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana: modo indicativo*, publicado em 1841, em Valparaíso, de autoria de Andrés Bello. Essa escolha se deu quando tomei conhecimento das publicações deste renomado autor, optando por aprofundar os estudos nesse texto das *Obras Completas* de seus escritos gramaticais, tomo V, segunda edição, publicada no ano de 1981. O livro, do qual foi retirado o excerto para a tradução, é composto por um estudo preliminar, seguido do estudo gramatical, e este se subdivide em dezessete partes. Para essa pesquisa, escolheu-se a primeira parte do livro, a qual aborda o modo indicativo.

O percurso para se chegar a esse texto, objeto de estudo e pesquisa, não foi tarefa

⁴De autoria de Andrés Bello, conforme publicação de 1995.

⁵Texto fonte: “no ha aparecido un libro, una Gramática, que pueda sustituir con provecho a la magistral de Andrés Bello”.

⁶Texto fonte: “es que Bello, no solamente seleccionó y organizó las ideas más válidas y consistentes en la primera mitad del siglo XIX, sino que tuvo admirables vislumbres de otras que sólo el siglo XX habría de desarrollar con rigor de sistema”.

⁷Texto fonte: “En otras supo con acierto mantenerse fiel a una tradición gramatical que su época tenía en tela de juicio, pero que la crítica posterior ha confirmado como de validez permanente”.

fácil, mas foi realizado de acordo com o acima exposto, após diálogos com o orientador. Possuo graduação em língua portuguesa e espanhola, especialização em linguística aplicada ao ensino de língua estrangeira, e atualmente sou professora de língua portuguesa da educação básica, tendo tido experiências no ensino de língua espanhola como LE, no ensino de espanhol com fins específicos (turismo) e no ensino de espanhol na Licenciatura em Letras – Espanhol, enquanto tutora do Instituto UFC Virtual. O desafio assumido foi o de se colocar no papel de tradutora do texto de Andrés Bello, o qual está dentro deste campo de conhecimento. Dentre as inúmeras possibilidades, nos pareceu mais sensato nos centrar em um texto linguístico, e dessa forma chegamos ao texto *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana*, escolhido para esse estudo. Dada a profundidade do texto e as terminologias utilizadas por Bello para designar os tempos e os modos verbais, optamos por um recorte, no qual recaímos sobre o modo indicativo.

Portanto, esse trabalho justifica-se pela grande relevância dos escritos de Andrés Bello e, mais especificamente, da obra selecionada para esta pesquisa, considerada como uma obra essencial na constituição da gramática espanhola atual, pois traz inúmeras contribuições filosóficas e linguísticas sobre esta temática e, ainda, pelo fato de o sistema de tempos verbais adotado por Bello ser considerado um marco fundamental na constituição da gramática da língua espanhola. Dado o acima exposto, pode-se ainda afirmar que essa pesquisa justifica-se tanto pelas questões sócio históricas e culturais referentes à figura do autor em estudo com suas contribuições em diversas áreas do conhecimento, quanto pela relevância do texto traduzido, que apresenta uma ruptura com o modelo latino das conjugações verbais, trazendo aspectos inovadores que auxiliarão na constituição de um modelo próprio de nomenclatura e conjugação dentro da gramática espanhola, sendo posteriormente reconhecido pela Real Academia Espanhola (RAE).

Desse modo, o objetivo desse trabalho consiste na elaboração da tradução anotada e comentada do texto mencionado, através de uma abordagem com fins didáticos, e espera-se que a divulgação desse estudo possa contribuir para os processos de ensino-aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira, pois o próprio Bello (1981) afirma estar convencido de que o modelo e os princípios utilizados por ele podem ser aplicados às demais línguas, considerando suas especificidades. Espera-se também que a difusão desse estudo auxilie na compreensão dos aspectos ideológicos que subjazem à constituição dos tempos verbais da língua espanhola, através da maneira em que esse conteúdo é abordado pelo autor da obra e traduzido neste trabalho, proporcionando uma reflexão nos comentários da tradução. Considerando tal caráter teórico do texto, acredita-se ainda que a sua tradução auxiliará tanto

na discussão mais aprofundada acerca desse assunto dentro da comunidade linguística e no campo dos estudos da tradução como nos processos de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE). Dessa forma, destacamos, como um dos resultados obtidos, o aprofundamento sobre o conhecimento dos tempos verbais na língua espanhola em uma nova perspectiva proporcionada por Andrés Bello.

Como metodologia de trabalho desse estudo, adotou-se uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica acerca do referido autor a fim de contextualizar a obra e, mais especificamente o texto escolhido, bem como um levantamento das teorias que embasam os Estudos da Tradução. Em seguida, realizou-se uma tradução comentada do texto, inserindo um comentário crítico e apresentando discussões teóricas subjacentes às escolhas tradutórias. Para isso, levou-se em consideração o que Antoine Berman (1986, p. 88) afirma sobre a necessidade de a tradução assumir uma função especulativa a fim de que se torne “crítica e comentário de si mesma” e “onde a tradução termina começa o comentário” (BERMAN, 1986, p. 105-106) para a realização deste trabalho.

Desse modo, para fins de organização da pesquisa, a metodologia foi dividida em três etapas:

- a) uma pesquisa bibliográfica acerca do referido autor a fim de contextualizar a obra e, mais especificamente, o texto escolhido, pois, embora seja um texto que trate de uma temática dentro do campo linguístico, há uma perspectiva filosófica na abordagem do assunto, inserida em um contexto sócio histórico e cultural do século XIX;
- b) a tradução anotada do texto com ênfase em uma abordagem gramatical comparatista entre a língua espanhola e a língua portuguesa do Brasil;
- c) comentários envolvendo três dimensões: concepções sobre o texto, reflexões sobre processo de tradução e escolhas tradutórias e problemas de equivalência.

A obra de Hurtado Albir, *Traducción y traductología* (2001), que apresenta uma contribuição valiosa aos estudos em tradução, configurou-se como um aporte teórico relevante para esse estudo, pois discute de forma abrangente várias definições, características e as principais noções de análise da tradução, perpassando diferentes estudiosos e suas abordagens. Através da reflexão teórica proporcionada pela autora, foi possível nos debruçarmos sobre a tradução (seus problemas e soluções), a tradução de textos especializados e o papel do tradutor durante a pesquisa. Cabe salientar que, no que se refere à tradução, os problemas surgidos ao longo do processo encontram-se nas estruturas de ordem sintagmáticas, na compreensão e na identificação de termos equivalentes: espanhol/português durante a tradução. Para a resolução

desses problemas, foram utilizadas estratégias de acordo com aquilo que nos propõe a área dos Estudos da Tradução.

Seguindo essa linha, com o objetivo de entender melhor esse campo de estudos, nos debruçamos sobre algumas reflexões a partir dos estudos de Berman presentes no artigo cujo título original é “La traduction et ses discours”, publicado em 1989 na revista canadense *Meta* e traduzido por Marlova Aseff, no qual Berman retoma os discursos que tratam da tradução no Ocidente, apontando suas limitações e propondo a tradutologia, que consiste na “reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência”. Dessa forma, o autor propõe onze tarefas possíveis para uma tradutologia: a primeira é negativa, e consiste em “analisar os fatores deformantes que operam na tradução e que a impedem de alcançar seu puro objetivo”; a segunda tarefa da tradutologia “consiste em explicitar o que, na tradução, não tem origem na comunicação dos conteúdos e na restituição do sentido: o trabalho sobre a letra”; a terceira tarefa “relaciona-se à temporalidade e à historicidade dos atos de tradução”; a quarta tarefa “consiste em analisar o espaço plural das traduções”; a quinta tarefa da tradutologia “consiste em desenvolver uma reflexão sobre o tradutor”; a sexta tarefa “consiste em analisar porque, em todos os tempos, a tradução foi uma atividade ocultada, marginalizada, desvalorizada, quer seja ela o trabalho sobre a letra ou livre restituição do sentido”; a sétima tarefa “consiste em explorar as fronteiras da tradução”; a oitava tarefa da tradutologia “consiste em fazer uma ‘crítica da razão tradutória, ou seja, definir os limites de validade da mesma”; a nona tarefa “consiste em definir as relações da tradutologia como discurso-da-tradução com dois outros modos essenciais de relação com as obras: o comentário e a crítica”; a décima tarefa da tradutologia “consiste em definir as condições de sua própria institucionalização enquanto saber autônomo”; e a décima primeira tarefa da tradutologia “refere-se à ligação que toda a reflexão sobre a tradução tem com a tradição-da-tradução particular a que pertence, mesmo se sua ambição é a de constituir um discurso ‘universal’” (BERMAN, 1989, p. 348-351).

Assim, partimos dessa abordagem, considerando também três dessas tarefas da tradutologia que o autor aponta nesse estudo para realizar a análise e a reflexão sobre a tradução do texto escolhido neste trabalho, que são as tarefas cinco, sete e nove. Refletindo ainda sobre o teor do texto traduzido, levamos em consideração o que Berman (2007) afirma sobre o ato de traduzir em *A tradução da letra*: “é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão (ou ‘filosófico’)” (BERMAN, 2007, p. 18). Tais reflexões foram de suma importância para a tradução realizada.

No entanto, essa tradução comentada não foi uma tarefa fácil, já que, como toda

tradução, apresentou desafios na escolha de termos mais adequados aos conceitos propostos por Bello, os quais requerem também certo conhecimento filosófico para se compreender a linguagem metafórica que o autor adota. Desse modo, consideramos relevantes os conceitos de equivalência e problemas de tradução apontados por Nord (2009) para a discussão sobre a tradução realizada nesse estudo e o que Hurtado Albir sugere sobre a tradução de textos especializados, a qual consiste em saber que é necessário que o significado do texto fonte seja passado para a tradução de maneira que o mesmo propósito seja preservado, o mesmo efeito sobre os leitores do texto fonte, pois, segundo a autora, a aplicação desse método preserva a função e o gênero do texto (HURTADO ALBIR, 2013, p. 251).

Para fins de uma melhor sistematização desse trabalho, essa pesquisa se organiza em quatro capítulos, os quais se apresentam da seguinte forma: no primeiro capítulo, introduzimos e contextualizamos a história da vida de Andrés Bello, destacando a relevância de sua ilustre figura no cenário cultural espanhol e apresentando suas principais obras; no segundo capítulo, trazemos uma discussão sobre as teorias da tradução que fundamentam esse estudo, estabelecemos uma relação entre os Estudos da Tradução e a Linguística, apresentamos a definição de tradução, tradução especializada e tradução comentada, trazendo também a abordagem metodológica; no terceiro capítulo apresentamos a tradução anotada do texto escolhido para a nossa pesquisa com uma abordagem centrada nos aspectos linguísticos, gramaticais e culturais, assim como um pequeno glossário com a terminologia apresentada por Bello; e no último capítulo, o quarto, tecemos comentários sobre a tradução considerando três elementos: concepções sobre o texto, reflexões sobre processo de tradução; escolhas tradutórias e problemas de equivalência. Nas considerações finais, levantamos algumas questões que foram essenciais para a realização desse trabalho e apresentamos as conclusões para nossa pesquisa.

2 ANDRÉS BELLO: VIDA E OBRAS

Los buenos maestros, los buenos libros, los buenos métodos, la buena dirección de la enseñanza son necesariamente la obra de una cultura intelectual muy adelantada (BELLO, 1843, *online*).⁸

Apresentar a figura de Andrés Bello é imprescindível para compreender a sua relevância como escritor dentro do cenário hispano-americano e, inclusive, universal, bem como entender o que justifica a escolha do texto utilizado para fins de tradução neste trabalho. Dessa forma, estamos de acordo com Caldera (1965, p. 17), o qual afirma que “compreender a obra e o pensamento de Bello é tarefa impossível sem compreender também o homem”. Portanto, fez-se necessário trazer de forma sucinta os principais acontecimentos da vida desse célebre escritor que culminaram em importantes contribuições nas mais diversas áreas de conhecimento.

2.1 Breve biografia de Andrés Bello

Andrés Bello foi um ilustre humanista que nasceu na cidade de Caracas, na Venezuela, em 1781, e morreu em Santiago do Chile em 1865. Em sua trajetória de vida, deu grandes contribuições nos mais vastos campos do conhecimento, motivo pelo qual é considerado por muitos estudiosos a figura intelectual de maior destaque da cultura hispano-americana do século XIX. Seus primeiros anos foram marcados pela criação na casa de seu avô materno, Juan Pedro López, localizada atrás do convento Mercedarios em Caracas. Essa convivência teve uma grande importância na formação de Andrés Bello, pois a biblioteca do convento foi o berço de suas primeiras leituras. Também foi ali onde Bello teve contato com o Frei Cristóbal de Quesada (1750-1796), um notável conhecedor da língua e da literatura latinas, responsável por lançar as bases do humanismo clássico na sua alma.

Em 1797, iniciou os seus estudos na Real y Pontificia Universidad de Caracas, e graduou-se como Bacharel em Artes em 1800. Durante os anos de 1797 e 1798, deu aulas a Simón Bolívar, momento que será lembrado posteriormente por Bolívar, designado pela história como “libertador”. Em 1802, ganhou o concurso para preencher o recém-criado cargo de segundo oficial nos escritórios da Capitania Geral da Venezuela. A partir de 1802, Bello estará presente em todos os acontecimentos culturais e públicos. Em 1808, houve em Caracas

⁸ Discurso inaugural de Andrés Bello pronunciado en la instalación de la Universidad de Chile el día 17 de septiembre de 1843. Disponível em: <https://uchile.cl/u4682>.

um acontecimento de grande importância: a introdução da imprensa com a primeira oficina de Mateo Gallagher e Jaime Lamb, o que posteriormente culminou na publicação do jornal oficial de *La Capitanía*, *La Gaceta* de Caracas e Andrés Bello foi nomeado primeiro redator, permanecendo na função até junho de 1810. Bello produziu, durante os dias em que esteve em Caracas até 1810, algumas poesias, como o romance “El Anauco”, os sonetos “Mis deseos”, “A una artista”, “A la victoria de Bailén”, “La octava a la muerte del obispo Francisco Ibarra (1726-1806)”, o romance “A unsamán”, a égloga “Tirsis, habitador delTajoumbrío” e a ode “A la nave”. Também há notícias de traduções realizadas pelo escritor e que atualmente se perderam, como a do canto V da *Eneida* e da *Zulima*, de Voltaire.

Em relação à pesquisa que realizou sobre a língua espanhola, destacam-se os escritos *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana*, que, segundo o grande historiador e crítico literário Menéndez Pelayo, é o mais original e profundo de seus estudos linguísticos. Há também outro estudo que foi perdido: sobre a diferença de uso das três conjunções consecutivas *que*, *porque* e *pues*. As bases firmes da sua obra futura estão no período de sua vida em Caracas, quando consolidou sua formação de humanista.

Por dominar a língua inglesa, no ano de 1810, Bello foi enviado em uma expedição para a Inglaterra junto com Simón Bolívar e Luis López Méndez. No entanto, Bolívar decidiu regressar a Caracas para lutar pela independência de outra maneira, permanecendo em Londres somente López Méndez e Bello. Foi lá que Bello experimentou sua primeira grande descoberta, que é o mundo da biblioteca do precursor. Em meados de 1812, iniciou um período de muitas dificuldades, o que o fez contatar o guatemalteco Antonio José de Irisarri, ministro do Chile em Londres, que o nomeia Secretário da delegação em 1822.

Em 1814, pediu ao governo das Províncias do Rio da Prata para ser transferido para Buenos Aires e, em 1815, expressou ao governo de Cundinamarca⁹ seu desejo de se estabelecer na única seção da América que ainda era independente. Então, Irisarri, convencido do valor excepcional de Bello, o auxilia a ingressar no serviço da delegação chilena. Posteriormente, Irisarri é substituído por Mariano Egaña (1793-1846), e isso gera um conflito inicial entre eles e essa inimizade acaba afetando Bello. No entanto, em breve esse mal-entendido se desfaz e a relação entre Egaña e Bello se torna muito forte, tornando-se Egaña o defensor mais apaixonado da ideia de chamar Bello para o Chile; e é esse o motivo que o leva a se mudar para Santiago, em 1829. Em 1825, Bello passa a fazer parte da delegação da *Gran Colombia*, permanecendo até a data de sua partida para a América do Sul, em fevereiro de 1829. Nesse ano, Bello partiu

⁹Cundinamarca é um departamento da Colômbia, o qual está a cidade de Bogotá, capital colombiana. Além de Bogotá, Cundinamarca também possui outros 115 municípios, os quais são divididos em 15 províncias.

para o Chile com sua família, onde foi contratado pelo governo e realizou inúmeros trabalhos na área do direito e das humanidades. Chegou a ocupar os cargos de senador e professor, e a dirigir diversos jornais locais na cidade de Santiago do Chile. Enquanto legislador, promoveu e editou o Código Civil chileno, uma das obras jurídicas americanas mais inovadoras e influentes de sua época. Inspirada nos ideais de Bello e contando com o seu apoio, foi criada a Universidade do Chile¹⁰, no dia 17 de setembro de 1842, instituição na qual Bello foi o primeiro reitor, permanecendo no cargo por mais de duas décadas. Então, graças às suas valiosas contribuições, recebeu a nacionalidade chilena¹¹ através de uma lei aprovada no Congresso no dia 17 de outubro de 1832.

Vale destacar ainda que Bello teve participação na fundação de *El Araucano*, um jornal semanal que também apresentava as leis e decretos oriundos do governo. Sua função consistia na elaboração das seções estrangeira e cultural. A primeira publicação surgiu em 17 de setembro de 1830 e sua existência durou até 1877. Com o passar do tempo, por conta de reformas em sua linha editorial, em 1850, Bello dedicou-se principalmente a publicar traduções de natureza científica e literária, até que finalmente deixou as páginas de *El Araucano* para se dedicar a concluir o texto do Código Civil. No dia 15 de outubro de 1865, morreu Andrés Bello, admirável escritor, educador, jurista e político.

Para Pedro Grases (1995), Bello encarna com sua vida e obra o tipo de humanista representativo de uma nova concepção de cultura, que pode ser descrita como humanismo liberal. O pesquisador considera que tal caracterização se justifica por sua contribuição mais transcendente para a civilização ocidental. Bello tornou-se o primeiro humanista da América¹², e concebia o saber como uma questão social, intimamente ligada ao progresso material e cultural de uma nação.

Assim, considerado como uma figura exemplar na história cultural da América Latina, Bello foi um dos mais importantes educadores do século XIX. Dessa forma, sua obra extensa e duradoura revela o interesse que demonstrou desde o ensino fundamental até a faculdade, ao que se pode acrescentar suas realizações como gramático, jurista, filósofo e político (WEINBERG, 2010, p. 11).

¹⁰ Em geral, a lei de 1842 delineou uma universidade com um interesse acentuado pelo nacional. Junto com os objetivos gerais atribuídos à Corporação, há também um propósito prático: o conhecimento do Chile e de seu povo nas mais variadas expressões. Há uma preocupação com o meio físico, histórico, literário e social do país e isso responde pelas atividades desenvolvidas nesse sentido, pelas faculdades (LIRA, 2003).

¹¹ Para mais informações sobre como se deu o processo de nacionalidade chilena de Bello, indicamos consultar Prado (2009, p. 4).

¹² Tradução baseada na biografia do autor, extraída de Grases (1995). Pedro Grases é considerado uma referência fundamental para iniciar o conhecimento e estudo da América Hispânica, especialmente da Venezuela.

2. 2 Obras de Andrés Bello

Andrés Bello deu uma importante colaboração para várias áreas do saber. O autor se destacou como diplomata, poeta, legislador, filósofo, educador e filólogo, contribuindo significativamente para a constituição da cultura hispano-americana.

No campo literário, destacam-se as seguintes obras: *El incendio de la Compañía. Canto elegíaco* (1841); *Compendio de la historia de la literatura; por don Andrés Bello redactado para la enseñanza del Instituto Nacional* (1850); *Opúsculos literarios y críticos, publicados en diversos periódicos desde el año 1834 hasta 1849*(1850).

Na área dos estudos linguísticos e gramaticais, podemos citar: *Arte de escribir con propiedad, compuesto por el Abate Condillac, traducido del francés y arreglado a la lengua castellana* (1824); *Principios de la ortología y métrica de la lengua castellana* (1835); *Gramática de la lengua latina* (1838); *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana* (1841); *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847).

Nas demais áreas, temos: *Calendario manual y guía universal de forasteros en Venezuela para el año de 1810, con superior permiso* (1810) [ed. Facsimilar en Pedro Grases, *El primer libro impreso en Venezuela*, Caracas, Ediciones del Ministerio de Educación, Dirección de Cultura y Bellas Artes, 1952]; *Principios de derecho de jentes* (1832) [ed. corregida y aumentada, *Principios de Derecho Internacional*, Valparaíso, Imprenta de El Mercurio, 1844]; *Discurso de inauguración de D. Andrés Bello, rector* (1842[sic: 1843]); *Cosmografía o descripción del universo conforme a los últimos descubrimientos* (1848); *Filosofía del entendimiento* (Introducción de José Gaos) (1948) [1. ed. Tomo I de *Obras completas de don Andrés Bello*, Santiago de Chile, Imp. de Pedro G. Ramírez, 1881]; *Proyecto de Código Civil*, 4 v. (1853); *Código Civil de la República de Chile* (1856).

Dentre as obras traduzidas, estão: *Teresa; drama en prosa y en cinco actos, por Alejandro Dumas, traducido al castellano y arreglado por don Andrés Bello; representado por primera vez en Santiago, en noviembre de 1839* (1846).

Cabe lembrar ainda outras edições dos escritos de Bello, como *Obras completas de don Andrés Bello*, 15 v. [Tomos I-XIII: Imp. de Pedro G. Ramírez, 1881-1890; Tomos XIV-XV: Imprenta Cervantes, 1891-1893]; *Obras completas*, 26 v. (1981-1986).

Ao apresentar a vasta produção bibliográfica de Andrés Bello, é importante ratificar o lugar de destaque que o autor possui em toda a América Hispânica, na Espanha e no mundo, como disseminador da cultura hispânica, principalmente através do idioma. Como afirmava

Menéndez Pidal, é inegável que Andrés Bello pertence não só à Venezuela, berço de sua existência, nem mesmo ao Chile, onde encontrou uma segunda pátria, mas também a toda a América espanhola. Para Menéndez Pidal¹³, Bello não é apenas uma grande figura da literatura americana, mas um gênio da cultura hispano-americana no século da Independência. O crítico espanhol conclui que se Bello pertence a todos os hispano-americanos, também pertence à Espanha. Não seria exagero, portanto, afirmar que, dada a relevância universal de sua obra, Bello pertence a toda a humanidade.

2.3 Análise ideológica dos tempos verbais

De acordo com Amado Alonso (1951, p. 5), na introdução dos estudos gramaticais de Bello, o escritor e seus colegas americanos em Londres sentiram “a questão da linguagem na América como um problema político, específico da América”¹⁴. Mais adiante, Alonso (1951, p. 5) volta a afirmar que, para Bello, “a unidade da linguagem somente com o estudo pode ser mantida, e a unidade da linguagem foi um bem político inestimável, não só nacional, mas intercontinental em escopo”. Desse modo, Bello teme pela perda da unidade, que considera preciosa, como o que aconteceu com o latim, pois percebe que o idioma e sua história são frutos da ação humana e, portanto, um fato histórico e cultural. De acordo com Alonso (1951), o objetivo de Bello com essa obra foi o de estabelecer os valores dos tempos da conjugação castelhana, através de um modelo de conjugação próprio.

Nesse estudo, Bello aborda o tema do verbo sob um ponto de vista filosófico, buscando a sistematização do modelo de conjugação verbal que considerasse as especificidades da língua castelhana, recusando o modelo de conjugação latina, apresentando “os vários empregos das inflexões verbais de acordo com a prática de bons falantes”¹⁵ (BELLO, 1841, p. 237). Podemos constatar essa sua preocupação em desenvolver um sistema baseado nas características da língua espanhola, em refuta ao modelo de conjugação já existente: “Trata-se, por exemplo, da conjugação do verbo castelhano? É necessário enumerar as formas que assume, e os significados e usos de cada forma, como se não houvesse outra língua no mundo além da castelhana...”¹⁶(ALONSO, 1951, p. 5). Assim, o autor se posiciona e solicita também aos

¹³ Filólogo, historiador, folclorista e medievalista espanhol. Criador da escola filológica espanhola, foi um membro erudito da Geração de 98.

¹⁴ Texto fonte: “Bello y sus colegas americanos en Londres sentían, pues, la cuestión de la lengua en América como un problema político, específico de América”.

¹⁵ Texto fonte: “La unidad de la lengua sólo con estudio se puede mantener, y la unidad de la lengua era para Bello un bien político inapreciable, de alcance no sólo nacional sino intercontinental”.

¹⁶ Texto fonte: “¿Se trata, por ejemplo, de la conjugación del verbo castellano? Es preciso enumerar las formas

estudiosos que terão acesso ao seu trabalho que sigam esse posicionamento, “descartando, acima de tudo, as reminiscências da língua latina”¹⁷ (ALONSO, 1951, p. 5).

Esse estudo foi publicado pela primeira vez no ano de 1841, na cidade de Valparaíso e foi impresso por M. Rivadeneyra em folheto com a seguinte paginação: IV, 57. Foi reimpresso em Caracas por Juan Vicente Gonzalez em 1850 na Imprenta Corser. Essa edição anotada por Juan Vicente González foi reproduzida em Madrid por Leocádio Gómez, em 1951. O texto utilizado neste trabalho encontra-se na segunda edição, publicada em 1981, em homenagem ao bicentenário de nascimento de Andrés Bello, e conta com um prólogo escrito por Ángel Rosenblat sobre as ideias ortográficas do autor. A comissão editorial foi dirigida por Rafael Caldera e tinha Pedro Grases como secretário. No volume ao qual tivemos acesso, reproduz-se a edição preparada por Juan Vicente González, que completa citações em latim feitas por Bello, frequentemente adicionando a tradução para o espanhol. As notas explicativas são do próprio Bello, exceto algumas do organizador, sinalizadas entre colchetes na primeira edição, publicada em Valparaíso, no ano de 1841, na qual o trabalho de Andrés Bello está organizado em parágrafos. A editora observou que os parágrafos 38 e 171 aparecem repetidos erroneamente no texto original e corrigiu esse erro. Por fim, a editora indica que para a avaliação deste estudo de Bello, deve-se consultar a “Introdução aos estudos gramaticais de Andrés Bello” feita por Amado Alonso no volume IV da edição, dedicado à gramática castelhana¹⁸. Dessa forma, seguindo as orientações da editora, nosso trabalho também levará em consideração os apontamentos realizados por Alonso, filólogo, foneticista, linguista e crítico literário espanhol, naturalizado argentino e um dos fundadores da estilística.

A respeito da *Gramática* de Bello, vale lembrar a afirmação de Ramón Trujillo (1988, p. 7) sobre a obra: “este livro continua a ser o repertório mais sério de sugestões e ideias

que toma, y los significados y usos de cada forma, como si no hubiese en el mundo otra lengua que la castellana...”.

¹⁷ Texto fonte: “Éste es el punto de vista en que he procurado colocarme, y en el que ruego a las personas inteligentes, a cuyo juicio someto mi trabajo, que procuren también colocarse, descartando, sobre todo, las reminiscencias del idioma latino”.

¹⁸ Tradução conforme nota da editora sobre o estudo: “Este estudio de Bello se publicó por primera vez en 1841, en Valparaíso, impreso por M. Rivadeneyra en folleto con la siguiente paginación: IV, 57. Fue reimpresso en Caracas por Juan Vicente González en 1850 en la Imprenta Corser. Esta edición anotada por Juan Vicente González fue reproducida en Madrid por Leocadio Gómez, en 1883. Reproducimos en este volumen la edición preparada por Juan Vicente González, quien completa algunas de las citas latinas dadas por Bello y les añade a menudo la traducción al castellano. Las notas son de Bello, salvo algunas de Juan Vicente González que publicamos entre corchetes. El trabajo de Bello está ordenado en párrafos; en la primera edición, de Valparaíso 1841, aparecen erróneamente repetidos los párrafos Nos. 38 y 171. Enmendamos tal error en esta edición y hacemos las correspondientes correcciones en las referencias contenidas en el mismo texto. Para la valoración de este estudio de Bello véase la Introducción a los estudios gramaticales de Andrés Bello por Amado Alonso, en el tomo IV de nuestra edición, dedicado a la Gramática castellana. (Comisión Editora. Caracas). In: Obras Completas de Andrés Bello tomo V”.

gramaticais que temos” na língua espanhola. O objetivo político da unidade linguística e cultural na história da gramática castelhana foram enfatizados neste trabalho: o de uma gramática nacional, na qual se garantirá a unidade linguística da América Latina aos falantes da língua.

De acordo com Trujillo (1988)¹⁹, é uma análise das ideias em suas relações com as palavras que segue o caminho das teorias sensualistas de compreensão com as quais Bello se familiarizara em Londres. Na data de elaboração de sua *Análise dos tempos da conjugação castelhana* temos apenas as próprias palavras de Bello (1841) no prólogo da primeira edição: “Decidi tirar esta obrinha da escuridão em que há trinta anos a mandei enterrar”²⁰. Dessa forma, *Análise ideológica* tem sido apontada como um trabalho da juventude, e muito indicativa não apenas da influência de ideias provenientes da gramática filosófica, mas também de outros aspectos da ideologia gramatical de Bello (TRUJILLO, 1988, p. 41).

A *Análise* é considerada uma obra-prima, mas não necessariamente de uma lógica gramatical, e sim da relação do aspecto formal com o uso verdadeiro e diversificado dos tempos da linguagem, que consiste em apresentar o aspecto formal dos tempos verbais, relacionando-o ao uso da linguagem. Dessa maneira, a proposta de Bello para os tempos verbais vai muito além da sistematização dos tempos verbais, geralmente apresentada pelas gramáticas da língua e da sua apresentação para a língua castelhana, o que o autor propõe é um modelo que possa ser adotada em qualquer língua. De acordo com Bello (1841, p. 2), “Esta análise dos tempos está particularmente ligada à conjugação castelhana; mas estou convencido de que o procedimento e os princípios que nele aparecem são aplicáveis com certas modificações às outras línguas”²¹.

¹⁹ “Ramón Trujillo es licenciado en Derecho (1956), licenciado en Filosofía y Letras (1966) y doctor en Filosofía y Letras (1968) por la Universidad de La Laguna. Es catedrático en la Universidad de la Laguna desde 1972. Ha sido profesor en Venezuela, en la Universidad Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Perú) y en el Instituto Caro y Cuervo (Bogotá, Colombia). Fue fundador y director del Instituto Universitario de Lingüística Andrés Bello. Actualmente es catedrático emérito” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2019a).

²⁰ Segundo a obra *Estudios Gramaticales*, “Sobre la fecha de elaboración de este estudio, no tenemos otro testimonio que las propias palabras de Bello: ‘hace más de treinta años que la he tenido sepultada’. Fue publicada en Valparaíso, en 1841. Por lo tanto, hay que situar la composición antes de 1810, fecha en que partió Bello de Caracas, cumplidos los 28 años de edad. Es, pues, obra juvenil, pero ‘el más original y profundo de sus estudios lingüísticos, al decir de Marcelino Menéndez y Pelayo’. (Comisión Editora. Caracas)” (ALONSO, 1951, p. VII).

²¹ Texto original: “Esta análisis de los tiempos se contrae particularmente a la conjugación castellana; pero estoy persuadido de que el proceder y los principios que en ella aparecen son aplicables con ciertas modificaciones a las demás lenguas”.

3 ASPECTOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO

A tradução é uma questão de linguagem; a linguística trata da linguagem; portanto, a tradução é objeto da linguística (CATFORD, 1980).

Neste capítulo, pretende-se trazer à tona uma discussão sobre algumas das teorias que embasam esse trabalho, a fim de que se possa compreender melhor como se desenvolveu a tradução comentada do texto escolhido. Optei por fazer uma breve apresentação das principais teorias e abordar as questões de definição da tradução, o entendimento da concepção de textos especializados, bem como as relações dos Estudos da Tradução com as áreas de Linguística e Linguística Aplicada. A partir dessa exposição, retirei o arcabouço teórico que norteia as discussões propostas nesse estudo.

3.1 Tradução e Linguística

Segundo Virgílio Moya (2007, p. 19), “ainda que a teoria da tradução seja tão antiga quanto a prática, suas tentativas de sistematização têm apenas cinquenta anos”²². A primeira tentativa de sistematização, conforme o autor, deve-se ao progresso da linguística e de outras disciplinas, tais como a psicologia e a sociologia, e coincide com o marco da linguística aplicada. Assim, durante muito tempo, os Estudos da Tradução eram classificados como uma subárea de estudos dentro da literatura comparada ou da linguística, não sendo considerada uma disciplina autônoma. Em relação à linguística, havia ainda uma subdivisão, na qual, classificava-se a tradução como uma disciplina pertencente à linguística aplicada. Desse modo, cabe salientar que tanto a tradução como a linguística aplicada, ainda que possam apresentar práticas tradicionais, somente firmaram-se enquanto áreas independentes de investigação teórica recentemente.

Nesse tópico, nos deteremos nas teorias linguísticas da tradução. Dessa forma, ao mesmo tempo em que ainda não era considerado parte integrante da área, o estudo sistemático da tradução tem chamado a atenção de alguns linguistas, destacando a necessidade de se ter uma compreensão mais técnica de como se desenvolve o trabalho de tradução. Ao invés do que

²²Texto fonte: “Aunque la teoría de la traducción sea tan antigua como la práctica, sus tentativas de sistematización tienen tan sólo cinquenta años”.

apenas tentar responder à pergunta “O que é tradução?”, acredita-se que, no futuro, a resposta a esta pergunta convergirá para um dos ramos linguísticos da pesquisa em tradução. Dessa forma, com base na linguística estrutural e na estilística da escola saussuriana, os teóricos Jean-Paul Vinay e Jean d’Albernet escreveram o livro *Stylistique comparée du français et de l’anglais*, publicado em 1958 (Cf. Dalben, 2016, p. 41-42). Em seu texto, Vinay e Darbelnet apresentaram sete procedimentos técnicos, divididos em dois eixos: tradução literal e tradução oblíqua. Para os autores, a tradução literal é aquela que busca uma maior semelhança entre significantes e significados em diferentes línguas, preferencialmente nas relações expressas em traduções palavra por palavra. Assim, para eles, há três métodos associados à tradução direta: a tradução literal, o empréstimo e o decalque.

A tradução oblíqua, por sua vez, consiste em uma tradução não literal e deve ser usada em todos os casos em que a tradução direta no idioma de destino resultaria em: a) texto que difere em significado do original; b) texto sem sentido; c) texto estruturalmente impossível; d) texto sem equivalentes culturais na língua-alvo, ou e) texto correspondente, mas em um registro diferente (Cf. Barbosa, 2004[1990], p. 22-23). Quanto à tradução oblíqua, há quatro métodos: transposição, modulação, equivalência e adaptação.

Dessa forma, Vinay e Darbelnet²³ continuaram situando o estudo da tradução dentro do campo da “linguística aplicada”. De acordo com Moya, o seu livro, na verdade

Trata-se de um manual de teoria e prática da tradução, teoria em um sentido geral, pois tenta facilitar o ato da tradução e deduzir regras práticas; e prática porque um dos objetivos dos seus autores é o de proporcionar aos tradutores uma bateria de conselhos e regras práticas sobre o modo de traduzir.²⁴ (MOYA, 2007, p. 20).

Outro estudioso que se propôs a estudar a tradução sob o enfoque linguístico foi Roman Jakobson (1959), que enxergava a possibilidade de tradução diante de qualquer par de línguas, a qual poderia ser entendida como uma prática generalizada da comunicação interlingual, em particular as atividades de tradução, que, segundo o autor, devem ser objeto de atenção constante da linguística. Segundo Jakobson, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes, sendo a equivalência na diferença o principal problema da linguagem e a principal preocupação da linguística, pois:

²³ Responsáveis por introduzirem o conceito de unidade de tradução, entendida como aquele segmento do texto que se traduz de uma só vez, constituindo um todo indivisível, podendo ir do lexema à frase, passando pelo sintagma (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 16; p. 36-43).

²⁴ Texto fonte: “se trata es de un manual de teoria y practica de la traduccion: teoria, en un sentido lato, porque intenta facilitar el acto de la traduccion y deducir reglas practicas; y práctica, porque uno de los objetivos de sus autores es el de proporcionar a los traductores una bateria de consejos y reglas practicas sobre el modo de traducir”.

[...]nenhum espécime linguístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem sem uma tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema, a prática generalizada da comunicação interlingual, em particular as atividades de tradução, devem ser objeto de atenção constante da ciência linguística. (JAKOBSON, 1959, p. 66)

Após apresentar essa definição, Jakobson (1989[1959], p. 65-66) afirma que: “ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua”. Dessa forma, a partir desse entendimento da tradução enquanto interpretação e, ainda, como operação interlinguística, o autor defendeu que a linguística seja responsável por estudar essa prática (DALBEN, 2016).

A esse respeito, retomamos o que Berman afirma no artigo “La traduction et ses discours”:

Na teoria, a linguística afirma que a tradução é para ela um tema essencial, uma operação na qual ela deve mostrar sua possibilidade ou, eventualmente, sua impossibilidade. Trata-se, a priori, de um fenômeno de interação entre duas línguas que ela define formalizando o conceito corrente sobre tradução. (BERMAN, 1989, p. 342-343).

É assim que, segundo o autor, se chega à “busca da equivalência na diferença” proposta por Jakobson. Dessa forma, a definição que a linguística dá ao ato de traduzir é, segundo Berman (1989, p. 343), “tão vasta e abstrata que omite quase por completo sua dimensão escrita e textual, para não falar de suas dimensões culturais, históricas, etc.”. O que parece indicar, do seu ponto de vista, “um certo desinteresse por um objeto que ela insiste em incluir em sua área de competência” (BERMAN, 1989, p. 343), mesmo que tenha deixado como herança para a área de estudos da tradução o quadro de categorias para análises semióticas e estilísticas. Virgílio Moya (2007) também tece uma crítica ao modelo linguístico de tradução, considerando-o “muito limitado”, pois o seu foco está na definição de tradução e no ensino de sua prática, inclusive, afirma que seus livros têm “aspectos de manuais”.

Na década de 60, surgiram outros linguistas que também começaram a defender a tradução como uma questão de linguagem, como é o caso de Mounin (1963, p. 4) no livro *Les problèmes théoriques de la traduction*, no qual afirma que a observação do comportamento das línguas em situações de contato, por meio de fenômenos de interferência “[...] oferece um método original para estudar as estruturas da linguagem”. Segundo Dalben (2016), não era intenção de Mounin que a tradução ocupasse um lugar menor dentro da linguística, pelo contrário, a pesquisadora considera sua intenção mais ousada quando o autor afirma que a própria linguística, especialmente a “linguística moderna, estrutural e funcional”, seria capaz de esclarecer o problema da tradução (MOUNIN, 1963, p. 19).

De acordo com Berman (1989), teorias como essas têm como ponto de partida “uma definição a priori da tradução como ‘processo de comunicação interlinguístico’[...]” e que, ainda conforme o autor, “na tentativa de construir tipologias, desaguam com uma bela regularidade em proposições de ordem prescritivas e metodológicas”. O autor afirma ainda que esses tipos de discussão são oriundos “de especialistas que não são tradutores”, por isso que existe uma lacuna entre os “teóricos” e os “práticos”, e, nas palavras do autor, “os segundos desdenhando as construções abstratas dos primeiros, e esses últimos desprezando o empirismo mudo dos segundos” (BERMAN, 1989, p. 344).

Conforme Dalben (2016), alguns teóricos da tradução estudam o uso da linguagem (linguagem) mais de perto do que o uso do sistema (linguagem). Saussure argumentou que a linguagem não pode ser estudada sistematicamente, mas teóricos como o suíço-alemão Werner Koller (1979) ignoraram seu alerta. Ele argumentou que a linguística contrastiva deve analisar as diferenças entre os sistemas, e a pesquisa da tradução deve analisar as equivalências entre as representações no uso real da linguagem. Além disso, se a possibilidade de equivalência pudesse ser demonstrada e analisada, isso significava que deveria haver um sistema diferente da noção de língua, de acordo com Saussure.

Para finalizar, trazemos a afirmação de Berman (2007):

A tradução não é nem uma sub-literatura (como acreditava-se no século XVI), nem uma sub-crítica (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma lingüística ou uma poética aplicadas (como acredita-se no século XX). A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio. (BERMAN, 2007, p. 18).

Dessa forma, o autor confirma o lugar de autonomia que a área de Estudos da Tradução vem conquistando, ressaltando o seu papel enquanto ciência e produtora de conhecimentos que ao longo dos anos tem assumido com um crescente número de pesquisas na área.

3. 2 Tradução

De acordo com o dicionário de Koogan e Houaiss da língua portuguesa (2000, p. 1589) o vocábulo *tradução* pode ser definido como “o ato de traduzir, de transpor para outra língua” o que, segundo Geir Campos (1986, p. 7), “leva o tempo que o tradutor emprega no seu trabalho; como efeito, é o que resulta desse trabalho”. Por sua vez, o verbo *traduzir* tem como significado o ato de “transpor (palavra, texto, discurso) de uma língua para outra, conservando as equivalências de semântica e de estilo; transladar” (MICHAELIS, 2023, conforme a origem

latina do verbo *traducere*. Ou seja, de acordo com o que nos explicita o autor, “o que o tradutor faz é levar o leitor de uma língua para o lado da língua do autor estrangeiro, ou, inversamente, trazer o autor de uma língua estrangeira para o lado da língua do leitor” (CAMPOS, 1986, p. 7). O que também podemos constatar na seguinte afirmação:

[...] nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o original: é apenas uma recriação dele. E sempre cabem outras tentativas. Pode-se dizer que, de um mesmo texto, poderão surgir outras tantas traduções aceitáveis quanto forem os objetivos a que ele puder servir. (CAMPOS, 1986, p. 12).

Para Jakobson (1989), a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes, sendo a equivalência na diferença o principal problema da linguagem e a principal preocupação da linguística. O autor, então, distingue três maneiras de interpretar um signo verbal: a tradução em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais. Essas três modalidades de tradução são classificadas da seguinte forma de acordo com o autor:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*): a qual consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua;
- 3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais. (JAKOBSON, 1989, p. 65).

Desse modo, de acordo com o autor, “no nível da tradução interlingual, não há comumente uma equivalência completa entre as unidades de código, as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras” (JAKOBSON, 1989, p. 65). Entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, as mensagens de uma língua são substituídas por mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, ou seja, o trabalho de tradução consiste na observação do texto como uma unidade, não apenas nas partes (isoladas) que o constituem. Para o estudioso,

A ausência de certos processos gramaticais na linguagem para a qual se traduz nunca impossibilita uma tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original [...]. Se alguma categoria gramatical não existe numa língua dada, seu sentido pode ser traduzido nessa língua com a ajuda de meios lexicais [...]. É mais difícil permanecer fiel ao original quando se trata de traduzir, para uma língua provida de determinada categoria gramatical, de uma língua carente de tal categoria [...]. Quanto mais rico for o contexto de uma mensagem, mais limitada será a perda de informação. (JAKOBSON, 1989, p. 67-69).

A tradução, de acordo com Hurtado Albir (2001) é uma habilidade, um saber-fazer que consiste em saber passar pelo processo de tradução, sabendo como resolver os problemas de tradução que surgem em cada caso. Na perspectiva da autora,

A tradução mais do que conhecimento é um saber-fazer – nesse sentido, seguindo a distinção de Anderson (1983) entre o conhecimento declarativo (saber o quê) e o conhecimento processual ou operacional (saber como), teremos que qualificar o conhecimento, traduzir como um conhecimento essencialmente operacional e que, como todo conhecimento operacional, é adquirido principalmente pela prática [...]. (HURTADO ALBIR, 2001, p. 25).

Assim, conforme observado na afirmação acima, essa habilidade é fruto da prática de traduzir. Em nota, a autora acrescenta que, conforme Anderson (1983), o conhecimento declarativo consiste em um conhecimento facilmente verbalizado, o qual é adquirido por exposição e cujo processamento é inerentemente controlado. Já o conhecimento procedimental, por outro lado, consiste em conhecimentos difíceis de verbalizar, adquiridos por meio da prática e processados automaticamente na natureza.

Conforme Catford (1980, p. 1), “a tradução é uma operação que se realiza nas línguas: um processo de substituição de um texto numa língua por um texto em outra”. Dessa forma, compreendendo a complexidade das línguas, pode-se deduzir que a tradução de um texto é um trabalho meticuloso que envolve vários processos, desde a leitura e compreensão do texto original a uma série de escolhas lexicais com o objetivo de ser fiel à mensagem do autor do texto fonte (TF) na composição do texto alvo (TA). Para compensar possíveis problemas na tradução ou esclarecer o uso de determinados termos, o tradutor geralmente acrescenta um comentário crítico, que refletirá a sua interpretação do texto original.

Ainda de acordo com Catford (1980), é necessário fazer a distinção entre a equivalência de tradução enquanto fenômeno empírico, por um lado, o qual pode ser “descoberto pela comparação de textos da língua fonte LF e da língua meta LM”, e as condições implícitas, ou a equivalência de tradução, por outro lado. Outra distinção também importante que o autor aponta é entre *equivalência textual* e *correspondência formal*, na qual a primeira corresponde a qualquer texto ou parte de texto na LF, e a segunda “é qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura etc.) que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da LM o ‘mesmo’ lugar de economia que determinada categoria na LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 29).

Dessa forma, um equivalente textual, de acordo com Catford (1980, p. 29), “é, pois, qualquer forma da LM (texto ou porção de texto) que se observe ser o equivalente de qualquer forma da LF (texto ou porção de texto)”. O autor acrescenta, em relação à descoberta de equivalentes textuais, que esta deve basear-se no conhecimento de um tradutor competente.

Para Costa (1992), o tradutor é aquele que cria o texto a partir de outro texto. Segundo o pesquisador, para que o texto seja considerado uma tradução, é necessário que ele guarde uma semelhança com o texto de partida, a qual é denominada como equivalência. No

artigo “O texto traduzido como re-textualização”²⁵, Costa (2005) concentra sua discussão na análise na equivalência textual, considerando que o tradutor sofre com as restrições impostas pela organização textual, ainda que em outro código, assim, para Costa, há uma limitação do texto traduzido.

Hurtado Albir (2001, p. 212) adverte que as classificações de equivalência baseada apenas em critérios de diferença linguística se refere à equivalência entre línguas e não à equivalência tradutória. Além disso, reitera que deve prevalecer a caracterização que se outorgue à noção, a qual deve ser flexível e dinâmica, para além do termo equivalência. Segundo a autora,

Acreditamos que devemos partir de uma caracterização flexível e dinâmica da equivalência tradutória, considerando-a como um conceito relacional entre a tradução e o texto original que define a existência de um vínculo entre ambas; Essa relação é sempre estabelecida de acordo com a situação comunicativa (receptor, finalidade da tradução) e o contexto sócio-histórico em que ocorre o ato tradutório e, portanto, tem caráter relativo, dinâmico e funcional.²⁶ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 209).

Ao longo dos anos o debate sobre a equivalência esteve sempre presente nos Estudos da Tradução com o objetivo de demonstrar quais são os processos que estão por trás da tradução, rendendo inúmeras discussões sobre possíveis definições e classificações. De acordo com Kenny (2009, p. 96), “graças à sua relação íntima com conceitos como signo, significado, referência e idioma, a compreensão da equivalência revela o entendimento dos processos que estão por trás da tradução”.

A equivalência é um conceito fundamental na teoria da tradução, pois consiste na relação entre o texto fonte e o texto alvo. Os tradutores enfrentam o desafio de como transmitir adequadamente o significado do texto original em outro idioma, mantendo a consistência e a fidelidade do texto original. A equivalência pode ser alcançada de diversas maneiras, como através da reprodução do significado, da estrutura, da forma ou do estilo do texto original. Segundo Leal (2012, p. 39), “os defensores das teorias de tradução, baseadas em equivalências, agora a definem como uma relação entre dois textos: um texto de partida (TP) e um texto de

²⁵ Este artigo é uma versão levemente modificada do Capítulo 2 da tese de doutoramento do autor, intitulada *A linguistic approach to the analysis and evaluation of translated texts with special reference to selected texts by J. L. Borges* [Uma abordagem linguística à análise e avaliação de textos traduzidos, com referência especial a uma seleção de textos de J. L. Borges], defendida em 1992 na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Tradução de Helen Conceição, Silvia Corti e Pedro M. Garcez, elaborada a partir do texto publicado em 1992 na revista *Ilha do Desterro*, v. 28, p. 133-155.

²⁶ Texto fonte: “Pensamos que hay que partir de una caracterización flexible y dinámica de la equivalencia traductora considerándola como un concepto relacional entre la traducción y el texto original que define la existencia de un vínculo entre ambos; esta relación se establece siempre en función de la situación comunicativa (receptor, finalidad de la traducción) y del contexto sociohistórico en el que se desarrolla el acto traductor, y, por consiguiente, tiene un carácter relativo, dinámico y funcional”.

chegada (TC)”. Portanto, entender o conceito de equivalência é importante para ajudar a entender os desafios e as complexidades envolvidas na tradução de textos, e fundamental para a realização de uma tradução de qualidade.

De acordo com Nord (2009) o “conceito de equivalência tradicional [...] trata-se de um conceito estático, que descreve, referindo-se ao resultado do processo tradutório, a relação entre dois textos (ou, em níveis inferiores, duas palavras, frases, estruturas sintáticas etc.) que têm ‘o mesmo valor comunicativo’” (NORD, 2009, p. 218). Esse valor se refere ao significado, às conotações ou ao efeito comunicativo e não leva em consideração “a situação e os receptores do texto meta, cujo interesse legítimo é obter um texto que lhes ‘sirva’ para algo, que seja compreensível e que ‘funcione’ numa comunicação que se realiza nas condições da cultura meta” (NORD, 2009, p. 219).

Em relação ao “conceito funcionalista”, Nord (2009) se baseia na teoria do Escopo (do grego, palavra que significa propósito), apresentada por Hans J. Vermeer, na qual “EQUIVALÊNCIA significa ADEQUAÇÃO a um escopo específico que exige que o texto-alvo cumpra as mesmas funções comunicativas do texto-base” (NORD, 2009, p. 218, grifos da autora). Dessa forma, o conceito de equivalência, restringe-se à equivalência funcional e em nível textual, e não no plano de sistema da língua. Conforme a autora, o princípio fundamental dessa teoria consiste em que o objeto comunicativo determina os métodos “traslativos” (NORD, 2009, p. 219). No entanto, o problema consiste em que “em uma aplicação radical do conceito funcionalista, qualquer objetivo para a tradução de um dado texto-base seria justificado”, imprimindo uma ideia de que “os fins justificam os meios”, desconsiderando fatores como “respeito aos demais participantes da interação tradutória: o autor do texto” (NORD, 2009, p. 219).

Assim, o “conceito tradicional de equivalência” bem como o “conceito funcionalista radical” são, na visão de Nord (2009), insuficientes, e a autora não busca a definição de equivalência, mas combina esses dois conceitos citados e estabelece como princípios norteadores da tradução a funcionalidade, ou seja, a idoneidade do texto para um determinado propósito, e a lealdade, isto é, o respeito às intenções e expectativas das pessoas envolvidas no “ato traslativo”. Dessa forma, a autora introduz um novo conceito, o de lealdade, que considera a possibilidade de negociação do encargo da tradução:

Lealdade não significa que o tradutor sempre faz o que os outros esperam, mas que ele negocia a tarefa com o cliente (se isso vai contra sua lealdade aos destinatários) ou que ele explica e justifica suas estratégias de tradução para os destinatários do texto alvo, se forem diferentes das esperadas por eles. (NORD, 2009, p. 219).

Pym (2016) define a equivalência em termos gerais como uma pressuposição em que o texto original e o texto de chegada “sejam capazes de ter o mesmo valor em um determinado nível e para determinados fragmentos, e que esse valor pode ser expresso de mais de uma forma” (Pym, 2016, p. 20), ao contrário, segundo o autor, não haveria problema sobre o que teorizar. E afirma que “o termo equivalência tornou-se uma característica comum de muitas teorias de tradução, em várias línguas europeias, durante a segunda metade do século XX” (Pym, 2016, p. 20).

Dessa forma, ainda que para alguns estudiosos o conceito de equivalência esteja em desuso, estamos de acordo com Pym (2016, p. 23), que afirma haver “muitos caminhos válidos de abordagem à tradução, podendo qualquer deles revelar-se útil ou estimulante numa dada situação” e no sentido de que, conforme o autor, “o paradigma da equivalência foi e continua sendo muito mais rico do que [as] rejeições simplistas sugerem” (Pym, 2016, p. 21). Assim, consideramos esse conceito relevante para o desenvolvimento deste trabalho bem como a questão da manutenção da organização textual a partir das reflexões originárias do ato tradutório.

Dessa forma, observamos que as noções de equivalência apresentadas nesse tópico não são contraditórias, mas complementares, no sentido de que enfocam a equivalência não apenas em nível linguístico, mas em nível textual e funcional, considerando as funções de um determinado texto. Portanto, levando em consideração essas definições, pode-se afirmar que o presente estudo consiste na tradução interlingual de um texto da língua espanhola do século XIX para a língua portuguesa utilizada no Brasil atualmente, considerando a norma culta, e que se baseia nas noções de equivalência discutidas por Catford (1980), Costa (1992), Pym (2016), Hurtado Albir (2001) e Nord (2009) e, ainda, a habilidade de saber-fazer apontada por Hurtado Albir (2001) bem como a reflexão sobre a tradução apontada por esses estudiosos juntamente com Berman (1989, 2007) e as noções sobre problemas de tradução apontados por Nord (2009), as quais foram essenciais na resolução dos problemas de tradução que surgiram ao longo do processo de tradução realizado nessa pesquisa.

3.3 A tradução de textos especializados

Hurtado Albir (2001, p. 59) considera como textos especializados aqueles cuja linguagem apresenta uma especialidade em algum campo de atuação: “técnico, científico, jurídico, econômico, administrativo, etc.”, optando pela denominação de “tradução de textos especializados ou gêneros especializados” em detrimento da nomenclatura de “tradução

especializada”. Segundo a autora, “toda tradução (literária, audiovisual etc.), é especializada no sentido em que se requer do tradutor, conhecimentos e habilidades especiais”²⁷ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 59). Assim, ponderamos a abordagem do nosso estudo com base no conceito na nomenclatura apresentados pela autora, considerando que o texto escolhido para a tradução comentada se concentra no campo de estudos da linguística e, dessa forma, há de apresentar uma linguagem específica dentro dessa área de investigação científica.

Para esclarecer melhor o que seriam os textos especializados, a autora ainda recorre à definição de Cabré (1992/1993 *apud* HURTADO ALBIR, 2001, p. 60), o qual afirma que textos especializados são “subconjuntos da linguagem geral, caracterizados pragmaticamente por três variáveis: a temática, os usuários e as situações comunicativas”²⁸. Dessa forma, segundo a autora,

Cabré indica que as linguagens especializadas têm uma temática especializada no sentido de que foram objeto de uma aprendizagem especializada, que os usuários são especialistas e que as situações de comunicação são do tipo formal, reguladas normalmente por critérios profissionais ou científicos. Além disso, essas linguagens também têm características linguísticas e textuais e não são monolíticas, mas têm variedades dependendo dos usos e das situações comunicativas (segundo o grau de abstração e os propósitos comunicativos).²⁹ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 60).

Dessa forma, compreende-se que, segundo Cabré, o texto especializado seria qualquer comunicação realizada no âmbito da linguagem de especialidade. A tradução de textos especializados, segundo Hurtado Albir (2001, p. 60), “está marcada pelo domínio de campo, uma vez que o tradutor deve ter conhecimentos no campo temático em questão para poder efetuar o processo tradutório”³⁰, ou seja, o domínio sobre o assunto é essencial para o desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, a autora apresenta um quadro de Gamero (1998 *apud* HURTADO ALBIR, 2001), o qual aponta as características desse tipo de tradução e as competências requeridas do tradutor, no que se refere à tradução escrita de textos técnicos, mas que, segundo a pesquisadora, podem ser aplicadas ao conjunto de textos especializados. Segue a tabela elaborada por Gamero e apresentada pela autora:

²⁷Texto fonte: “toda traducción (literaria, audiovisual, etc.) es especializada en el sentido que requiere unos conocimientos y habilidades especial”.

²⁸Texto fonte: “Todo texto especializado sería, según Cabré, cualquier comunicación realizada en el seno de los lenguajes de especialidad”.

²⁹ Texto fonte: “Cabré indica que los lenguajes especializados tienen una temática especializada en el sentido en que han sido objeto de un aprendizaje especializado, que los usuarios son especialistas y que las situaciones de comunicación son del tipo formal, reguladas normalmente por criterios os profesionales o científicos. esos lenguajes tienen además características de tipo lingüístico y textual y no son monolíticos, sino que presentan variedades en función de los usos y de las situaciones comunicativas (segun el grado de abstracción y los propósitos comunicativos)”.

³⁰Texto fonte: “la traducción de textos especializados está marcada por la dominante de campo, ya que el traductor ha de tener conocimientos en el campo temático en cuestión para poder efectuar el proceso traductor”.

Quadro 1 – Características de la traducción de textos especializados (GAMERO, 1998, p. 100)

CARACTERÍSTICAS DE FUNCIONAMIENTO TEXTUAL	COMPETENCIAS REQUERIDAS DEL TRADUCTOR	
Importancia del campo temático	Conocimientos temáticos	CAPACIDAD PARA DOCUMENTARSE
Terminología específica	Conocimientos de terminología	
Géneros característicos	Conocimiento de los géneros característicos	

Fonte: Hurtado Albir (2001, p. 61).

A partir desse quadro, Hurtado Albir diz que:

O tradutor deve ter conhecimentos temáticos sobre a matéria científica, técnica, jurídica, etc., que deverá traduzir, ou seja, uma competência principalmente de compreensão, uma vez que, diferentemente do especialista da área, não é necessário que o tradutor seja capaz de produzir por si mesmo um texto especializado.³¹ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 61).

Desse modo, para a autora, caso o tradutor não tenha conhecimentos suficientes para realizar o seu trabalho, deve realizar estudos e pesquisas que o auxiliem na sua tarefa. Assim, o conceito deverá sobrepor-se à terminologia, pois, para que se possa compreender determinado termo é necessário relacioná-lo ao seu conceito. Outro ponto destacado por Hurtado Albir é a importância do conhecimento dos gêneros textuais que são próprios do âmbito no qual ele pretende realizar a tradução bem como a função de cada um, levando em consideração as convenções linguísticas e textuais. Vale ressaltar, segundo a autora, que a tradução especializada possui um campo bastante diversificado de atuação, não sendo, portanto, propriedade exclusiva da tradução escrita. De fato, no âmbito da tradução oral também é possível encontrar vários exemplos desse tipo de tradução conforme a situação comunicativa, tais como conferências, seminários e palestras.

3. 4 A tradução comentada

A tradução comentada origina-se com a tradução de textos sagrados; no entanto, essa área se expandiu e, atualmente, abrange um campo de estudos cada vez mais relevante, ganhando grande destaque no âmbito acadêmico e tornando-se cada vez mais pesquisada e desenvolvida enquanto gênero textual. Vale ressaltar que foi a partir da década de 1960 que as

³¹ Texto fonte: “O tradutor deve ter conhecimentos temáticos sobre a matéria científica, técnica, jurídica, etc, que deverá traduzir, ou seja, uma competência principalmente de compreensão, uma vez que, diferentemente do especialista da área, não é necessário que o tradutor seja capaz de produzir por si mesmo um texto especializado”.

pesquisas em tradução começaram a conquistar mais espaços e que a consolidação dos Estudos da Tradução como área autônoma de pesquisa impulsionou o desenvolvimento das traduções comentadas dentro das instituições e publicações acadêmicas, sobretudo no Brasil. Um dos motivos para o interesse por essa atividade, conforme nos aponta Torres (2017, p. 15), é o fato de que “além de partir do exercício da tradução em si”, a tradução comentada “trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário”. Dessa forma, desempenha um importante papel, que consiste em traduzir, comentar e refletir sobre o ato tradutório. Ainda de acordo com a pesquisadora, “tradução e comentário são críticos”, uma vez que “não existe comentário sem leitura” (TORRES, 2017, p. 17). Assim, temos o comentário que reflete, a partir de uma teorização clara e precisa, como se deu o processo de tradução a partir das escolhas feitas pelo tradutor (TORRES, 2017).

Torres (2017) afirma que a tradução comentada é um gênero discursivo acadêmico, no qual os tradutores e estudantes procuram justificar suas escolhas tradutórias ao longo do texto num constante diálogo com o leitor, através das notas de rodapé ou notas de fim, também conhecidas como notas do tradutor (NT). Tradicionalmente, o que se tem conhecimento é de que a tradução comentada consiste na tradução de um texto, em sua maioria de caráter literário, de uma língua para outra, e na realização de comentários a partir das teorias dos estudos em tradução. No entanto, seu propósito tem se tornado cada vez mais abrangente, passando a conglomerar traduções de diferentes tipos de textos das mais diversas áreas de conhecimento, inclusive textos científicos, como é o caso desse estudo.

Segundo Williams e Chesterman (2002, p. 7), no livro *The Map*, item “Areas in Translation Research”, subitem “Text Analysis and Translation”, “uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”. Nessa afirmação, conforme aponta Zavaglia (2015), é possível observar que os autores utilizam os termos *translation with commentary* e *annotated translation* como sinônimos, referindo-se ao mesmo gênero textual, no entanto, isso não se configura na prática, pois o tradutor pode realizar o seu trabalho de tradução inserindo notas de fim ou notas de rodapé e/ou realizar comentários sobre o processo de tradução.

Em relação aos comentários da tradução apresentados pelo tradutor, de acordo com Williams e Chesterman (2002), as explicações e anotações apresentadas podem incluir discussões sobre a tarefa de traduzir, a análise de aspectos do texto fonte bem como do contexto em que ele foi produzido, ou ainda, os problemas enfrentados e as justificativas sobre soluções

sugeridas no decorrer do processo tradutório. Ainda conforme os autores, os comentários apresentados pelo tradutor podem aparecer de diferentes formas, dentre as quais, discussões sobre a tarefa de traduzir, análise do texto-fonte e do contexto em que ele foi escrito ou justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002).

A nota da tradução consiste em uma nota que o tradutor insere a fim de facilitar a compreensão do leitor, com informações que ele considerar útil, como, por exemplo, alguma palavra ou expressão do texto fonte de difícil entendimento, diferenças no contexto cultural etc. É um recurso importante e bastante utilizado, no qual as notas podem estar localizadas no começo ou no final do texto, ou ainda ao longo da tradução, neste caso, inseridas como “notas de rodapé”, com um caráter explicativo no que diz respeito à justificativa para a tradução de termos ou expressões referentes ao texto fonte ou para a manutenção destes na língua original.

No que diz respeito à estrutura recorrente em estudos desse gênero acadêmico, conforme aponta Freitas (2017) na apresentação do livro *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução*, o padrão consiste na exposição do texto original em colunas e a sua tradução disposta ao lado, de forma bilíngue, possibilitando a melhor visualização e compreensão do texto. Em seguida, se apresenta um comentário crítico de tradução pautado em estudos teóricos, que permitirá a compreensão do funcionamento do processo de elaboração da tradução, englobando as escolhas do tradutor e “trazendo argumentos teóricos quanto às escolhas que o tradutor-pesquisador fez bem como os efeitos destas no texto traduzido” (FREITAS, 2017, p. 11).

Consideramos que, apesar da abordagem recente sobre essa prática tradicional da tradução, o gênero textual “tradução comentada” vem consolidando-se enquanto gênero acadêmico, sendo cada vez mais estudado e difundido no campo dos Estudos da Tradução, propiciando várias reflexões sobre o ato tradutório e o papel do tradutor. De acordo com Freitas (2017, p. 11), a tradução comentada adquiriu, ao longo dos 15 últimos anos, um formato acadêmico, principalmente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal do Ceará (UFC). Segundo Torres (2017), assim como o artigo e a tese são gêneros acadêmicos, também o comentário de tradução pode ser considerado como um gênero acadêmico-literário. No caso, a autora afirma que “o caráter literário do comentário de tradução dependerá do seu autor e do objeto em estudo” (TORRES, 2017, p. 18).

Dessa forma, tanto a tradução como o comentário são considerados como gêneros acadêmicos e dada a riqueza, a complexidade desses gêneros em estudo e as diferentes possibilidades de organização textual, acreditamos que esse percurso é extremamente relevante,

proporcionando o aprofundamento dos estudos acerca da tradução comentada, considerando as contribuições que trazem tanto aos Estudos da Tradução como às áreas de estudos integradas ao texto fonte da pesquisa.

3. 5 Abordagem metodológica

Com a finalidade de atender melhor ao propósito deste trabalho, esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual me debrucei sobre as problemáticas inerentes ao ato de traduzir, colocando-me no papel do tradutora e buscando discutir as soluções encontradas quanto ao uso de termos e expressões, fazendo, desta forma, um uso da metalinguagem, considerando a natureza linguística do texto traduzido e também me utilizando de comentários críticos embasados nas teorias dos Estudos da Tradução.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2017), este é um método que utiliza material já existente, como livros e artigos científicos, e foi utilizada nesse trabalho de forma a realizar um levantamento em relação à vida e obra de Andrés Bello e fundamentar teoricamente esse trabalho, seguindo o que nos orienta o autor. Para isso, foram utilizados como fontes da pesquisa: livros, gramáticas, dicionários, artigos, teses, dissertações e monografias. Gil (2017) afirma que as pesquisas bibliográficas são de grande utilidade para os pesquisadores por oferecer informações que seriam difíceis de se coletar em campo; entretanto, elas podem comprometer a qualidade da pesquisa quando apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Por isso, vale ressaltar a importância do embasamento da pesquisa em fontes fidedignas, do levantamento criterioso dos dados e da sua articulação cautelosa com o estudo.

Para embasar nossas análises sobre o ato tradutório, foi utilizado o elemento da reflexividade que, segundo Berman (1989), é um dos objetivos da tradução. Conforme o autor, “a tradutologia é a reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência”. Assim, “a tradutologia é, pois, a retomada reflexiva da experiência que é a tradução e não uma teoria que viria a descrever, analisar e eventualmente reger essa atividade” (BERMAN, 1989, p. 347). Para Berman (1989), a experiência realizada na tradução tem uma tripla dimensão, que consiste nos seguintes procedimentos:

Em primeiro lugar, o tradutor experiencia a diferença e o parentesco das línguas, em um nível que ultrapassa aquilo que a linguística ou a filologia podem empiricamente constatar nesse sentido, porque esse parentesco e essa diferença manifestam-se no próprio ato de traduzir. Em segundo lugar, ele experiencia a traduzibilidade e a intraduzibilidade das obras. Em terceiro lugar, ele experiencia a própria tradução,

estando marcada por duas possibilidades antagônicas: ser restituição do sentido ou reinscrição da letra. (BERMAN, 1989, p. 347-348).

O autor afirma ainda que “o discurso tradutológico funda-se sobre a reflexividade originária do traduzir”. A tradutologia não é, portanto, “um discurso fechado”, pois “recusa desde o início a ideia de uma teoria global e única do traduzir”, somente tornando-se “possível no horizonte da restituição do sentido”. Segundo Berman, este “é o único ponto em comum a todas, mas o mais problemático, porque oculta uma outra dimensão mais essencial: o trabalho sobre a letra” (p.348). No livro *A tradução e a letra*, Berman afirma que a tradutologia deve ser reflexão e experiência, um pensamento-da-tradução, pois se esforça por mostrar, explicitando o saber inerente ao ato de traduzir, o que este tem em “comum” com o ato de “filosofar”. Assim, ao explicitar esses saberes próprios da tradução, o autor visa relacioná-la ao ato de “filosofar”, no sentido de propor reflexões através de um pensamento mais elaborado e articulado, na busca pelo entendimento de determinadas questões complexas (BERMAN, 2007, p. 20).

Retomando o artigo “La traduction et ses discours”, traduzido por Marlova Aseff, no qual Berman nos apresenta dez tarefas da tradutologia, selecionamos três, aquelas que mais se relacionam com a proposta dessa pesquisa, que são: a quinta tarefa, a qual, conforme o autor, “consiste em desenvolver uma reflexão sobre o tradutor, pois podemos dizer que se trata de um grande esquecido de todos os discursos sobre a tradução”, a sétima tarefa, que por sua vez, “consiste em explorar [...] as fronteiras da tradução”, e por fim, a nona tarefa, a qual “consiste em definir as relações da tradutologia como discurso-da-tradução com dois outros modos essenciais de relação com as obras: o comentário e a crítica” (BERMAN, 1989, p. 348-351). Segundo Berman,

Essa tarefa é ainda mais importante porque a tradução seguidamente tem sido definida como uma atividade crítica (é a crítica pela tradução de Pound) ou foi confinada na atividade crítica (do romantismo alemão a Steiner); além disso, comentário e tradução têm relações íntimas, como demonstram, no século 20, as reflexões filosóficas, religiosas e psicanalítica. (BERMAN, 1989, p. 351).

Dessa forma, o autor considera a atividade crítica como parte essencial do processo tradutório, definindo a relação dos estudos da tradução como um discurso da tradução com dois outros modos essenciais de relação com a obra, que são os comentários e ascríticas. Os comentários são importantes para situar o leitor acerca do texto e das escolhas tradutórias, já as críticas possibilitam reflexões para a melhoria do texto traduzido.

Sobre o processo tradutório, de acordo com Nord (2009):

No processo de tradução, os (futuros) tradutores enfrentam dificuldades e problemas. Embora os dicionários geralmente definam as duas palavras como sinônimas,

proponho uma distinção categórica entre os dois conceitos. As dificuldades de tradução são subjetivas, individuais e interrompem o processo até que sejam superadas pelas ferramentas certas, enquanto os problemas de tradução são intersubjetivos, gerais, e tem que ser resolvido por procedimentos translacionais que fazem parte da competência tradutória (NORD, 2009, p. 233).

Os dois conceitos, de acordo com a autora, podem dividir-se em quatro tipos. Em relação às dificuldades de tradução, temos: dificuldades textuais, dificuldades de competência, dificuldades profissionais e dificuldades técnicas. Os problemas de tradução, por sua vez, consistem em: problemas pragmáticos de tradução (PPT), problemas culturais de tradução (PCT), problemas linguísticos de tradução (PLT) e problemas de tradução extraordinários (PTE). De acordo com essa proposta de Nord (2009), visamos categorizar os problemas encontrados ao longo do processo de tradução. A autora considera ainda que:

Os problemas de tradução são trabalhados “top-down”, de cima para baixo: começando com a pragmática, depois continuando com os problemas culturais e linguístico e, por fim, o extraordinário. Porque é de cima para baixo que se reduzem as chances de variação a cada passo: Em certas situações-em-cultura, determinadas formas culturais não podem ser utilizadas, e assim, diminui o número de variações linguísticas viáveis. Ao proceder no sentido inverso, ou seja, de baixo para cima, pode acontecer de encontrarmos uma solução que gostemos muito a nível linguístico, mas que não é culturalmente apropriada ou mesmo percebemos no plano pragmático, que o parágrafo em questão não deve ser traduzido por razões do ofício. (NORD, 2009, p. 236).

Em relação à tradução comentada e aos comentários da tradução, este ponto foi definido em uma seção anterior (vide 3.4), destinada para este fim. Dessa forma, os comentários desse trabalho estão organizados em um tripé, que consiste nos comentários sobre: o texto de Andrés Bello; o processo de tradução, considerando o papel do tradutor diante do processo de tradução; e em uma análise descritiva, a partir da qual se pretende analisar e comentar as escolhas tradutórias, apresentando os problemas de equivalência e de tradução encontrados ao longo do trabalho. Para isso, levei em consideração os apontamentos teóricos de Berman (1989, 2007), Hurtado Albir (2001), Pym (2016), Costa (1992) e Nord (2009).

4 TRADUÇÃO ANOTADA

ANÁLISIS IDEOLÓGICA ³² DE LOS TIEMPOS DE LA CONJUGACIÓN CASTELLANA	ANÁLISE IDEOLÓGICA DOS ³⁵ TEMPOS DA CONJUGAÇÃO CASTELHANA ³⁶
<p style="text-align: center;">INDICATIVO</p> <p>27. El modo indicativo tiene cinco formas simples: <i>amo, amé, amaré, amaba, amaría</i>.</p> <p style="text-align: center;"><i>Amo, presente.</i></p> <p>28. Significa la coexistencia del ATRIBUTO, esto es, del significado radical del verbo, con el momento en que se habla.</p> <p>29. Esta relación de coexistencia no consiste en que las dos duraciones principien y acaben a un tiempo; basta que el acto de la palabra, el momento en que se pronuncia el verbo, coincida con un momento cualquiera de la duración del atributo; la cual, por consiguiente, puede haber comenzado largo tiempo antes, y continuar largo tiempo después. Por eso el presente es la forma que se emplea para expresar las verdades eternas o de una duración indefinida: “Madrid está a las orillas del Manzanares”; “La tierra</p>	<p style="text-align: center;">INDICATIVO</p> <p>27. O modo indicativo possui cinco formas simples: <i>amo, amé, amaré, amaba, amaría</i>³⁷.</p> <p style="text-align: center;"><i>Amo, presente.</i></p> <p>28. Significa a coexistência do ATRIBUTO, ou seja, do sentido radical do verbo, com o momento no qual se fala.</p> <p>29. Essa relação de coexistência não consiste em que as duas³⁸ durações comecem e acabem ao mesmo tempo³⁹; basta que o ato da palavra, o momento em que o verbo é pronunciado⁴⁰, coincida com um momento qualquer da duração do atributo; à qual, conseqüentemente⁴¹, pode ter começado⁴² muito tempo antes e continuar por longo tempo depois. Por isso,⁴³ o presente é a forma que se emprega para expressar as verdades eternas ou de uma duração indefinida: “Madrid está a las orillas del Manzanares”; “La tierra gira al rededor del sol”; “El cuadrado de la</p>

³²Como se pode observar no texto de Bello pela concordância nominal, o substantivo “análisis” era feminino. Atualmente, esse substantivo é masculino.

³⁵Utilizei no texto meta, a forma contraída da preposição “de” com o artigo “os”, pois conforme Moreno & Fernández (2007, p.171-172), ainda que em português e espanhol existam praticamente as mesmas preposições alguns usos são distintos, em português existem muitas contrações de preposição + artigo (em +o/a= no, na; por +o/a= pelo, pela; a+o=ao; a+a= à; de+o/a=do, da). Em espanhol só são possíveis dois tipos de contração em dois casos: quando se usa preposição “a”, seguida do artigo “el”, resultando na forma “al” e quando se emprega a preposição “de”, seguida do artigo “el”, ficando “del”.

³⁶Optei por permanecer com o termo “castelhano” na tradução ainda que, dada a relevância dos estudos gramaticais de Bello para a gramática espanhola atual, a nomenclatura adotada pelo autor consta em muitos materiais didáticos. Além disso, a proposta de Bello consiste justamente na emancipação linguística, em um processo de autoafirmação do castelhano.

³⁷Aqui autor afirma apresenta as cinco formas simples do modo indicativo e como se trata da divisão das formas no modo indicativo em castelhano, manteve as nomenclaturas do TF, marcando em itálico. Procedi da mesma maneira para me referir às formas compostas.

³⁸Traduzi “dos” (TF) por “duas” (TM). O numeral dois em ES é invariável, enquanto em PT, sofre variação de gênero. (Romero Dueñas & Hermoso, p.62-63)

³⁹Aqui temos a expressão “a un tiempo”, que traduzi por “ao mesmo tempo” buscando uma aproximação semântica a ideia expressa por Bello, uma ideia de concomitância das ações.

⁴⁰Embora as formas da voz passiva sejam praticamente idênticas tanto em português como em espanhol, na tradução, optamos pelo uso da voz passiva analítica em detrimento da voz passiva sintética do texto original, pois, na língua espanhola, a voz passiva com ser + participio (em português, conhecida como voz passiva analítica) tem uma frequência de uso menor do que em português. Assim, em espanhol, atualmente, *la pasiva refleja*, a qual, em português equivale à voz passiva sintética, é mais utilizada. (Concha Moreno & Eres Fernández, 2007, p.286)

⁴¹Traduzi a expressão “por consiguiente” da LE por “conseqüentemente” PT. Embora exista o correspondente “por conseguinte”, a forma “conseqüentemente” é mais usual.

⁴²Alteração no infinitivo composto do texto fonte (TF) na qual a construção é feita com o verbo “haber”, em português, a forma correspondente seria o verbo “haver”. Porém, em PT as construções com infinitivo composto na linguagem coloquial são feitas com o auxiliar “ter”. (CEGALLA, 2006, p. 200)

⁴³Na tradução acrescentei o uso da vírgula, justificada pelo fato de a oração iniciar pela locução conjuntiva “por isso”, a qual faz referência às informações descritas na frase anterior, com o sentido de apresentar uma explicação ao que foi dito.

<p>gira al rededor del sol” ; “El cuadrado de la hipotenusa es igual a la suma de los cuadrados de los catetos”.</p> <p style="text-align: center;"><i>Amé, pretérito</i></p> <p>30. Significa la anterioridad del atributo al acto de la palabra.</p> <p>31. Nótese que en unos verbos el atributo, por el hecho de haber llegado a su perfección, expira, y en otros sin embargo subsiste durando; a los primeros llamo verbos DESINENTES, y a los segundos, PERMANENTES. Nacer, morir, son verbos desinentes, porque luego que uno nace o muere, deja de nacer o morir; pero ser, ver, oír, son verbos permanentes, porque sin embargo de que la existencia, la visión o la audición sea desde el principio perfecta, puede seguir durando gran tiempo.</p> <p>32. El pretérito en los verbos desinentes significa siempre anterioridad de toda la duración del atributo al acto de la palabra, como se ve por estos ejemplos: “Se edificó una casa a la orilla del río”; “La nave fondeó a las tres de la tarde”. Mas en los verbos permanentes sucede a veces que el pretérito denota la anterioridad de aquel solo instante en que el atributo empieza a tener una existencia perfecta: “Dijo Dios, sea la luz, y la luz fué”; fué vale lo mismo que principió a ser.</p>	<p>hipotenusa es igual a la suma de los cuadrados de los catetos”.</p> <p style="text-align: center;"><i>Amé, pretérito</i></p> <p>30. Significa a anterioridade do atributo ao ato da palavra.</p> <p>31. Perceba⁴⁴ que em alguns⁴⁵ verbos, o atributo, pelo fato de, tendo atingido a sua perfeição, expira, e em outros, no entanto⁴⁶, continua⁴⁷ durando; aos primeiros chamo⁴⁸ de verbos DESINENTES, e aos segundos, PERMANENTES. Nascer, morrer, são verbos desinentes, porque depois⁴⁹ que se nasce⁵⁰ ou se morre, deixa-se de nascer ou morrer; mas <i>ser, ver, oír</i>, são verbos permanentes, porque ainda que a existência, a visão ou a audição seja perfeita desde o início, pode continuar⁵¹ durando por muito⁵² tempo.</p> <p>32. O pretérito em verbos desinentes sempre significa anterioridade de toda a duração do atributo ao ato de palavra, como se vê nestes exemplos: “Se edificó una casa a la orilla del río”; “La nave fondeó a las tres de la tarde”. Mas em verbos permanentes às vezes sucede⁵³ que o pretérito denota a anterioridade daquele único⁵⁴ instante em que o atributo começa a ter uma existência perfeita: “Dijo Dios sea la luz, y la luz fué”; <i>sea</i> tem o mesmo sentido que começou⁵⁵ a ser.</p>
---	---

⁴⁴Traduzi o verbo “nótese” (TF) por “perceba” (TM). Conforme Dicionário Señas (2001, p. 887).

⁴⁵De acordo com o Dicionário Señas (2006, p 1272), unos é um adjetivo, indefinido plural que corresponde a alguns.

⁴⁶Traduzi a conjunção adversativa “sin embargo” (TF) por “no entanto” (TM), de acordo com Dicionário Señas (2001, p.481)

⁴⁷Segundo o *Diccionario de la lengua española* (DLE) da Real Academia Espanhola, versão online a palavra subsistir significa o mesmo que permanecer ou durar (in: subsistir | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE), nesse sentido, como o objetivo do autor é expressar a continuidade de uma ação começada no passado, optei pela utilização do verbo continuar, de acordo com o que explicam Moreno & Eres Fernández (2007, p. 290)

⁴⁸Mantive o hipérbato do texto meta, mas tive que inserir a preposição “de”, pois o verbo chamar no sentido de dar nome a algo pede um objeto direto + um predicativo do sujeito que pode ser precedido pela preposição “de”, de acordo com Cegalla (2008, p.495)

⁴⁹Traduzi o “luego” (TF) por “depois” (TM), pois, nesse caso é um advérbio de tempo. (SEÑAS, 2001, P.778)

⁵⁰Traduzi “uno nace” (TF) por “se nasce” (TM). De acordo com o Diccionário Panhispánico de Dudas (DPD) (una, uno | Diccionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE) Levando em consideração que o pronome “uno” se refere ao ser humano no sentido geral, e que essa construção é incomum na língua portuguesa, optamos pela substituição, buscando o mesmo sentido de impessoalidade na oração de Bello.

⁵¹Optei pela substituição do verbo “seguir” (TF) por “continuar” (TM). De acordo com Moreno & Eres Fernández (2007, p.290), o infinitivo composto seguir/continuar + gerúndio se utiliza para expressar a continuidade de uma ação começada no passado. Em português, as autoras apresentam a correspondência com o verbo continuar.

⁵²Traduzi o adjetivo na forma apocopada “gran” (TF) pelo advérbio de intensidade “muito” (TM), pois compreendo que a ideia que o autor quis trazer ao texto não é de tamanho, mas de intensidade da duração da ação. De acordo com o dicionário Señas (2001, p.625), entrada 2. “Que es muy intenso o flerte”.

⁵³Procedi à inversão da expressão “às vezes” (TM).

⁵⁴Realizei a tradução da palavra “sólo” (TF) por “único” (TM), conforme nota 3 do Dicionário Señas (2001, p.111)

⁵⁵Traduzi “principió” (TF) por “começou” (TM), com o mesmo sentido, visto que é um verbo mais usual na língua portuguesa.

<p>33. Es frecuente en castellano este significado del pretérito de los verbos permanentes precediéndoles las expresiones luego que, apenas, y otras de valor semejante. En este ejemplo: “Luego que se edificó la casa, me mudé a ella”, se significa que el último instante de la edificación precedió al primero de la mudanza, porque el verbo edificar es desinente. Pero en este otro ejemplo: “Luego que divisamos la costa, nos dirigimos a ella”, no todo el tiempo en que estuvimos divisando la costa, sino sólo el primer momento de divisarla se supone haber precedido a la acción de dirigirnos a ella; porque la acción de divisar es de aquellas que, perfectas, continúan durando.</p>	<p>33. Em castelhano é frequente esse significado⁵⁶ do pretérito dos verbos permanentes quando precedidos⁵⁷ pelas expressões <i>luego que</i>, <i>apenas</i> e outras de valor semelhante. Neste exemplo: “Luego que se edificó la casa, me mudé a ella”, significa que o último instante da edificação precedeu ao primeiro da mudança, porque o verbo edificar é desinente. Porém, neste outro exemplo: “Luego que divisamos la costa, nos dirigimos a ella”, não era o tempo todo que estávamos vendo a costa, mas apenas o primeiro momento de enxergá-la⁵⁸, supõe-se ter precedido a ação de nos dirigirmo-nos⁵⁹ a ela; porque a ação de enxergar é uma daquelas que, sendo perfeita, continuam durando.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Amaré, futuro</i></p> <p>34. Significa la posterioridad del atributo al acto de la palabra.</p>	<p style="text-align: center;"><i>Amaré, futuro</i></p> <p>34. Significa a posterioridade do atributo ao ato da palavra.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Amaba, co-pretérito</i></p> <p>35. Significa la coexistencia del atributo con una cosa pasada. Amaba es, respecto de la cosa pasada con la cual coexiste, lo mismo que amo respecto del momento en que se habla; es decir, que la duración de la cosa pasada con que se le compara forma sólo una parte de la suya (28, 29). “Cuando llegaste, llovía”: la lluvia se representa como coexistente con tu llegada, que es una cosa pretérita; pero puede haber durado largo tiempo antes de ella, y haber seguido durando largo tiempo después, y durar todavía cuando hablo.</p>	<p style="text-align: center;"><i>Amaba, co-pretérito</i></p> <p>35. Significa a coexistência do atributo com uma coisa passada. <i>Amaba</i> é, em relação⁶⁰ ao passado com o qual coexiste, o mesmo que eu amo relacionado ao momento em que se fala; isto é, a duração da coisa passada com a qual é comparada⁶¹, forma apenas uma parte da sua⁶² (28, 29). “Cuando llegaste, llovía”: a chuva é representada como coexistindo com tua⁶³ chegada, que é uma coisa do passado; mas pode ter durado muito tempo antes dela, e ter continuado</p>

⁵⁶Desfiz a inversão da ordem sintática do (TF), construções mais comuns na língua espanhola, em que algumas estruturas verbais pedem e são mais comuns com uma sintaxe diferente. Fonte: <https://espanholdeverdade.com.br/gramatica/como-montar-frases-e-oracoes-em-espanhol-guia-completo-com-dicas/>

⁵⁷Troquei a forma verbal no gerúndio + o pronome do TF para a forma no particípio no TM.

⁵⁸Ênclise com o verbo no infinitivo em LP requer o uso do hífen, diferentemente do ES, em que o pronome forma uma única palavra com o verbo. “Cuando van pospuestos (enclíticos), se escriben necesariamente soldados: *DÍMELO*. DPD (pronombres personales átonos | Diccionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE)

⁵⁹Traduzi a forma verbal “dirigirnos” (TF) pelo infinitivo pessoal “dirigirmo-nos”(TM) Quando se diz que um verbo está no infinitivo pessoal, isso significa que ele atribui um agente ao processo verbal, flexionando-se. Fonte: Infinitivo Pessoal - Só Português (soportugues.com.br)

⁶⁰Traduzi “respecto de” (TF) por “em relação a” (TM). Segundo o DPD (respecto | Diccionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE) 4. *respecto a o de*. ‘En relación con o por lo que se refiere a’. Ambas locuciones preposicionales son válidas, siendo más frecuente hoy *respecto a*: «*Mis ansiedades respecto a Mariestela se han calmado*» (Rossi María [C. Rica 1985]); «*Respecto de la otra vez, advertí algunas diferencias*» (Silva Alquimista [Esp. 2000]). Las dos pueden usarse precedidas de la preposición *con*: «*Más adelante la distancia con respecto a su generación crecerá*» (Mendoza Satanás [Col. 2002]); «*Las necesidades con respecto del otro van cambiando*» (Beccaria Luna [Esp. 2001]). Portanto, em PT, fiz a alteração para a forma correspondente.

⁶¹No (TF), Bello usou o pronome “le” na oração [...] *La duración de la cosa pasada con que se le compara forma sólo una parte de la suya*, para indicar uma passiva, na qual se expressa algo que ocorreu de forma involuntária. Nesse caso, é necessário acrescentar um pronome objeto indireto após o “se”, conforme Moreno & Fernández (2007, p.266) Dessa forma, como não existe esse uso em português, suprimi o pronome “le”, para que a construção se tornasse adequada.

⁶²Suprimi o artigo “la” (TF). Em relação à expressão “de la suya” (TF), ocorre a substantivação do possessivo, na qual, de acordo com o contexto, faz referência à coisa passada, em PT já se compreende a retomada através do possessivo sua. (MILANI, 2006, p.90)

⁶³O adjetivo possessivo “tu” em LE não sofre flexão de gênero diante de um substantivo, diferente do que acontece em PT. (ROMERO DUEÑAS & GONZÁLES HERMOSO, 2011, p. 52)

<p>36. Esta definición de <i>amaba</i> resuelve una cuestión que han ventilado tiempo ha los gramáticos. ¿Se pueden expresar por el co-pretérito las cosas que todavía subsisten y las verdades eternas? ¿Y no será impropio decir: “Copérnico probó que la tierra giraba al rededor del sol?” Si es exacta la idea que acabo de dar del co-pretérito, la expresión es perfectamente correcta. Podría tolerarse <i>gira</i>, mas entonces no veríamos, digámoslo así, el giro eterno de la tierra por entre la mente de Copérnico, y la expresión sería menos adecuada a las circunstancias, y por consiguiente menos propia.</p> <p>37. En las narraciones el co-pretérito pone a la vista los adjuntos y circunstancias, y presenta, por decirlo así, la decoración del drama. “Llegaron en estas pláticas al pie de una alta montaña, que casi como peñón tajado estaba sola entre otras muchas que la rodeaban; corría por su falda un manso arroyuelo, y hacíase por toda su redondez un prado tan verde y vicioso, que daba contento a los ojos que le miraban; había por allí muchos árboles silvestres, y algunas plantas y flores que hacían el lugar apacible.</p> <p>Este sitio escogió el caballero de la Triste Figura para hacer su penitencia, y así, en viéndole, comenzó a decir en voz alta”, etc. Los co-pretéritos <i>estaba</i>, <i>rodeaban</i>, <i>corría</i>, <i>hacíase</i>, <i>daba</i>, <i>miraban</i>, <i>había</i>, <i>hacían</i>, pintan las circunstancias y adjuntos de la serie de acciones referidas por los pretéritos <i>llegaron</i>,</p>	<p>durando por⁶⁴ muito tempo depois, e ainda⁶⁵ durar quando eu falo.</p> <p>36. Esta definição de <i>amaba</i> resolve uma questão⁶⁶ que há tempos preocupa os gramáticos⁶⁷. Podem ser expressas pelo co-pretérito as coisas que ainda subsistem e as verdades eternas? E não seria impróprio dizer: “Copérnico probó que la tierra giraba al rededor del sol?” Se for exata a ideia que acabei de dar do co-pretérito, a expressão é perfeitamente correta. Poderia ser tolerada a forma⁶⁸ <i>gira</i>, mas então não veríamos, digamos assim, o eterno giro da terra pela mente de Copérnico, e a expressão seria menos adequada às circunstâncias e, portanto, menos própria.</p> <p>37. Nas narrações o co-pretérito põe à vista os adjuntos e circunstâncias, e apresenta, por assim dizer⁶⁹, a decoração do drama. “Llegaron en estas pláticas al pie de una alta montaña, que casi como peñón tajado estaba sola entre otras muchas que la rodeaban; corría por su falda un manso arroyuelo, y hacíase por toda su redondez un prado tan verde y vicioso, que daba contento a los ojos que le miraban; había por allí muchos árboles silvestres, y algunas plantas y flores que hacían el lugar apacible.</p> <p>Este sitio escogió el caballero de la Triste Figura⁷⁰ para hacer su penitencia, y así, en viéndole, comenzó a decir en voz alta”, etc. Os co-pretéritos <i>estaba</i>, <i>rodeaban</i>, <i>corría</i>, <i>hacíase</i>, <i>daba</i>, <i>miraban</i>, <i>había</i>, <i>hacían</i>, pintam as circunstâncias e os adjuntos da série de ações referidas pelos pretéritos <i>llegaron</i>, <i>escogió</i>, <i>comenzó</i>, etc.</p>
--	---

⁶⁴Acrescentei a preposição “por” (TM). Conforme o dicionário Larousse (2009, p. 649), a preposição por, “estabelece, entre outras relações, as de meio, causa, lugar, finalidade, **tempo**, qualidade, modo, estado, preço etc”. (Grifo nosso)

⁶⁵Traduzi “todavía (TF) por “aínda” (TM), conforme nota 1 do Dicionário Señas (2001, p. 1234)

⁶⁶Traduzi “han ventilado” (TF) por “resuelve una questão” (TM) De acordo com DLE (ventilar | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE) **6**. tr. Dirimir o resolver una cuestión o duda. No texto original há uma duplicação dessa ideia, pois o autor diz que “resuelve una cuestión que han ventilado...”, portanto, optei pela concisão da oração.

⁶⁷Acrescentei a palavra “preocupam” na tradução, pois parece haver uma lacuna no texto original, dessa forma, a ideia é facilitar a compreensão leitora.

⁶⁸Acrescentei a palavra “forma” (TM) para especificar melhor o sentido.

⁶⁹Tradução de “por decirlo así” (TF) pela forma “por assim dizer” (TM). De acordo com o dicionário DLE (decir | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE), “essa expressão é usada para presentar la palabra o palabras que se dan como expresión aproximada de lo que se pretende significar”.

⁷⁰Cavaleiro da Triste Figura é o nome atribuído a D. Quixote por Sancho Panza. D. Quixote é o protagonista do livro *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes.

<p>escogió, comenzó, etc.^{33*}</p> <p style="text-align: center;"><i>Amaría</i>, post-pretérito</p> <p>38. Significa que el atributo es posterior a una cosa pretérita: “Los profetas anunciaron que el Salvador nacería de una Virgen”; el nacimiento se representa como posterior al anuncio, que es cosa pasada.</p> <p>39. El indicativo tiene cinco formas compuestas: <i>he amado, hube amado, habré amado, había amado, habría amado</i>. <i>Haber amado, haber escrito</i>, significa tener ya ejecutadas estas acciones: la época de las acciones se mira pues necesariamente como anterior a la época del auxiliar haber. Luego, el significado de todas las formas compuestas de este verbo y de un participio se expresará por una denominación compleja en que la partícula ante preceda al nombre del tiempo del auxiliar.</p> <p style="text-align: center;"><i>He amado</i>, ante-presente</p> <p>40. Comparando estas dos proposiciones: “La Inglaterra se ha hecho señora del mar” y “Roma se</p>	<p style="text-align: center;"><i>Amaría</i>, post-pretérito</p> <p>38. Significa que o atributo é posterior a uma coisa passada: “Los profetas anunciaron que el Salvador nacería de una Virgen”; o nascimento é representado como posterior ao anúncio, que é coisa passada.</p> <p>39. O indicativo tem cinco formas compostas: <i>he amado, hube amado, habré amado, había amado, habría amado</i>. <i>Haber amado, haber escrito</i>, significa já⁷¹ ter executado essas ações: o tempo das ações é visto, portanto, necessariamente como anterior ao tempo do auxiliar <i>haber</i>⁷². Logo, o significado de todas as formas compostas deste verbo e de um participio serão expressos por uma denominação complexa em que a partícula <i>ante</i> precede⁷³ o nome do tempo do auxiliar.</p> <p style="text-align: center;"><i>He amado</i>, ante-presente</p> <p>40. Comparando estas duas proposições: “La Inglaterra se ha hecho señora del mar” e “Roma se</p>
--	--

^{33*} NOTA DE BELLO

<p>1 Ecce trahebatur passis Priameia virgo crinibus ao templo Cassandra adytisque Minervx, ad coelum tendens ardentia lumina frustra« lumina, nam teneras arcebant vincula palmas. Non tulit hanc speciem furiata mind Chorcebus, et sese médium injecit moriturus in agmen” (Virgílio). Trabebatur, arcebant, se presentan como adjuntos de non tulit y de seseinfecit. (Nota de Bello). [He aquí, que con cabello suelto al viento Traída por los griegos, asomaba Casandra, que en el último aposento del templo de Minerva orando estaba. Al ciclo con tristísimo lamento Los claros ojos sin cesar alzaba: Los ojos, que las manos delicadas Con áspero cordel traía atadas. Corebo, en furia ardiendo y de ira ciego, Sufrir no pudo allí crueldad tan fuerte, Y en medio se lanzó del tropel griego Cierta de que iba a se ofrecer a muerte. (Virgilio, En., Iib. 2 “, v. 403-408. Traducción de Velazco)]</p>	<p>1 “Ecce trahebatur passis Priameia virgo crinibus ao templo Cassandra adytisque Minervx, ad coelum tendens ardentia lumina frustra« lumina, nam teneras arcebant vincula palmas. Non tulit hanc speciem furiata mind Chorcebus, et sese médium injecit moriturus in agmen” (Virgílio). Trabebatur, arcebant, são apresentados como adjuntos de non tulit e seseinfecit (nota de Bello). [Eis que com os cabelos soltos ao vento trazida pelos gregos, apareceu Cassandra, que estava orando na última sala do templo de Minerva. Para o ciclo com triste lamento Os olhos claros se ergueram incessantemente: Os olhos, que as mãos delicadas Com cordão áspero ela trouxe amarradas. Corebus, em fúria ardente e de raiva cego, Sofrer não poderia haver crueldade tão forte, E no meio ele se jogou da multidão grega Certo de que ia se oferecer à morte. (Virgílio, Eneida, livro 2, versos 403-408)]</p>
---	--

⁷¹Antepus o advérbio de tempo “já” no TM para antes da perífrase verbal constituída pelo verbo ter+ verbo no participio, pois na norma culta da língua portuguesa não se admite o uso do advérbio entre a perífrase.

⁷²Traduzi “la época de las acciones se mira pues necesariamente como anterior ala época del auxiliar haber” por “o tempo das ações é visto, portanto, necessariamente como anterior ao tempo do auxiliar *haber*”, na qual substituí a palavra *época* por *tempo*, fazendo as devidas alterações na relação de determinantes para manter a concordância nominal. Traduzi “se mira” por “é visto”, acrescentando a conjunção explicativa “portanto”, e mantive a palavra “haber” em espanhol, pois refere-se à explicação das formas verbais compostas, apresentadas por Bello anteriormente.

⁷³Alteração da forma verbal no subjuntivo (TF) para o indicativo (TM). Conforme Milani (2006) vale ressaltar que há uma relação estreita entre as orações subordinadas e o uso dos tempos no modo subjuntivo. “O subjuntivo significa dependente e, em muitos casos, usa-se o verbo no subjuntivo em orações subordinadas que dependem de uma oração principal cujo verbo vai, geralmente no indicativo”. (MILANI, 2006, p. 217). Em relação à correspondência entre os tempos, temos que, quando o verbo da oração principal está no *futuro simple* do indicativo, o verbo da oração subordinada vai no presente do subjuntivo. Em português, o verbo da oração subordinada fica no presente do indicativo.

<p>hizo señora del mundo”, se percibe con claridad la diferencia entre el pretérito y el ante-presente. En la primera se indica que aun dura el señorío del mar; en la segunda, el señorío del mundo se representa como una cosa que ya pasó. La forma compuesta tiene pues relación con algo que todavía existe.</p> <p>41. Se dirá propiamente: “Él estuvo ayer en la ciudad, pero se ha vuelto hoy al campo”. Se dice: “Pedro ha muerto”, cuando la muerte acaba de suceder, cuando aun tenemos delante vestigios recientes de la existencia difunta, cuando las personas a quienes hablamos suponen que Pedro vive; en una palabra, siempre que va envuelta en el verbo alguna relación a lo presente. En circunstancias diversas se dice murió.</p> <p style="text-align: center;"><i>Hube amado, ante-pretérito</i></p> <p>42. “Cuando hubo amanecido, salí”. El amanecer se presenta como inmediatamente anterior a la salida, que es una cosa pretérita respecto del momento en que se habla.</p> <p>43. Pero ¿por qué como inmediatamente anterior? ¿De dónde proviene que usando esta forma hubo amanecido damos a entender que ha sido brevísimo el intervalo entre los dos atributos?</p> <p>44. Proviene de que el verbo auxiliar haber es de la clase de los permanentes. Haber amanecido significa</p>	<p>hizo señora del mundo”, percebe-se⁷⁴ claramente a diferença entre o <i>pretérito</i> e o <i>ante-presente</i>. Na primeira indica que o senhorio do mar ainda dura; na segunda, o senhorio do mundo é representado como uma coisa que já aconteceu. A forma composta está, portanto, relacionada⁷⁵ a algo que ainda existe.</p> <p>41. Dir-se-á⁷⁶ com propriedade: “Él estuvo ayer en la ciudad, pero se ha vuelto hoy al campo”. Diz-se: “Pedro ha muerto”, quando a morte acabou de acontecer, quando ainda temos diante de nós, vestígios recentes da existência difunta, quando as pessoas com quem falamos⁷⁷ supõem que Pedro vive; em uma palavra, sempre que esteja envolvida⁷⁸ no verbo alguma relação com o presente. Em circunstâncias diversas diz-se <i>murió</i>.</p> <p style="text-align: center;"><i>Hube amado, ante-pretérito</i></p> <p>42. “Quando hubo amanecido, salí”. O amanecer apresentado como imediatamente anterior à saída, que é uma coisa passada em relação ao momento em que é falada.</p> <p>43. Mas, por que imediatamente anterior? De onde vem que usando esta forma <i>hubo amanecido</i> damos a entender que foi⁷⁹ brevíssimo o intervalo entre ambos os atributos?</p>
---	---

⁷⁴A posição clítica (próclise e ênclise) dos pronomes átonos em língua espanhola e portuguesa é diferente. Enquanto na língua portuguesa, as normas gramaticais ditam não usar próclise no início do período, após pausa/vírgula e usamos sempre próclise após atratores (advérbio, conjunção, palavra negativa, pronome indefinido, pronome interrogativo, pronome relativo.). Já, a ênclise, em português, só é usada quando o verbo inicia a oração, está no imperativo afirmativo, está no infinitivo impessoal ou está no gerúndio (sem a preposição em). Apesar de estar em desuso, em português, ocorre a mesóclise (colocação do pronome no meio do verbo), inexistente em espanhol.

Os pronomes pessoais átonos (também chamados de clíticos), em espanhol, geralmente vêm antes do verbo (próclise). No entanto, há algumas situações, nas quais eles vêm depois do verbo (ênclise), que são: quando o verbo estiver no imperativo afirmativo; quando o verbo está no gerúndio e quando estiver no infinitivo. (Referências: DPD, in: pronombres personales átonos | Diccionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE)

⁷⁵Usei a perífrase verbal “está relacionada a” (TM) para traduzir “tiene relación” (TF). Em PT, o verbo *ter* tem um significado mais atribuído à posse de algo. (Dicionário Larousse, 2009, p. 796).

⁷⁶Traduzi “Se dirá” por “dir-se-á” (TM). Em português, ocorre a mesóclise (colocação do pronome no meio do verbo), inexistente em espanhol, nos casos em que o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito. (CEGALLA, 2008, p.541)

⁷⁷Regência do verbo falar em PT pede a preposição “com” no sentido de dialogar. De acordo com Cegalla (2008, p. 270 e 271), “isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar. Na frase, porém, exprimem relações as mais diversas [...]”. Dessa forma, o verbo falar, dependendo da preposição que o rege, pode admitir significados diferentes, sendo a mais adequada para esse contexto, a preposição “com”.

⁷⁸Traduzi “va envuelta” (TF) por “esteja envolvida” (TM). A construção da perífrase verbal em ES, do verbo *ir* + participio, representa a forma passiva de *llevar* + participio.

⁷⁹Traduzi a forma verbal “ha sido” (TF) do pretérito perfecto compuesto por “foi” (TM). No PT só temos a forma simples para expressar o passado, já na língua espanhola, temos dois tempos verbais para indicar o passado: o “pretérito indefinido” e o “pretérito perfecto”. Ambos se utilizam para expressar ações passadas terminadas, no entanto, há uma diferença em relação à unidade de tempo. O pretérito perfeito (forma composta) expressa ações terminadas em uma unidade de tempo inacabada através do uso de marcadores temporais como: *hoy, esta semana, este mes*, que indicam unidades de tempo inacabadas, uma vez que o dia, a semana e o mês ainda estão em andamento. Por sua vez, o pretérito indefinido (forma simples) expressa ações passadas em uma unidade de tempo acabada, como: *ayer, anoche, el mes pasado*, etc. Fonte: Diferenças Entre o Pretérito Indefinido e o Pretérito Perfecto em Espanhol (bomespanhol.com.br)

<p>el estado o modificación del universo visible que se sigue inmediatamente al amanecer; y cuando hubo amanecido denota el primer momento de la existencia perfecta de esta modificación, como es propio del pretérito de los verbos permanentes precedidos de las expresiones cuando, luego que, apenas, etc.</p> <p>45. Luego que amaneció, salí y cuando hubo amanecido, salí son expresiones equivalentes: la sucesión inmediata que em la primera se significa por luego que, en la segunda se manifiesta por el antepretérito. Cuando se dice luego que hubo amanecido, salí, se emplean dos signos para la declaración de una misma idea, y por consiguiente hay un verdadero pleonismo, pero autorizado, como muchísimos otros, por el uso.</p> <p style="text-align: center;"><i>Habré amado, ante-futuro</i></p> <p>46. “Procura verme pasados algunos días; quizá te habré buscado acomodo” (ISLA). El atributo que se significa por habré buscado se nos representa como anterior al atributo significado por procura, y este segundo es futuro respecto del momento en que se habla.</p> <p style="text-align: center;"><i>Había amado, ante-co-pretérito.</i></p> <p>47. “Había ya anochecido, cuando volviste”. El anochecer es aquí anterior al volver, que también es anterior al momento en que se habla, pero la forma del primer verbo no indica que la sucesión entre los dos atributos fuese tan rápida que no mediase algún intervalo. En esto difiere había amado de hube amado (43-44); y la causa de esta diferencia es, a mi parecer, la siguiente:</p> <p>48. Haber anochecido significa aquella modificación del universo visible que sucede al anochecer. Si sustituyendo una expresión equivalente dijésemos: “Era ya de noche cuando volviste”, el ser de noche se representaría como coexistente en una parte de su duración con la vuelta (35). Luego, en el primer ejemplo el haber anochecido coexiste en una parte de su duración con la vuelta. Pero el anochecer es anterior al haber anochecido (39), y la vuelta es una cosa pretérita, o anterior al momento en que se habla (30).</p>	<p>44. Resulta⁸⁰ do fato de que o verbo auxiliar <i>haber</i> é da classe dos permanentes. <i>Haber amanecido</i> significa o estado ou modificação do universo visível que acontece imediatamente ao amanhecer; e quando tinha amanecido denota o primeiro momento da existência perfeita dessa modificação, como é próprio dos verbos permanentes precedidos pelas expressões <i>cuando, luego que, apenas</i> etc.</p> <p>45. <i>Luego que amaneció, salí</i> e quando <i>hubo amanecido, salí</i> são expressões equivalentes: a sucessão imediata que na primeira se entende por assim que⁸¹, na segunda manifesta-se pelo antepretérito. Quando se diz assim que <i>hubo amanecido, salí</i>, se empregam dois signos para a declaração de uma mesma ideia, e portanto, há um verdadeiro pleonismo, mas autorizado, como muitíssimos outros, pelo uso.</p> <p style="text-align: center;"><i>Habré amado, ante-futuro</i></p> <p>46. “Procura verme pasados algunos días; quizá te habré buscado acomodo” (ISLA). O atributo que tem o significado expresso por <i>habré buscado</i> é representado para nós como anterior ao atributo significado por procura, e este segundo é futuro em relação ao momento em que se fala.</p> <p style="text-align: center;"><i>Había amado, ante-co-pretérito.</i></p> <p>47. “Había ya anochecido, cuando volviste” O anoitecer é, neste caso⁸², anterior à ação de voltar, que também é anterior ao momento em que se fala, mas a forma do primeiro verbo não indica que a sucessão entre os dois atributos tenha sido⁸³ tão rápida que não mediase algum intervalo. Nisto difere <i>había amado</i> de <i>hube amado</i> (43-44); e a causa dessa diferença é, na minha opinião⁸⁴, a seguinte:</p> <p>48. <i>Haber anochecido</i> significa aquela mudança visível⁸⁵ do universo que sucede ao anoitecer. Se ao substituir uma expressão equivalente disséssemos “Era ya de noche cuando volviste”, o ser de noite seria representado como coexistindo em parte de sua duração com a sua volta (35). Logo, no primeiro</p>
---	--

⁸⁰Traduzi o verbo “proviene” (ES) por “resulta” (PT). Com o mesmo sentido, porém é uma forma mais usual na língua portuguesa.

⁸¹Traduzi a expressão “luego que” (TF) por “assim que” (TM), segundo o DLE (luego | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE) *Luego que* é uma locução conjuntiva utilizada na América que significa *así que, tan pronto*.

⁸²Optei pela alteração do adjunto adverbial “aquí” (LF), cuja função textual é anafórica, pela expressão “neste caso” (LM), com a mesma função. De acordo com o DLE (aquí | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE), “4. Adv. Dem. en este caso, en este punto o en esta cuestión. U. en referencia a lo que se acaba de mencionar.”

⁸³Traduzi a forma verbal “fuese” (TF) do subjuntivo pela forma verbal “tenha sido” (TM), pretérito-perfeito do subjuntivo.

⁸⁴Traduzi a expressão “mi parecer” (TF) por “minha opinião” (TM), conforme dicionário Señas (2001, p. 942), **1.m.** “opinión, juicio o idea” [...] **opinião**.

⁸⁵Procedi à alteração da ordem do determinante “visível”, que estava após o substantivo universo, para próximo do substantivo mudança, desfazendo a ambiguidade.

<p>Luego, en aquel ejemplo el anoecer es anterior a una cosa que coexiste en una parte de su duración con otra, que es anterior al momento en que se habla; y por consiguiente, en había anoecido la época del anoecer es un ante-co-pretérito.</p> <p>Como nada determina aquella parte de la duración del haber anoecido con la cual coexiste la vuelta, nada nos obliga a suponer que ésta coincidiese con el primer momento de la noche; pudo por tanto haber un intervalo mayor o menor entre el anoecer y la vuelta.</p> <p>49. Pero aunque había amado no significa sucesión rápida entre dos cosas pretéritas, no por eso excluye esta idea; y de aquí es que podemos siempre (aunque con menos propiedad y energía) sustituir esta forma a la del ante-pretérito, cuyo empleo por otra parte está limitado en nuestra lengua a las proposiciones que principian por las palabras o frases cuando, apenas, no, no bien, después que, luego que, y otras de valor semejante.</p> <p>50. “No hubo andado cien pasos, cuando volvió y dijo”, etc. En este ejemplo de Cervantes pudieran sustituirse a no las expresiones no bien, apenas, escasamente, etc.; y suprimiendo el cuando de la oración subjunta, pudiera reemplazarse el no con las palabras o frases criando, después que, luego que, como, así como, etc.: “Así como Don Quijote vió la bacía, la tomó en las manos y dijo”, etc. Hoy suele también decirse en este sentido así que *.</p> <p style="text-align: center;"><i>Habría amado</i>, ante-post-pretérito</p> <p>51. Para probar que <i>habría amado</i> se usa de este modo, basta hacer depender de un pretérito el ejemplo anterior: “Procura verme pasados algunos días; quizá te habré buscado acomodo”; “Díjome que procurase verle pasados algunos días; que quizá me habría buscado acomodo”. El buscar es aquí anterior al ver, y el ver es posterior al acto de enunciar la promesa; en estas dos relaciones se parecen ambos ejemplos; pero el enunciar la promesa es ahora anterior al momento</p>	<p>exemplo, ter anoecido coexiste em uma parte de sua duração com a volta. Mas o anoecer é anterior ao ter anoecido (39), e a volta é uma coisa passada, ou anterior ao momento em que se fala (30). Então, nesse exemplo, o anoecer é anterior a uma coisa que coexiste em uma parte de sua duração com outra, que é anterior ao momento em que se fala; e conseqüentemente, em tinha anoecido na hora do anoecer é um ante-co-pretérito.</p> <p>Como nada determina aquela parte da duração de <i>haber anoecido</i> com a qual coexiste a volta, nada nos obriga a supor que esta coincide com o primeiro momento da noite; pode, portanto, haver um intervalo maior ou menor entre o anoecer e a volta.</p> <p>49. Porém, embora⁸⁶ <i>había amado</i> não signifique⁸⁷ sucessão rápida entre duas coisas passadas, mas nem⁸⁸ por isso exclui esta ideia; e é aí que podemos sempre (embora com menos propriedade e energia) substituir essa forma pela do <i>ante pretérito</i>, cujo emprego, por outro lado⁸⁹, está limitado em nossa língua às proposições que começam com as palavras ou frases <i>cuando, apenas, no, no bien, después que, luego que</i>, e outras de valor semelhante.</p> <p>50. “No hubo andado cien pasos, cuando volvió y dijo”, etc. Neste exemplo de Cervantes, poderiam ser substituídas as expressões <i>no bien, apenas, escasamente</i>, etc.; e eliminando o quando da oração subjuntiva, poderia ser substituído pelas palavras ou frases <i>criando, después que, luego que, como, así como, etc.</i>: “Así como Don Quijote vió la bacía, la tomó en las manos y dijo”, etc. Hoje costuma-se⁹⁰ também dizer neste sentido para que *.</p> <p style="text-align: center;"><i>Habría amado</i>, ante-post-pretérito</p> <p>51. Para provar que <i>habría amado</i> é usado desse modo, basta fazer o exemplo anterior depender de um pretérito. “Procura verme pasados algunos días; quizá te habré buscado acomodo”; “Díjome que procurase verle pasados algunos días; que quizá me habría buscado acomodo”. O tentar é aqui anterior ao ver, e ver é posterior ao ato de enunciar a promessa; nestas</p>
--	--

⁸⁶Traduzi a conjunção concessiva “aunque” (TF) por “embora”, com o mesmo valor semântico.

⁸⁷Nas construções de orações subordinadas concessivas em ES admite-se o uso do verbo no indicativo ou no subjuntivo (CONCHA MORENO & ÉRES GRETEL p. 201), já em PT, é obrigatório o uso do verbo no subjuntivo.

⁸⁸Traduzi o “no” da expressão “no por eso” (TF) por “nem” (TM), com o mesmo sentido de indicar uma negação.

⁸⁹Traduzi o marcador discursivo “por uma parte” (TF) pelo marcador correspondente em PT “por um lado” (TM), que tem a função de ordenar a informação.

⁹⁰Traduzi “suele” (TF) por “costuma-se” (TM). De acordo com o DPD (soler | Diccionario panhispánico de dudas | RAE - ASALE) “Se utiliza siempre seguido de un infinitivo, explícito o sobrentendido, para indicar el carácter habitual de la acción que dicho infinitivo expresa” e de acordo com o dicionário Señas (2001, p.1180), “soler” significa o mesmo que “costumar”.

<p>presente, relación de anterioridad que^{34*} antes no había. Añade pues habría amado una relación de anterioridad, que es la última en el orden. Si habré amado es un ante-futuro, habría amado es un ante-post-pretérito.</p> <p>52. Entre habré amado, ante-futuro, y habría amado, ante-post-pretérito, hay la misma correspondencia que entre amaré, futuro, y amaría, post-pretérito (16, 38).</p> <p>53. Se ve por lo que precede que ciertas formas del verbo significan relaciones de tiempos simples; otras, dobles; otras, triples. Más adelante veremos que las hay de significados aún más complejos.</p> <p>54. La nomenclatura que he adoptado representa las relaciones elementales según el orden en que se ofrecen al entendimiento.</p> <p>55. Si la relación es simple, se significa con una de las palabras presente, pretérito, futuro. Si compleja, la relación terminal se significa con una de estas mismas palabras, y las relaciones precedentes con las partículas <i>co</i>, <i>ante</i>, <i>post</i>.</p> <p>56. La denominación de toda forma verbal representa su valor primitivo. Pero este valor, como iremos viendo, se transforma a menudo según reglas fijas; y de aquí los significados secundario y metafórico.</p>	<p>duas relações, eles se parecem ambos os⁹¹ exemplos; mas o enunciar a promessa é agora anterior ao momento presente, uma relação de anterioridade que antes não havia. Acrescenta, pois, <i>habría amado</i>, uma relação de anterioridade, que é a última na ordem. Se <i>habré amado</i> é um <i>ante-futuro</i>, <i>habría amado</i> é um ante-pós-pretérito.</p> <p>52. Entre <i>habré amado</i>, ante-futuro, e <i>habría amado</i>, ante-pós-pretérito, há a mesma correspondência que entre <i>amaré</i>, futuro, e <i>amaría</i>, pós-pretérito (16 38).</p> <p>53. Vê-se pelo que precede que certas formas do verbo significam relações de tempos simples; outras, duplos; outras, triplo. Mais tarde veremos que há aquelas⁹² de significados ainda mais complexos.</p> <p>54. A nomenclatura que adotei representa as relações elementares segundo a ordem em que são oferecidas ao entendimento.</p> <p>55. Se a relação é simples, ela é representada⁹³ com uma das palavras <i>presente</i>, <i>pretérito</i>, <i>futuro</i>. Se complexa, a relação final é entendida por uma dessas mesmas palavras, e as relações precedentes com as partículas <i>co</i>, <i>ante</i>, <i>post</i>.</p> <p>56. A denominação de cada forma verbal representa seu valor primitivo. No entanto⁹⁴, esse valor, como veremos, muitas vezes se transforma frequentemente⁹⁵ de acordo com regras fixas; e daí⁹⁶, os significados secundários e metafóricos.</p>
--	--

^{34*} NOTA DE BELLO

<p>1 No he querido decir que todas estas expresiones sean equivalentes; hay entre ellas gradaciones de fuerza; pero el orden y el género de las relaciones de tiempo son unos mismos.</p>	<p>1 Não quis dizer que todas essas expressões são equivalentes; há entre eles gradações de força; porém, a ordem e o gênero das relações temporais são os mesmos.</p>
---	--

⁹¹ Acrescentei o artigo definido “os” na tradução, construção mais utilizada em PT.

⁹² Tradução de “las hay” (TF) por “há aquelas” (TM) Essa construção da língua tem o significado de existência, optei por substituir o pronome *las* por *aquelas*, mais comum em língua portuguesa para se fazer a retomada de um elemento da oração.

⁹³ Traduzi a forma “se significa” (TF) por “é representada” (TM), seguindo a entrada 3 do DLE (significar | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE), de acordo com a linguística, Dicho de una unidad lingüística: Expresar o representar un concepto.

⁹⁴ Traduzi a conjunção “pero” (TF) por “no entanto” (TM), ambas com o mesmo valor adversativo. O “mas” tem um valor adversativo de unir duas frases, portanto, a norma culta da língua portuguesa, sugere não iniciar a frase por essa conjunção. Por isso, optamos por substituir pela conjunção “no entanto” que possui o mesmo valor semântico.

⁹⁵ Traduzi a expressão temporal “a menudo” (TF) por “frequentemente” (TM). De acordo com o significado encontrado no dicionário Señas (2006, p.827).

⁹⁶ Substituí a expressão “de aquí” (TF) por “daí” (TM), forma correspondente em PT.

4. 1 Breve glossário de terminologia* (tempos verbais)

Ante: partícula utilizada antes das formas verbais compostas para indicar a relação de anterioridade.

Ante-co-pretérito: forma verbal composta empregada para se referir a uma ação anterior a uma coisa que coexiste em uma parte de sua duração com outra, que é anterior ao momento em que se fala.

Ante-futuro: forma verbal composta utilizada para representar uma ação anterior a outra forma verbal, que, por sua vez, é futura em relação ao momento em que se fala.

Ante-post-pretérito: forma verbal composta usada para expressar uma relação de anterioridade com relação ao presente e posterioridade com relação a um passado.

Ante-presente: forma verbal composta empregada para se referir a algo do passado que ainda existe.

Ante-pretérito: forma verbal composta empregada para se referir a um passado imediatamente anterior a outro, que, por sua vez, é passado em relação ao momento da fala.

Anterioridade: relação que o pretérito estabelece entre toda a duração do atributo e o ato da palavra.

Atributo: verbo sozinho ou combinado com outras palavras que o modificam e determinam. Predicado.

Co: prefixo utilizado nas formas verbais compostas para indicar a relação de coexistência.

Coexistencia: relação na qual o ato da palavra, o momento em que o verbo é pronunciado, coincide com qualquer momento da duração do atributo.

Co-pretérito: forma verbal simples utilizada para expressar a coexistência do atributo com uma coisa passada.

Desinente: verbo cuja duração expira ao atingir a perfeição.

Formas modales del verbo: propriedade que indica se a proposição é assertiva, opcional ou hipotética.

Futuro: forma verbal simples que é usada para expressar a posterioridade do atributo ao ato da palavra.

Indicativo: modo da afirmação. Pode ser utilizado também em algumas proposições que dependem de uma afirmação negativa.

*Elaborado pela autora de acordo com a terminologia empregada por Andrés Bello na obra traduzida.

Infinitivo: forma verbal equiparada por Bello a um substantivo, pois exerce todas as funções do substantivo. Portanto, não é considerado um verbo nem será visto como atributo, ou indicando pessoa ou número; e se indica tempo, é de uma maneira diferente do verbo.

Modo: forma que o verbo deve assumir em virtude do significado ou dependência da proposição.

Permanente: verbo cuja ação é duradoura.

Post: prefixo utilizado nas formas verbais compostas para indicar a relação de posterioridade.

Post-pretérito: forma verbal simples empregada para expressar que o atributo é posterior a uma coisa passada.

Posterioridade: relação que o futuro estabelece entre o atributo e o ato da palavra.

Presente: forma verbal simples que se emprega para expressar as verdades eternas ou de uma duração indefinida.

Pretérito: forma verbal simples que se utiliza para expressar a anterioridade do atributo ao ato da palavra.

Optativo: modo utilizado quando as proposições significam rogo, mandato ou desejo.

Subjuntivo común: modo utilizado quando as proposições pedem palavras que significam necessidade ou conveniência, ou palavras que denotam algum afeto da vontade.

Subjuntivo hipotético: modo utilizado quando as proposições significam uma hipótese futura e contingente.

Verbo: palavra que significa o atributo da proposição, indicando juntos o número e a pessoa do sujeito, o tempo do atributo e o modo da proposição.

5 COMENTÁRIOS

O comentário desdobra-se nas margens da intraduzibilidade: mistura-se harmoniosamente com a tradução, servindo não tanto para apontar os seus limites, mas para esclarecer, por sua própria força, o intraduzível (BERMAN, 1986, p. 105-106).

O objetivo deste capítulo consiste na discussão acerca das escolhas tradutórias para a realização deste trabalho, tendo como base os fundamentos teóricos inerentes à prática adotada. Consideramos o tripé texto fonte, tradutor e tradução a fim de tecer os comentários críticos referentes ao trabalho realizado, com foco nas justificativas para a escolha de termos/expressões mais adequados ao contexto de produção, considerando os problemas de equivalência encontrados ao longo do processo.

5.1 Concepções sobre o texto

A análise das formas verbais se assemelha ao método dos ideólogos no que diz respeito às ideias expressas por cada uma, através de alguns princípios que são explicados já no Prólogo:

Há poucas coisas que proporcionam à compreensão um exercício mais proposital para desenvolver suas faculdades, para dar-lhes agilidade e facilidade, do que o estudo filosófico da linguagem. Acreditava-se sem fundamento que a aprendizagem de uma língua era exclusivamente obra da memória. (BELLO, 1851, a:6).

De acordo com Andrés Bello, o verbo sempre indica uma relação do tempo com o momento presente. O modo é a forma que o verbo deve tomar em virtude do significado ou dependência da proposição. Dessa forma, conforme Alonso (1951), Bello adotou este princípio fundamental, eliminando rigorosamente todas as outras considerações (tempos definidos e indefinidos, próximos ou distantes, perfeito ou imperfeito), ele se propôs a enquadrar nela todos os momentos de conjugação castelhana. Assim, o autor divide os modos verbais na língua espanhola em quatro: o indicativo, o subjuntivo comum, o subjuntivo hipotético e o opcional.

Antes de iniciar a sua explanação sobre os tempos verbais, Bello apresenta suas ideias sobre a natureza do verbo e seus diferentes modos. Acreditamos que é oportuno trazer alguns desses conceitos a fim de se compreender melhor o texto traduzido. A primeira consiste na definição de verbo, que, conforme o autor, “é uma palavra que significa o atributo da proposição, indicando juntamente consigo o número e a pessoa do sujeito, o tempo do atributo

e o modo da proposição”⁹⁷ (BELLO, 1981, p.9). Seria o atributo da oração sozinho ou acompanhado de modificadores e/ou determinantes. O autor considera que a antiga divisão da oração em sujeito, cópula e predica do estava “fundada em uma abstração que não produz nenhum resultado prático”⁹⁸. Em relação ao infinitivo, o autor o considera como substantivo, não como verbo, pois além de exercer todas as funções do substantivo, não indica pessoa ou número, e se indica a noção de tempo, é de uma maneira diferente do verbo. Portanto, não é considerado um verbo nem será visto como um atributo. Para o autor, “o modo é a forma que o verbo deve assumir em função do significado ou dependência da proposição”⁹⁹. A afirmação pede o modo indicativo, enquanto as “proposições que dependem de uma asserção negativa são regularmente acomodadas com o indicativo ou com o subjuntivo comum”¹⁰⁰ (p.11 e 12).

Em relação à noção de tempo, Bello tenta nomeá-los de acordo com o seu significado. Nesse sentido, de acordo Velleman, no artigo “Bello, Bull y el sistema verbal del español” (VELLEMAN, 1977, p. 215), “as denominações dos vários tempos são reflexos lineares e ‘transparentes’ de sua relação semântica com o tempo”¹⁰¹. De acordo com Alonso (1951, p. 47), “a terminologia é um dos achados valiosos no sistema de Bello, porque declara ordenar e limitar os valores de cada vez”. Portanto, sua doutrina considera “que os tempos verbais datam a ação do verbo na linha infinita do tempo, em relação não apenas a dois, mas a três pontos de referência distintos conjugados entre si” (ALONSO, 1951, p. 47).

Dessa forma, Bello esquematiza os tempos verbais em uma linha pontilhada, tendo como foco o presente, que se move para o futuro e deixa para trás o passado. Conforme Alonso (1951), esse esboço consiste em uma ideia pensada e criticamente exposta em sua Filosofia do Conhecimento: “O tempo é uma obra de imaginação”, pois a duração ou o tempo não existe por si só, mas em coisas que duram, assim como a branquitude ou a extensão só existem em coisas brancas ou extensas(ALONSO, 1951, p. 67).

Conforme Alonso (1951, p. 67), Bello deduz que pensamos em toda a duração limitada ao vê-la sem remédio coexistindo com um “segmento” de duração total, um segmento que a “mede”. Assim, “a duração mínima é um instante, um ponto-instante”. Alonso (1951, p. 68) afirma que é inevitável a representação de que, para Bello, “o tempo é uma série indefinida

⁹⁷Texto fonte: “una palabra que significa el atributo de la proposición, indicando juntamente el número y persona del sujeto, el tiempo del atributo y el modo de la proposición”.

⁹⁸ Texto fonte: “se funda en una abstracción que no produce resultado alguno práctico”.

⁹⁹ Texto fonte: “El modo es la forma que debe tomar el verbo en virtud del significado o la dependencia de la proposición”.

¹⁰⁰Texto fonte: “Las proposiciones que dependen de una aseveración negativa se acomodan regularmente con el indicativo o con el subjuntivo común”.

¹⁰¹Texto fonte: “las denominaciones de los varios tiempos son reflexiones lineares y “transparentes” de su relación semántica con el tiempo”.

e contínua de instantes” e movendo a imagem para linguagem da geometria espacial: “O tempo é como uma reta indefinida sobre a qual se move em uma direção constante e com uma velocidade uniforme no momento presente que a divide em duas partes, pretérito e tempo futuro” (ALONSO, 1951, p. 68). Conforme a Figura 1, os tempos da conjugação castelhana estão distribuídos em pontos correlativos da linha do tempo:

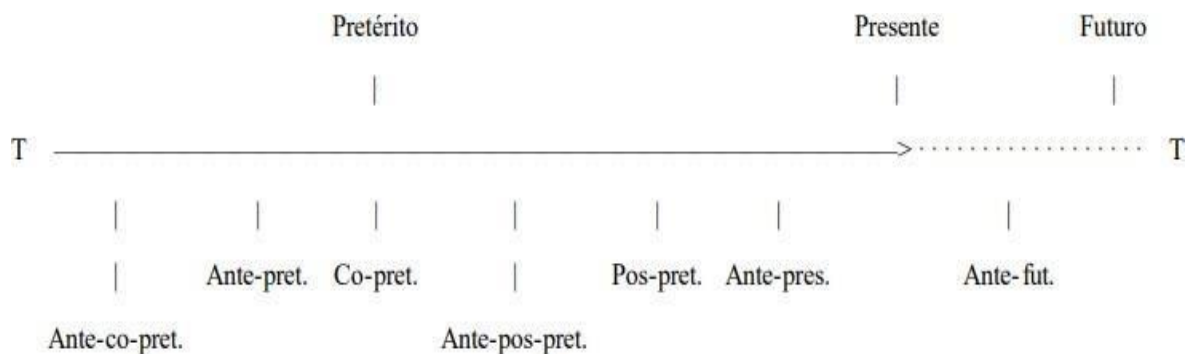
Figura 1 – Linha do tempo



Fonte: Alonso (1951, p. 68).

Nessa representação, Alonso (1951) explica que o tempo presente coincide com o momento-ponto em que estamos vivendo; o passado pode estar a qualquer momento na linha completa e o futuro a qualquer momento na linha pontilhada. Estes seriam os três tempos absolutos da data da ação relativos ao momento verbal, com os quais se relacionam os demais em uma noção de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade. De acordo com o que o autor propõe, como resultado dessa relação, Alonso apresenta o seguinte esquema de forma a complementar o anterior:

Figura 2 – Disposição dos tempos verbais de Bello na linha temporal



Fonte: Alonso (1951, p. 64).¹⁰²

Como podemos observar na Figura 2, a nomenclatura adotada por Bello é diferente da tradicional, pois, segundo o que o próprio autor afirma, ele busca, através dessas denominações, representar as relações elementares de acordo com o entendimento. Assim, de acordo com Bello (*Análisis*, p. 22), “se a relação é simples, ela é entendida com uma das palavras

¹⁰² Figura retirada do prólogo dos estudos gramaticais de Bello.

presente, pretérito, futuro. Se complexa, a relação finalé entendida por uma dessas mesmas palavras, e as relações precedentes com as partículas *co, ante, post*”. Desse modo, essas denominações dos tempos verbais buscam a representação do seu valor primitivo, que, no entanto, podem se transformar de acordo com algumas regras pré-estabelecidas, surgindo o que Bello aponta como significados secundários e metafóricos.

Neste estudo, optou-se pelo trecho em que o autor aborda o modo indicativo, subdividindo-o em cinco formas verbais simples e cinco compostas (*Análisis*, p. 15-25):

Quadro 2 – Formas simples e compostas do modo indicativo

FORMAS SIMPLES	FORMAS COMPOSTAS
amo	he amado
amé	hube amado
amaré	habré amado
amaba	había amado
amaría	habría amado

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, de acordo com as relações dos tempos verbais com o momento do ato da palavra, Bello divide o espaço temporal em três noções: *anterioridad* (A), *coexistencia* (C) e *posterioridad* (P), as quais estão presentes em três dos tempos simples, conforme demonstra Velleman (1977):

Amo (Presente) → (C)

Amé(Pretérito) → (A)

Amaré (Futuro) → (P)

A representação dos outros dois tempos simples é feita por símbolos compostos:

Amaba (Co-pretérito) → (CA)

Amaría (Pós-pretérito) → (PA)

Nesse caso, as formas *amaba* e *amaría* apresentam uma noção de anterioridade com relação a *amo* e *amaré*, respectivamente. *Amaba* significa uma coexistência que é anterior e *amaría*, uma posterioridade que é anterior, ou seja, um futuro do passado.

No que diz respeito aos tempos compostos, Bello atribui símbolos compostos, que estão relacionados à noção de *anterioridade* (A) e ao tempo do verbo auxiliar *haber*, o qual é precedido pela partícula *ante*:

he amado (ante-presente) —————> (AC)

hube amado (ante-pretérito) —————> (AA)

habré amado (ante-futuro) —————> (AP)

había amado (ante-co-pretérito) —————> (ACA)

habría amado (ante-pos-pretérito) —————> (APA)

Desse modo, a forma verbal *he amado* é anterior (*perfecto*) a uma coexistência (presente); *hube amado* é anterior (A-) ao passado (-A). *Había amado* e *habría amado* são anteriores, respectivamente, a uma coexistência no passado (CA) e a uma posterioridade anterior (ou seja, *amaría*, PA: *Análisis*, p. 9 a 12).

5. 1.1 *Tempos Simples*

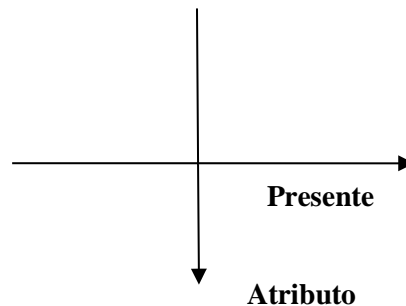
Andrés Bello inicia sua explanação a partir do tempo presente o qual atribui o significado com a “coexistência do atributo”, ou seja, a relação entre o “sentido radical do verbo com o momento no qual se fala”. O atributo¹⁰³, nesse caso, é o que, na terminologia geral, denomina-se como predicado. No entanto, não se apresenta no sentido de uma ação concomitante, mas de uma relação na qual haja um ponto de intersecção entre ambos. Dessa forma, Bello afirma que esse tempo verbal deve ser utilizado para expressar verdades eternas e uma duração que não se pode definir, pois não é possível precisar seu início e fim. Um exemplo dessa afirmação é a oração:

¹⁰³ De acordo com Gómez Torrego (2005), o atributo é uma função sintática que se caracteriza pelas seguintes características: complementa um substantivo, pronome ou oração e a um verbo.

“La tierra **gira** alrededor del sol.” (grifo nosso)

O verbo *gira* expressa uma ação contínua, que não ocorre somente durante a fala, mas perdura no tempo e no espaço, sendo necessário, segundo Bello, que a fala coincida com o momento da duração do atributo. Dessa forma temos a representação dessas relações na Figura 3:

Figura 3 – Relação entre o verbo no presente e o atributo



Fonte: Elaborado pela autora.

Na Figura 3, a relação entre o tempo presente e o atributo é representada pelo ponto de interseção, no qual o verbo no tempo presente corta o atributo, marcando a ação que se enuncia no momento da fala e coincide com a duração do atributo, mas se estende para além do ato da palavra.

Ao apresentar o pretérito, Bello traz a noção de anterioridade (A) do atributo ao ato da palavra, ou seja, esse tempo consiste no momento anterior ao da fala, ao presente. Outro ponto importante a se ressaltar é a divisão entre atributos desinentes e permanentes proposta por Bello, relacionada com a duração de cada ação verbal, enquanto nos verbos desinentes, ela expira, nos permanentes, continua durando. No exemplo:

“La nave **fondeó** a las tres de la tarde.” (grifo nosso)

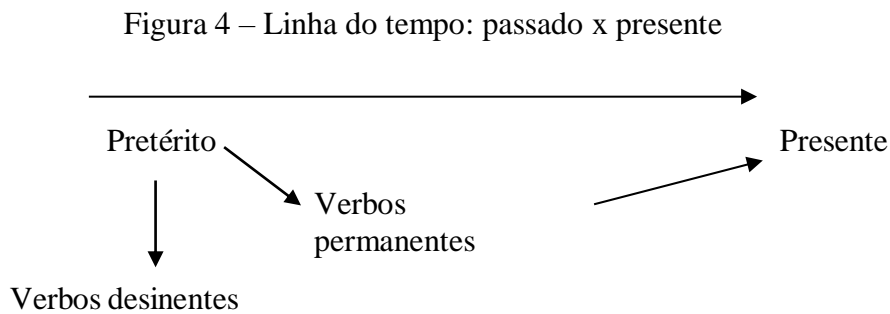
A ação expressa pelo verbo *fondeó* é anterior ao momento da fala e temos um exemplo de verbo desinente, constatando essa noção. Em relação aos verbos permanentes, como no caso do exemplo citado por Bello:

“Dijo Dios, **sea** la luz, y la luz **fue**.” (grifo nosso)

A noção de anterioridade do pretérito se extingue no momento em que o ato da palavra é proferido, passando a ter uma existência perfeita. Nesse caso, a partir da enunciação do verbo *sea*, a luz passou a fazer parte da existência. Em outro exemplo, o autor aborda a relação entre os verbos *divisar* e *dirigir*, na oração:

“Luego que **divisamos** la costa, nos **dirigimos** a ella”

Nesse exemplo, embora o ato de *divisar* preceda o de *dirigirse*, *divisaré* uma ação duradoura, perfeita; mas só foi possível *dirigirse*, ou seja, deslocar-se até a costa quando esta foi primeiramente *divisada*. Temos, portanto, uma descrição detalhada sobre o uso do verbo no pretérito, em que uma única forma pode representar significados diferentes, de acordo com a carga semântica do verbo. Com vistas a compreender melhor essa noção proposta por Bello, os verbos foram situados em uma linha do tempo na figura Figura 4:

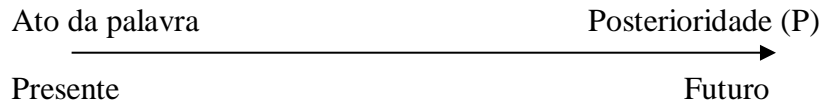


Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 4 demonstra a relação entre os verbos no passado e no presente, na qual o verbo no passado pode indicar uma ação passada pontual ou uma ação que perdura no tempo e se prolonga a partir do momento da sua enunciação, correlacionando-se com o presente. Desse modo, podemos dizer que as noções de tempo se perdem e passa-se a considerar as noções aspectuais e espaciais.

Depois dessa explanação, Bello apresenta o tempo futuro de forma pontual. O autor afirma que esse tempo significa a posterioridade (P) do atributo ao ato da palavra, o qual pode ser representado por:

Figura 5 – Relações entre o presente e o futuro



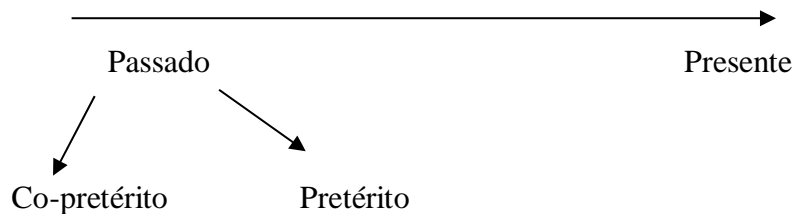
Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, a abordagem se centra no *co-pretérito*, que significa a coexistência do atributo com uma coisa passada, anterior ao momento da fala (CA). A relação que o autor estabelece entre o *co-pretérito* e o *pretérito* é a mesma do verbo no presente com o momento em que se fala, ou seja, a duração da coisa passada forma um todo com a parte com a qual se compara. Por exemplo:

“Quando **llegaste, llovía.**” (grifo nosso)

Nessa oração, a ação de chover coexiste com a de chegar, ambas no passado, no entanto, a primeira pode haver iniciado antes da segunda e continuar após ela. Dessa forma, a partir desse entendimento, elaboramos a seguinte linha do tempo (Figura 6):

Figura 6 – Linha do tempo: presente x futuro



Fonte: Elaborado pela autora.

Então, Bello apresenta um questionamento pertinente aos gramáticos, o qual consiste em saber se as verdades eternas podem ser expressas pelo *co-pretérito*. O autor confirma que o uso do *co-pretérito* é aceitável, no sentido em que tem um aspecto de durabilidade. Desse modo, de acordo com Velleman (1977, p. 216-217), “o sistema simbólico [de Bello] mostra que o verdadeiro passado do presente é o *co-pretérito*, por meio do qual este

se emprega para expressar verdades eternas”¹⁰⁴. Como no exemplo:

“Copérnico probó que la tierra **giraba** alrededor del sol.” (grifo nosso)

O pós-pretérito significa que o atributo é posterior a uma coisa passada, a representação dessa relação seria (PA) e é exemplificada na oração:

“Los profetas anunciaron que el Salvador **nacería** de una Virgen.” (grifo nosso)

Nesse exemplo, o nascimento é representado como um fato posterior ao anúncio, que é coisa passada.

5. 1.2 *Tempos Compostos*¹⁰⁵

Ao apresentar o que denomina como *ante-presente*, Bello compara duas proposições, uma com o uso no passado e outra no ante-presente, na qual se estabelece a diferença entre ambos. A primeira, indicando uma ação duradoura e a segunda, uma já acabada. O autor afirma que a forma composta está relacionada a algo que ainda existe, utilizando-se dessa maneira as seguintes frases para comprovar a sua afirmação, como:

“Él **estuvo** ayer en la ciudad, pero se **ha vuelto** hoy al campo.” (grifo nosso)

Já no exemplo:

“Pedro **há muerto**.” (grifo nosso)

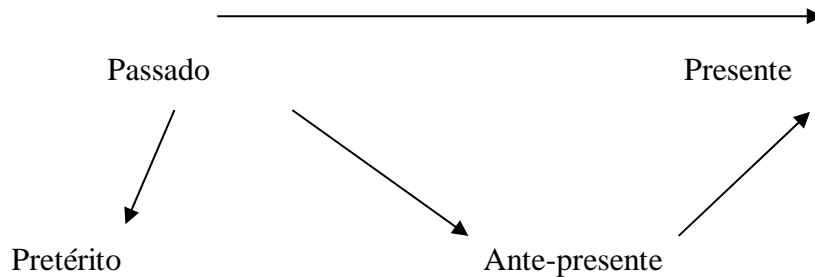
O verbo designa uma ação que acabou de acontecer, a qual ainda possui uma relação com o presente, algo recente, infere-se que foi um fato que aconteceu repentinamente. Em outro momento, já mais distante do acontecimento, diz-se: ele morreu. Conforme o texto “Bello, Bull y el sistema verbal del español” (VELLEMAN, 1977), os tempos compostos indicam um elemento de anterioridade (A-) mais a fórmula do tempo auxiliar *haber*. Assim, o ante-presente

¹⁰⁴ Texto fonte: “Su sistema simbólico muestra que el ver dadero pasado del presente (C) es el imperfecto (CA), por lo cual éste se emplea para expresar verdades generales que persisten [...]”.

¹⁰⁵ Segundo Alonso (1951), somente nesse caso do infinitivo de *haber* com o particípio é que Bello considera o infinitivo como verbo.

é uma forma anterior (A) que tem relação com o presente (C), distinguindo-se do pretérito (A), forma simples.

Figura 7 – Relação entre o pretérito e o ante-presente com o presente



Fonte: Elaborado pela autora.

A forma verbal *habré amado* pertence ao *ante-futuro*. Dessa maneira, a relação entre o atributo que significa *habré buscado* no exemplo que se segue é representado para nós como anterior ao atributo significado por procura, o qual é futuro em relação ao momento em que se fala (AP). Por exemplo:

“Procura verme pasados algunos días; quizá te **habré buscado** acomodo.” (grifo nosso)

Sobre o *ante-pretérito*, consiste em uma ação imediatamente anterior à outra, que é passada em relação ao momento em que é falada (AA). A justificativa para essa questão aspectual, da brevidade do tempo, consiste no “fato de que o verbo auxiliar é da classe dos permanentes”. Assim, temos o exemplo:

“Cuando **hubo amanecido**, salí.”

De acordo com o autor, a forma verbal *haber amanecido* significa o estado ou modificação do universo visível que acontece imediatamente ao amanhecer, enquanto a forma verbal em *hubo amanecido* diz respeito ao primeiro momento da existência perfeita dessa modificação, “como é típico do pretérito dos verbos permanentes precedidos pelas expressões *cuando, luego que, apenas, etc.* (31, 32, 33)”. Dessa forma, o autor considera que *Luego que amaneció, salí* e *cuando hubo amanecido, salí* são equivalentes semanticamente,

correspondendo “à sucessão imediata que na primeira se entende por assim que, na segunda manifesta-se pelo ante-pretérito”.No entanto, na segunda, o autor afirma que “dois sinais são usados para a declaração da mesma ideia, e, portanto há um verdadeiro pleonasma, mas autorizado, como muitos outros, pelo uso”.

Bello denomina o tempo verbal *había amado* como ante-co-pretérito, o qual consiste em uma ação anterior à outra ação passada, que, por sua vez é anterior ao momento da fala (ACA), representada no exemplo:

“**Había ya anochecido**, cuando volviste.” (grifo nosso)

Nesse caso, a forma verbal *había ya anochecido* não indica que a sucessão entre os dois atributos seja tão rápida que não haja intervalo.Dessa maneira, diferencia-se a forma *había amado* de *hube amado* (43-44); e, a causa dessa diferença, segundo o autor, é o fato de “*haber anochecido* significar a mudança do universo visível que sucede ao anoitecer”.Ocorre uma coexistência do verbo com a duração do retorno. Assim, “nesse exemplo, o anoitecer é anterior a uma coisa que coexiste em uma parte de sua duração com outra, que é anterior ao momento em que se fala”.

Por fim, Bello apresenta o ante-pós-pretérito, o qual consiste em uma relação de anterioridade, que é a última na ordem (APA). Temos os exemplos:

“Procura verme pasados algunos días; quizá te **habré buscado** acomodo.” (Grifo nosso)

“Dijome que procurase verle pasados algunos días; que quizá me **habría buscado acomodo**.” (Grifo nosso)

Então, se *habré amado* é um *ante-futuro*, *habría amado* é um *ante-pós-pretérito*. Assim, o autor afirma que se entre as formas *habré amado ante-futuro* e *habría amado, ante-pós-pretérito*,”há a mesma correspondência que entre “amaré, futuro” e “amaría, pós-pretérito”.E prossegue: “Vê-se pelo que precede que certas formas do verbo significam relações de tempos simples; outros, duplo; outros triplo. Mais tarde veremos que existem aquelas de significados ainda mais complexos” (*Análisis*, p. 22).

O autor conclui sua apresentação dos tempos verbais do modo indicativo afirmando que a nomenclatura adotada representa as relações elementares segundo a ordem na qual se

apresentam ao entendimento. Assim, segundo, Bello, caso a relação seja simples, ela é denominada com uma das palavras presente, passado, futuro. Se por outro lado, for complexa, a relação terminal é entendida por uma dessas mesmas palavras, e as relações anteriores com as partículas *co*, *ante* e *post*. Cada designação de forma verbal representa seu valor original. Porém, esse valor, pode se modificar frequentemente de acordo com regras fixas; e surgindo os significados secundários e metafóricos dos tempos verbais.

5.1.3 Valores secundários

Em seguida, Bello apresenta os valores secundários dos verbos no indicativo, que consiste na relação de coexistência com o tempo futuro, passando de uma relação simples para dupla. Nessa nova relação, o presente passa à denominação de *co-futuro* e aos demais tempos que possuem a partícula *co*, assumem a nomenclatura *co-post*, a qual, segundo o autor, representará com precisão seu significado secundário.

Como exemplo de quando a forma “amo” do presente torna-se co-futuro, o autor apresenta a seguinte oração:

“Cuando percibas que mi pluma se envejece (dice el Arzobispo de Granada a Gil Blas) ; cuando notes que se baja mi estilo, no dejes de advertírmelo. . . De nuevo te lo encargo: no te detengas un instante en avisarme cuando observes que se debilita mi cabeza.”

A explicação para essa ocorrência, segundo Bello, consiste em que as formas verbais *envejece*, *desce*, *debilita*, neste caso representam o tempo presente em relação ao momento em que o arcebispo fala; mas em relação a *percebe*, *notare observar*, são entendidas como ações futuras.

Em seguida, Bello apresenta outro caso em que aparece a forma verbal *amaba*, *co-pretérito* que se transforma em *co-post-pretérito*, transpondo o exemplo anterior do presente para o pretérito, o autor apresenta:

“Díjome el Arzobispo que cuando percibiese que su pluma se envejecía, cuando notase que se bajaba su estilo, no dejase de advertírselo. . . De nuevo me encargó que no me detuviese un momento en avisarle, cuando observase que se debilitaba su cabeza.”

Segundo o autor, a mesma relação de coexistência que existia antes entre *envejecerse* e *percibir*, entre *bajarse* e *notar*, entre *debilitarse* e *observar* permanece; no entanto, *el percibir*, *el notar* e *el observar* não representam mais uma ação futura em relação ao momento em que se fala, mas em relação à ação de dizer, que é anterior a esse momento. Consequentemente, aquelas três formas se *envejecía*, *se bajaba*, *se debilitaba*, envolviam, conforme Bello, as três relações sucessivas de convivência, posterioridade e anterioridade.

Outro caso de valor secundário é o da forma verbal *he amado*, que é um ante-presente e se converte em *ante-co-futuro*. Como exemplo, Bello apresenta a oração:

“Con este bálsamo (dijo Don Quijote a Sancho) no hay que tener temor a la muerte...y así cuando yo le haga y te le dé, no tienes más que hacer, sino que cuando vieres que en alguna batalla me han partido por la mitad del cuerpo”, etc.

Dessa forma, segundo o autor, *han partido* não é um *ante-presente* em relação ao momento em que é falado, mas em relação à ação de ver; ou então, a ação de partir é anterior ao corpo partido, um objeto que se apresenta aos olhos de Sancho e convive com eles. Agora, essa visão de Sancho é representa uma ação futura em relação ao tempo em que seu mestre está falando. O *ante-presente*, portanto, assume nesse caso o significado do *ante-co-futuro*.

Por sua vez, o autor aponta que a forma verbal *había amado*, que é um *ante-co-pretérito*, passa a ser um *ante-co-post-pretérito*. Ao fazer com que o exemplo anterior dependa de um verbo no pretérito:

“Le previno que cuando viese que en alguna batalla le habían partido por la mitad del cuerpo”, etc.

O autor comenta que entre *partir* e *ver* há agora a mesma relação de antes. Desse modo, *partir* é um *ante-presente* no que diz respeito ao *ver*, mas *ver* não representa mais um futuro em relação ao momento em que é falado, mas em relação a *previnir*, que é coisa passada. Então, *habían partido* nesse caso é um *ante-presentado post-pretérito*; isto é, um tempo *ante-co-post-pretérito*.

Em outro exemplo apresentado pelo autor, têm-se:

“Le mandó que allí le aguardase tres días, y que si al cabo de ellos no hubiese vuelto, tuviese por cierto que Dios había determinado que en aquella peligrosa aventura se acabase su vida”.

Bello explica que aqui o entendimento é representado a Sancho, que parte do princípio de que Deus determinou: assim, a determinação de Deus é um *ante-presente* em relação ao julgamento de Sancho. Ora, esse juízo é um *post-pretérito*, porque é um futuro em relação ao mandar, que por sua vez, é um passado em relação ao momento em que se fala. Então, *había determinado* é aqui um *ante-presente* do *post-pretérito*; um *ante-co-post-pretérito*.

Dessa forma, o autor acrescenta que parece que, assim como a mera coexistência em certos casos torna-se coexistência com o futuro, também em casos semelhantes deve tornar-se coexistência com o pretérito, levando a diferentes valores secundários de formas verbais, este não é o caso. Uma pessoa não pode dizer, por exemplo, que *vi que se debilita*, ou que *se ha debilitado*, mas *vi que se debilitaba*, ou que *se había debilitado*. Essa diferença, sem dúvida, vem do fato de que não temos formas que primitivamente denotam coexistência com o futuro, como há aquelas que denotam coexistência primitiva com o pretérito.

Segundo Bello, os exemplos acima indicam de uma maneira muito clara que, na língua castelhana, o uso secundário é próprio das orações *subjuntas*¹⁰⁶, que são representadas como objetos de percepções, julgamentos, apreensões futuras. Esse uso também é apropriado para orações *subjuntas* que significam objetos de declarações e indicações futuras, como nos exemplos:

“Luego que de las avanzadas se avise que las tropas enemigas se acercan.”

“Cuando os hagan saber que ha llegado la nave.”

Assim, conforme Bello, na gramática o que se diz dos atos de pensamento sempre se adequa aos signos que os representam. Por fim, o autor apresenta um quadro com uma síntese com as formas verbais e seus valores primitivos e secundários, que reproduzimos abaixo nos Quadros 3 e 4:

¹⁰⁶ Denominação utilizada por Bello para referir-se ao que a gramática atual compreende como orações subordinadas.

Quadro 3 – Valores primitivos

Forma verbal	Tempo	Valor primitivo
Amo	presente	C
Amé	pretérito	A
Amaré	futuro	P
Amaba	co-pretérito	CA
Amaría	post-pretérito	PA
He amado	ante-presente	AC
Hube amado	ante-pretérito	AA
Habré amado	ante-futuro	AP
Había amado	ante-co-pretérito	ACA
Habría amado	ante-post-pretérito	APA

Fonte: Bello (1981).

Quadro 4 – Valores secundários

Forma verbal	Tempo	Valor secundário
Amo	co-futuro	CP
Amaba	co-post-pretérito	CPA
He amado	ante-co-futuro	ACP
Había amado	ante-co-post-pretérito	ACPA

Fonte: Bello (1981)

Dessa forma, pode-se concluir, conforme o autor, que no valor secundário das formas indicativas a mera coexistência torna-se coexistência com o futuro, assim C muda para CP.

Traçando um paralelo com o que trazem algumas gramáticas atuais, como por exemplo, a *Gramática contrastiva del español*, das autoras Concha Moreno e Eres Fernández (2007), na qual há a definição do tempo verbal presente do indicativo como aquele que expressa, geralmente, o acontecimento, a ação, o processo ou estado referido pelo verbo que tem lugar na zona temporal na qual se situa o falante. O *pretérito indefinido* ou pretérito *perfectosimple* expressa um acontecimento terminado em um tempo também terminado, do qual o falante está fora. O *pretérito imperfecto* apresenta a ação, acontecimento, processo ou estado como contexto prévio às ações expressadas por qualquer um dos pretéritos perfeitos. Já foi chamado de “co-pretérito” para indicar que o seu uso se associa a outros passados. O *pretéritopluscuamperfecto* expressa uma ação passada em tempo final e antes de outra também passada. Nos dois eventos passados, a sucessão pode ser mediata ou imediata.

Ainda de acordo com as autoras, o tempo verbal *Futuro simple* exprime ações futuras; o *Futuro compuesto* expressa que a ação, evento, processo ou estado está no futuro, porém é anterior a outra ação também futura. Já o *Condicional simple* expressa posterioridade em relação a um momento do passado indicado por outro verbo ou locução temporal. *Condicional compuesto* expressa que o que é referido pelo verbo é anterior em relação a outro

momento, também futuro na perspectiva do passado (CONCHA MORENO; ERES FERNÁNDEZ, 2007). A seguir, apresentamos o Quadro 5 com as equivalências das nomenclaturas dos tempos verbais:

Quadro 5 – Nomenclaturas dos tempos verbais

Forma verbal	Andrés Bello (1781-1865)	Real Academia: Gramática, 1931	Real Academia: Esbozo, 1973
MODO INDICATIVO			
<i>canto</i>	presente	presente	presente
<i>canté</i>	pretérito	pret. indefinido	pret. perfecto simple
<i>cantaba</i>	copretérito	pret. imperfecto	pret. imperfecto
<i>he cantado</i>	antepresente	pret. perfecto	pret. perfecto compuesto
<i>hube cantado</i>	antepretérito	pret. anterior	pret. anterior
<i>había cantado</i>	antecopretérito	pret. pluscuamperfecto	pret. pluscuamperfecto
<i>cantaré</i>	futuro	futuro imperfecto	futuro
<i>cantaría</i>	pospretérito	potencial simple o imperfecto	condicional
<i>habré cantado</i>	antefuturo	futuro perfecto	futuro perfecto
<i>habría cantado</i>	antepospretérito	potencial compuesto o perfecto	condicional perfecto

Fonte: Bello (2023, *online*).

Ao se deparar com esse quadro, Secco (1989) afirma que esse sistema verbal de Bello, o qual já foi adotado no sistema de ensino de vários países americanos, se não for o mais perfeito, representa um modelo muito mais claro e racional do que o acadêmico, o qual fora modificado pela própria corporação no *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española* [Esboço de uma Nova Gramática] (1973). E acrescenta que, embora o propósito deste trabalho não consistisse em um caráter normativo, essa nova nomenclatura foi desde então aceita por

numerosos livros didáticos espanhóis, em comparação com o acadêmico tradicional, o que conseguiu aumentar um pouco a confusão no ensino de língua espanhola na Espanha (SECCO, 1989).

5. 2 Reflexões sobre o processo de tradução

Nestes comentários acerca do processo de tradução, retomo as três tarefas de tradução propostas por Berman e escolhidas para esse estudo. Primeiramente, tomo como base a quinta tarefa, a qual propõe uma reflexão sobre o papel do tradutor, pois, conforme o autor, “trata-se de um grande esquecido de todos os discursos sobre a tradução”. Retomo também o elemento da “reflexividade originária do traduzir”, proposto por Berman (2007), considerando que essa prática é inerente ao processo tradutório. Em todo o momento do trabalho de tradução, fez-se necessária uma restituição do sentido do texto original, de forma a ultrapassar o escrito e considerar o contexto de produção, as ideias do autor.

De acordo com Berman (2007), a tradução é uma “experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo saber, um saber *sui generis*” (BERMAN, 2007, p. 18). Assim, assumi um papel reflexivo através dessa experiência, a qual consistiu em um “pensamento-da-tradução”. Para essa reflexão sobre o processo de tradução, dialoguei também com outras teorias dos estudos da tradução bem como com a função que assumi para a realização deste trabalho, a fim de refletir sobre o papel desempenhado nessa pesquisa.

Hurtado Albir (2001) apresenta três características que considera como essenciais para se ter em mente em uma tradução: o ato de comunicação, a operação entre textos (e não entre línguas) e o processo mental. Assim, para autora, em relação à tradução:

Deve-se considerar, em primeiro lugar, que ele é traduzido para um propósito comunicativo, de modo que um destinatário que não conhece a língua em que um texto é formulado possa entender esse texto. Ao reproduzir este texto em outra língua e cultura, o tradutor deve considerar que não se trata de captar a cobertura linguística, mas as intenções comunicativas por trás dela, tendo em conta que cada língua as expressa de forma diferente e considerando as necessidades dos destinatários e as características da tarefa.¹⁰⁷ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 41).

¹⁰⁷ Texto fonte: “Hay que considerar, en primer lugar, que se traduce con una finalidad comunicativa, para que un destinatario que no conoce la lengua en que está formulado un texto pueda comprender ese texto. A la hora de reproducir en otra lengua y cultura: ese texto, el traductor debe considerar que no se trata de plasmar la cobertura lingüística sino las intenciones comunicativas que hay detrás de ella, teniendo en cuenta que cada lengua las expresa de una manera diferente y considerando las necesidades de los destinatarios y las características del encargo”.

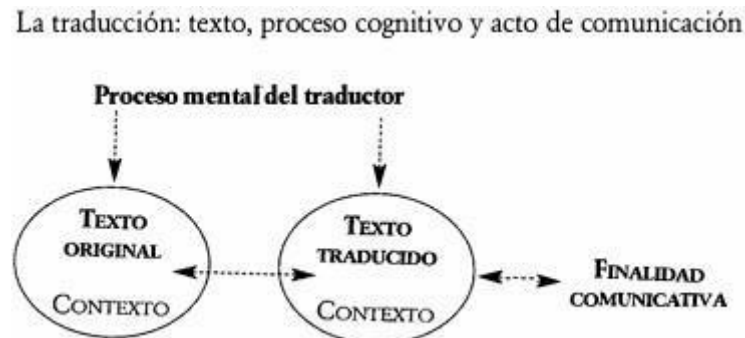
Dessa forma, a autora considera que a finalidade da tradução pode mudar dependendo do tipo de atribuição ou do público-alvo; cabendo ao tradutor a adoção de métodos e a apresentação de soluções diferentes. Desse modo, a tradução é, pois, segundo Hurtado Albir (2001, p. 41): “um ato complexo de comunicação e devem ser levados em conta todos os elementos que a compõem em cada caso, uma vez que todos eles participam no seu desenvolvimento, condicionando-a”. No caso desse estudo, considerando o público-alvo para o qual a tradução anotada se destina, considere soluções que fossem voltadas para o uso da língua dentro de um contexto formal e que possibilitasse ao estudante realizar um estudo comparativo em relação à língua estrangeira e à materna, uma vez que essa pode ser considerada como uma estratégia de aprendizagem de uma LE.

O segundo ponto diz respeito ao fato de que a tradução não se situa no plano da língua, e sim no plano da fala e, portanto, ao realizar o processo de tradução, não se pode traduzir unidades isoladas, descontextualizadas, mas textos. A autora afirma que, ao analisar a tradução, “deve-se ter sempre presentes os mecanismos de operação textual (os elementos de coerência e coesão, os diferentes tipos e gêneros de texto), tendo ainda em mente que estes mecanismos são diferentes em cada língua e cultura” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 41). Considerei esses elementos como importantes para a manutenção das ideias presentes no texto de Bello, pois tive que analisar o texto em sua totalidade, composto por partes que estão interligadas a fim de atribuir um sentido lógico. Em muitos momentos, precisei recorrer a outras partes do texto e ao estudo gramatical do autor para compreender melhor as ideias expressas nesse estudo. Optei também pela manutenção da tipologia textual, bem como do gênero ao qual pertence o texto a fim de cumprir com o propósito de apresentar uma tradução didática.

O terceiro ponto abordado pela autora consiste em não esquecer que a tradução é uma atividade mental complexa, exercida por um sujeito, o tradutor, o qual necessita de uma competência específica (competência tradutória) para compreender o significado do texto e, em seguida, reformulá-lo em outra língua, considerando as necessidades do destinatário e a finalidade da tradução. Portanto, “trata-se de interpretar primeiro (o texto, o contexto, a finalidade da tradução) para somente depois poder comunicar” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 41). Esse ponto representa um desafio, no sentido de se considerar esses aspectos antes de iniciar o processo de tradução, pois não se pode deixar levar pelo ímpeto de traduzir à primeira vista sem ter em mente todos os elementos que estão no plano discursivo. Por isso, foi importante ter definido de forma clara os destinatários e a finalidade da tradução, para que o papel de tradutor fosse exercido com a competência necessária para a função.

Para ilustrar esse ponto de vista, Hurtado Albir (2001) apresenta uma figura sobre a tradução que consiste em três pontos, interligados entre si, que são: o texto, o processo cognitivo e o ato de comunicação, sobre os quais me baseei para reelaborá-la da seguinte forma (Figura 8):

Figura 8 – A tradução: texto, processo comunicativo e ato de tradução



Fonte: Hurtado Albir (2001, p. 42)

O ato de traduzir requer ainda do tradutor um constante processo de teorização, pois, de acordo com Pym (2016),

Quando identificam um problema, normalmente eles têm de escolher entre uma série de soluções possíveis (é por isso que podemos falar de “problema”), e esse processo precisa de alguma habilidade para ver o que acontece (o termo teoria provavelmente vem do grego *theā*, vista + *-horan*, ver—aquele teoriza contempla uma visão). Ou seja, para resolver o problema, o tradutor deve ser capaz de enxergar algo no contexto da comunicação, o qual lhe possibilita escolher uma solução e descartar a outra.¹⁰⁸ (PYM, 2016, p. 13).

Dessa forma, ao escolher uma opção em detrimento de outras, o tradutor, segundo o autor, “constrói um pequeno teatro interior” onde enumera várias ideias acerca da tradução, a fim de definir a melhor forma de se traduzir um texto (PYM, 2016, p. 13). Assim, conforme Pym, o tradutor está teorizando e essa teorização faz parte do ato de traduzir. Dessa forma, ao assumir esse papel, foi necessário me debruçar sobre diferentes processos de teorização, tendo em mente diversos fatores, como o contexto de produção, o destinatário, a finalidade comunicativa, dentre outros, assim como a relação entre teorias já existentes e o texto traduzido.

Esse movimento também se assemelha ao que propõe Berman (1989) quando

¹⁰⁸ Texto fonte: “Cuando identifican un problema, normalmente han de escoger entre una serie de posibles soluciones (por eso se puede hablar de “problema”), y dicho proceso necesita cierta capacidad de ver lo que pasa (el término teoría viene probablemente del griego *theā*, vista + *-horan*, ver—el que teoriza contempla una vista). O sea, para poder solucionar el problema, el traductor tiene que ver, en el contexto comunicativo, algo que le permita seleccionar una solución y descartar otras”.

aborda a questão da reflexividade originária do traduzir, no qual, em um primeiro momento há o contato com o texto original e o tradutor experiencia a diferença e o parentesco das línguas, em um nível que ultrapassa aquilo que a linguística ou a filologia podem empiricamente constatar nesse sentido; em segundo lugar, vem a experiência da traduzibilidade e a intraduzibilidade das obras e, em terceiro lugar, ele experiencia a própria tradução.

Considero que esse olhar do tradutor representaria um movimento cíclico no qual, primeiramente, há uma observação do texto original, seguida do trabalho de tradução, depois um afastamento do texto traduzido, ou seja, de sua prática, e uma reaproximação com o texto original, seguida de uma releitura com objetivo de buscar melhorias no processo. Ao me debruçar sobre o trabalho da tradução, assumindo o papel de tradutora, tive que realizá-lo de acordo com esse movimento, que consistiu em uma leitura do texto fonte de forma a buscar compreender as ideias do autor, pesquisas sobre determinados termos e expressões e a tentativa de produzir uma tradução contextualizada. Assim, utilizando da afirmação de Berman sobre a tradutologia ser a reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência, considerando a experiência no processo de tradução, elaborei a seguinte figura:

Figura 9 – Movimento do ato tradutório



Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, não quero afirmar que a tradução seja um processo infinito, mas que é necessário ler, interpretar, pesquisar e em alguns momentos ter um afastamento do texto para buscar uma produção de qualidade. Sendo assim, é necessária a realização de uma leitura, não somente de decodificação, mas principalmente de interpretação dos sentidos, de compreensão do sentido global do texto a fim de que se possa proceder ao processo de tradução, de acordo com o que coloca Berman (1989), sobre o qual decidi me debruçar nesse estudo: “consiste em

explorar [...] as fronteiras da tradução”. Nesse ponto o autor afirma que a área da tradução toca outras áreas: a da leitura e a das “interpretações”. Quando o autor aborda a nona tarefa, que considera a mais importante e que “consiste em definir as relações da tradutologia como discurso-da-tradução com dois outros modos essenciais de relação com as obras: o comentário e a crítica”, de fato, percebo que os comentários são essenciais no processo de tradução para que o leitor possa compreender melhor o texto traduzido.

Ainda conforme Hurtado Albir (2001), há de se considerar a existência da invariável tradutória, que consiste primeiramente em uma síntese entre conteúdo e forma. A autora afirma que:

As abordagens que baseiam a descrição do tradutor invariável em desenvolvimento do processo de tradução evidencia justamente que essa invariável (sentido, representação semântica, etc.) é o resultado do processo de compreensão e o ponto de partida da reformulação; nesse sentido, a segunda característica essencial do tradutor invariável é sua relação com o processo tradutório e seu caráter não verbal. Em terceiro lugar, devemos enfatizar o caráter textual e contextual do tradutor invariável. Essa invariável não é colocada fora de contexto.¹⁰⁹ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 239)

Com isso, torna-se necessário que o tradutor esteja atento a essa invariável durante o processo de tradução, considerando todos os aspectos textuais (elementos não-verbais, sentido, etc.) e contextuais do texto fonte a fim de proporcionar uma tradução mais adequada aos propósitos do autor. No caso deste trabalho, em relação ao texto escolhido para a tradução, os aspectos semânticos e contextuais mereceram uma atenção especial com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do texto, tendo em vista o contexto histórico-social em que o texto foi escrito e as metáforas utilizadas pelo autor para descrever os modos verbais.

Outro ponto importante que Hurtado Albir apresenta é o quadro com a tipologia funcional de traduções proposto por Nord, e afirma que considera esta proposta de classificação baseada em diferentes tipos de tradução de grande interesse para a análise do método de tradução. Nele, Nord (1996) apresenta de forma bastante detalhada as funções, a forma, a finalidade, o enfoque e exemplos de tradução, subdivididos em tradução-documento (interlinear, literal, filológica e exotização) e tradução-instrumento (equifuncional, heterofuncional e homóloga). De acordo com essa categorização, o texto traduzido neste trabalho tem, portanto, uma função metatextual, trata-se de uma tradução-documento filológica

¹⁰⁹ Texto fonte: “Los enfoques que basan la descripción de la invariable traductora en el desarrollo del proceso traductor ponen de relieve, precisamente, que esta invariable (sentido, representación semántica, etc.) es el resultado del proceso de comprensión y el punto de partida de la reformulación; en este sentido, la segunda característica esencial de la invariable traductora es su vinculación con el proceso traductor y su carácter no verbal. En tercer lugar, hay que incidir en el carácter textual y contextual de la invariable traductora”.

cuja função é a de tentar reproduzir a forma e o conteúdo do texto original e o enfoque está nas unidades sintáticas.

Outro comentário que gostaria de trazer sobre o texto se refere à questão do anacronismo no que diz respeito à terminologia empregada e ao uso de alguns tempos verbais, como o ante-pretérito, correspondente ao pretérito anterior, que caiu em desuso na língua falada, e outras questões linguísticas, como a ortografia empregada por Bello, pois se trata de um texto do século XIX. Como a tradução se destina a estudantes brasileiros da atualidade, esse ponto torna-se importante para compreender a tradução da obra, tendo em vista que optei pela manutenção da terminologia empregada pelo autor, utilizando a formatação em itálico para destacar essa opção. Além disso, busquei a manutenção do caráter didático do texto original, apresentando uma linguagem formal e o estilo rebuscado do autor.

Em relação às questões estilísticas, como o emprego de metáforas, estas também foram mantidas na tradução e, em relação às questões morfossintáticas, como o uso da voz passiva e as colocações pronominais, próclise e ênclise, fiz as devidas alterações em conformidade com a norma culta da língua portuguesa, e as justificativas já foram colocadas em nota de rodapé. Procurei ainda manter a organização e formatação textual, como a divisão em parágrafos e as marcações em negrito, itálico e versalete.

5.3 Escolhas tradutórias e problemas de equivalência

De acordo com o próprio Andrés Bello (1951):

Não se pode construir uma frase, nem traduzir bem de uma língua para outra, sem escrutinar as relações mais íntimas das ideias, sem fazer um exame microscópico, por assim dizer, dos seus acidentes e modificações. (BELLO, 1951, p. 6).

Como aponta Costa (1992), o processo tradutório apresenta problemas de equivalência em si, por um lado e, por outro, problemas de equivalência textual ou retextualização. No caso deste trabalho, discuto os possíveis problemas de equivalência que surgiram ao longo do processo, apontando quais as soluções encontradas para esse problema, justificando, assim, as escolhas tradutórias que fiz. Para isso, iniciarei por citar os problemas relacionados ao próprio modelo de conjugação do modo indicativo de ambas as línguas, no qual reside a questão da quantidade de tempos verbais, sendo nove na língua espanhola e seis na língua portuguesa; e nos valores aspectuais de cada tempo. Dessa forma, apresento o quadro comparativo a seguir (Quadro 6):

Quadro 6 – Comparativo dos tempos verbais do modo indicativo¹¹⁰

CASTELLANO	PORTUGUÊS
PRESENTE	PRESENTE
PRETÉRITO	PRETÉRITO PERFEITO
ANTEPRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO*
CO-PRETÉRITO	PRETÉRITO IMPERFEITO
ANTE-PRETÉRITO	
ANTE-CO-PRETÉRITO	PRETÉRITO MAIS DO QUE PERFEITO
FUTURO	FUTURO DO PRESENTE
ANTE-FUTURO	
POST-PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO
ANTE-POST-PRETÉRITO	

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao me deparar com os exemplos propostos por Bello, inicialmente optei por realizar a tradução de todos os elementos da oração. No entanto, ao refletir sobre o processo de tradução, reconsiderarei e decidi mantê-los em castelhano, pois o cerne dos estudos em questão é justamente apresentar de forma pedagógica uma análise semântica dos tempos verbais, no qual o autor visa situar as ações de acordo com o ato da palavra e descrever os modos verbais de forma metafórica. Dessa forma, evitei os problemas de equivalência apresentados no Quadro 5, e temos como exemplo:

“Madrid **está** a las orillas del Manzanares.” (Pres., grifo nosso)

“Se **edificó** una casa a la orilla del río.” (Pret., grifo nosso)

“Cuando **llegaste**, llovía.” (Co-Pret., grifo nosso)

“Los profetas **anunciaron** que el Salvador nacería de una Virgen.” (Pos-Pret., grifo nosso)

“La Inglaterra se **ha hecho** señora del mar.” (Ante Pres., grifo nosso)

¹¹⁰ O quadro elaborado visa uma aproximação entre os tempos verbais, não apresentando uma relação biunívoca entre as línguas.

O mesmo critério foi adotado para as formas compostas. Como pode-se observar, uma mesma forma verbal tem diferentes significados, de acordo com o ato da palavra. Considero que o quadro comparativo pode ser uma boa estratégia de memorização dos verbos, mas se optasse por uma equivalência semântica, alteraria a forma verbal e vice-versa. Assim, considerando os exemplos:

“La Inglaterra se **ha hecho** señora del mar.” (AP)

“Roma **se hizo** señora del mundo.” (Pret.)

Se optasse pela tradução de ambas as formas pela forma correspondente na língua portuguesa para o passado, considerando que temos uma única forma para se referir a esses dois tempos do castelhano, teria:

“A Inglaterra **tornou-se** a senhora do mar.” (Trad.)*

“Roma **tornou-se** a senhora do mundo.” (Trad.)*

Assim, além da alteração na estrutura, teríamos uma alteração formal e semântica, pois, conforme Bello, o sentido que se atribui à primeira oração é de que o senhorio do mar ainda dura e, na segunda, é uma coisa que já aconteceu, portanto, passada. Atualmente a distinção que as gramáticas de língua espanhola (LE) fazem entre o pretérito perfeito simples e o composto diz respeito a essa noção apresentada por Bello, entre um passado recente que tem relação com o presente e um passado distante, já acabado.

Outro questionamento que me fiz foi sobre a alteração na forma verbal do exemplo:

“Pedro **ha muerto**.” (TF, grifo nosso)

“Pedro **acabou de morrer**.” (Trad.)*

Ao tentar traduzir a forma verbal pela perífrase “acabou de morrer”, buscando uma equivalência semântica, mais uma vez, percebi que estava alterando a essência do texto de Bello, que consiste justamente na definição desse tempo verbal em específico, considerando a sua relação com algo que acaba de acontecer, neste caso, a morte e o tempo presente, o que se

considera um passado recente.

Um problema semelhante se deu quando tentei realizar a seguinte tradução:

“Cuando **hubo amanecido**, salí.” (AP)

“Quando **tinha amanhecido/amanhecera**, eu saí.” (Trad.)*

Dessa vez, tentei colocar duas possibilidades de tradução, mas percebi que não atendia à proposta de Bello, uma vez que sua abordagem trata do sistema de modos verbais da língua castelhana, em um processo de deslatinização e de autoafirmação da língua, portanto não faria sentido a tradução dessas formas verbais. Há ainda o caso das formas verbais que não possuem equivalentes formais na LP e, portanto, teria um problema equivalência nesse nível, ainda que buscasse uma equivalência de sentidos. Como afirma Costa (1992), isso pode acontecer porque há “elementos gramaticais que são mais neutros, enquanto outros são fortemente marcados. Como ambos esses conjuntos diferem de língua para língua, a falta de correspondência é um fenômeno bastante previsível na tradução” (COSTA, 1992, p. 40).

Outro questionamento surgiu ao tentar traduzir o exemplo a seguir, acrescentando o pronome sujeito:

“Cuando **llegaste, llovía**.” (Grifo nosso)

“Quando você **chegou, chovia**.” (Trad.)*

O questionamento seria com relação ao uso das formas pronominais “tu” ou “você” para se referir à segunda pessoa do discurso. Enquanto tradutora, levei em consideração a possibilidade de utilizar no exemplo a variação linguística da região na qual o estudo foi realizado, em que o “você” seria mais usual para indicar maior grau de informalidade do que o pronome “tu”, ao contrário do que acontece na língua espanhola.

Sobre essa questão, há ainda inúmeros estudos de Marta Scherre, pesquisadora e professora aposentada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No artigo “Por onde transitam o tu e o você no Nordeste?”, publicado em 2021 na Revista de Letras da UFC, a autora tem como foco a distribuição dos pronomes pessoais de segunda pessoa no singular na posição de sujeito em pesquisas da região Nordeste do Brasil, no qual se baseia no desenho do mapa dos pronomes de segunda pessoa de Scherre *et al.* (2015), as reflexões de Scherre e

Andrade (2019), o redesenho do mapa de Scherre, Andrade e Catão (2020) e a apresentação de Scherre (2020) no V Fórum de Estudos Linguísticos do Ceará (FELCE), a partir de diversas análises de pesquisadores brasileiros até 2020. Nesse estudo, a autora conclui que, os mapas apresentados, evidenciam “mais uma vez, que a forma *ocê*, além de entrar para o sistema pronominal (a partir da década de 30 do século XX – conforme Lopes e Cavalcante (2011, p. 34), se generalizou rapidamente e de tal maneira que alçou à forma suprarregional no português brasileiro” (SCHERRER, 2021, p. 182)

Ao comentar essa questão a autora, elenca estudiosos como Faraco (1996, p. 64), o qual afirma que: “Você é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais. A razão para esse uso tão amplo de *ocê* no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história da formação do País” e Lopes e Duarte (2004) que também afirmam que, no português brasileiro:

[...] *ocê* já está perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais, substituindo *tu* em grande parte do território nacional ou convivendo com *tu* sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada “segunda pessoa direta”. (LOPES; DUARTE, 2004, p. 61).

Ainda que minha proposta consista na tradução considerando a norma culta da língua portuguesa, no exemplo apresentado por Bello, há a representação de uma linguagem coloquial. No entanto, o problema foi solucionado quando optei por deixar os exemplos na língua do texto de origem, o castelhano, a fim de enfatizar o uso que Bello faz dos tempos verbais em sua abordagem e permanecer fiel a sua proposta.

No exemplo a seguir, temos:

“Esta definición de *amaba* resuelve una cuestión que **han ventilado** tiempo ha los gramáticos.”

Tive dificuldade em encontrar um sentido mais adequado, pois há uma duplicação de ideias nesse exemplo com relação à oração *resuelve una cuestión* e *han ventilado*. Além disso, parece haver uma lacuna no texto fonte, então optei por traduzir da seguinte forma:

“Esta definición de *amaba* resolve uma questão que há tempos *preocupa* os gramáticos”.

Outra tentativa de tradução ocorreu quando pensei em alterar o verbo *subsistir* por

existir, no seguinte exemplo:

“¿Se pueden expresar por el co-pretérito las cosas que todavía **subsisten** y las verdades eternas?” (grifo nosso)

“Podem ser expressas pelo co-pretérito as coisas que ainda **existem** e as verdades eternas?” (Trad.)*

No entanto, ao me deparar com um dos significados de subsistir de acordo com o DLE: “3. intr. Fil. Dicho de una sustancia: Existir con todas las condiciones propias de su ser y de su naturaleza” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2022e), decidi permanecer com o verbo, considerando que há equivalente na língua portuguesa, ainda que seja menos usual. Dessa forma, acredito que, dado o caráter filosófico do texto, certamente a escolha de Bello levou em consideração esse significado. Outro fator que deve ser levado em consideração consiste no fato de que se trata de um texto do século XIX, portanto alguns termos ou expressões são condizentes à época e ao estilo do autor.

Outro exemplo que gostaria de citar é da possibilidade de traduzir *mediar* por *haver*, na oração:

“[...] pero la forma del primer verbo no indica que la sucesión entre los dos atributos fuese tan rápida que no **mediase** algún intervalo.” (grifo nosso)

“[...] mas a forma do primeiro verbo não indica que a sucessão entre os dois atributos seja tão rápida que não **haja** intervalo.” (Trad.)*

Ao consultar o dicionário DLE, reconsiderarei, pois o verbo que Bello adota está mais relacionado com o sentido que o autor deseja expressar, dessa forma, *mediar* significa: *Dicho de una cosa: Ocurrir entre dos hechos o dos momentos.*

Outro ponto diz respeito à linguagem empregada no texto, seu estilo formal e apresentação rebuscada, por meio da qual Bello descreve o sistema verbal através de uma linguagem conotativa, empregando metáforas, como na frase:

“Los co-pretéritos estaba, rodeaban, corría, hacía, daba, miraban, había, hacían, **pintan** las circunstancias y adjuntos de la serie de acciones referidas por los

pretéritos llegaron, escogió, comenzó, etc.”(grifo nosso)

Ao tentar traduzir a forma verbal “pintan” por “marcam”, percebi que alteraria a descrição que Bello faz acerca do co-pretérito, criando uma imagem mental sobre o uso desse tempo, que, segundo o autor, apresenta a decoração da trama. O próprio autor afirma que se esforça naterminologia que adota para designar a cada tempo, e afirma:

Estranharão nomenclatura; mas se acharem que tem o mérito de oferecer em cada nome uma definição completa, e algo mais do que uma definição, uma fórmula, em que não só a combinação, mas a ordem dos elementos pintam fielmente os atos mentais de que cada tempo do verbo é um sinal, lisonjeio-me que o julguem preferível aos adotados em nossas gramáticas.¹¹¹ (BELLO, 1951, p. 8).

De acordo comCosta (1992, p. 30), “o tradutor não é limitado somente pela gramática, pelos padrões lexicais da sua língua e pela sua habilidade como textualizador, mas sofre também restrições impostas pelo texto preexistente”. Dessa forma, não é possível alterar determinados vocábulos sem comprometer a ideia expressa pelo autor através de suas metáforas.

Outra figura de linguagem utilizada por Bello foi o hipérbato. Ao tentar modificar a ordem sintática do texto fonte, em alguns casos, reconsiderei para não alterar o estilo de escrita do autor. Como, por exemplo:

“**A los primeros** llamo verbos desinentes, y a los segundos, permanentes.”(TF, grifo nosso)

“**Chamo** os primeiros de verbos desinentes, e **os últimos**, permanentes.” (Trad.)*

Na inversão sintática, o objetivo do autor é destacar o referente, os tempos verbais, objeto de seu estudo, procedendo à utilização de uma anáfora para a retomada da informação. Na tradução, ao inverter essa ordem, o destaque recairia sobre o verbo chamar, provocando, desse modo, uma alteração de sentido. Da mesma forma, pensei em alterar a ordem do substantivo e seu determinante na afirmação:

¹¹¹ Texto fonte: “Extrañarán la nomenclatura; pero si encuentran que ella tiene el mérito de ofrecer en cada nombre una definición completa, y algo más que una definición, una fórmula, en que no sólo la combinación sino el orden de los elementos pintan con fidelidad los actos mentales de que cada tiempo del verbo es un signo, me lisonjeo de que la juzgarán preferible a las adoptadas en nuestras gramáticas”.

“[...] el momento en que se pronuncia el verbo, coincida con **un momento cualquiera** de la duración del atributo.”(TF, grifo nosso)

“[...] o momento em que o verbo é pronunciado coincida com **qualquer momento** a duração do atributo.” (Trad.)*

No texto fonte, a ênfase recai sobre o substantivo momento, o qual é marcado por dois determinantes, o artigo indefinido “um” e o pronome indefinido “qualquer”. Na possível tradução, haveria uma mudança na ênfase, passando para o determinante “qualquer”, eliminando assim o artigo “um” e deixando a palavra “momento” em um segundo plano do discurso. O que ocorre é que as palavras *época*, *momento* e *duración* têm um sentido específico na sua correlação com o tempo e o ato da palavra. Como afirma Costa (1992, p. 40), “às vezes, uma simples escolha gramatical, um pronome, por exemplo, pode denotar o nível de relação entre escritor e leitor”.

Por exemplo, quando aborda a relação entre os pretéritos, Bello diz que é preferível a distinção entre época e período, vista nas gramáticas de Condillac e de Salva, e segundo a qual *he amado* corresponde uma “época passada” e a um “período” presente¹¹². Entretanto, se a “época” se refere ao tempo da ação e se “período” representa o tempo de relevância, as duas descrições são idênticas.

No exemplo a seguir, percebe-se uma ambiguidade provocada pelo adjetivo “visible” posicionado depois da palavra universo, então pensei em desfazer essa ambiguidade, colocando o adjetivo próximo à palavra mudança na tradução:

“Haber anohecido significa aquella modificación del universo **visible** que sucede al anohecer.”(Grifo nosso)

“Haber anohecido significa a mudança **visível** do universo que sucede ao anoitecer.” (Trad.)*

Então, refleti se não seria essa a intenção do autor ao escrever e deixei o adjetivo na posição da oração no texto fonte.

Concordo com Costa (1992, p. 34) ao afirmar que a tradução “seria bem mais fácil

¹¹² Introdução, p. LI-LII. Segundo Alonso, essa distinção entre época e período aparece pela primeira vez na obra de Beauzée (1767), não na de Condillac (1770).

se fosse possível criar um sistema de correspondências biunívocas, que nos permitisse partir do texto para o significado e do significado para o novo texto sem nenhuma complicação”. No entanto, as escolhas tradutórias necessitam levar em consideração diversos fatores (lexicais, culturais, etc.) e, dentre eles, o principal é a compreensão do leitor. Ainda de acordo com o autor, “numa tradução adequada, o equilíbrio entre o princípio da livre escolha e o princípio idiomático do TF é preservado em boa medida” (COSTA, 1992, p. 46). Dessa forma, surgiu outro questionamento na tradução da expressão idiossincrática:

“Esta relación de coexistencia no consiste en que las dos **duraciones principien y acaben a un tiempo** [...]” (TF, grifo nosso)

A qual, em um primeiro momento, pensei em traduzir por:

“Essa relação de coexistência não consiste em que as duas durações comecem e **terminem simultaneamente** [...]” (Trad.)*

No entanto, essa frase ficou reduzida a uma expressão simplista e não traduz fielmente a proposta de Bello, que considera a noção de tempo como essencial para organizar o sistema verbal, o qual funciona a partir da relação com o momento em que se diz algo, o momento presente. Dessa forma, considero que ao realizar uma tradução de uma língua bastante semelhante à outra, no que diz respeito à estrutura sintática, semântica e lexical, como, no caso deste estudo, as línguas portuguesa e espanhola, ambas originárias do latim, corre-se o risco de tender ao óbvio, o que requer uma atenção redobrada por parte do tradutor para que consigamos alcançar uma tradução adequada.

Costa (1992, p. 38), ao refletir sobre o trabalho de tradução, afirma que o tradutor geralmente trabalha numa sequência, a qual pode partir das menores unidades discursivas, chegando a traduzir “oração por oração, grupo por grupo e, às vezes, até mesmo palavra por palavra”. Nesse sentido, busquei realizar um trabalho minucioso, considerando o teor linguístico e filosófico do texto fonte, analisando todas as unidades que constituem o texto. Para isso, foi necessário considerar também o que alerta o autor sobre o processo de tradução: antes de iniciar a escrita, seria necessária uma leitura no sentido de reter o ideacional do texto, pois, caso contrário, haverá “conseqüências [*sic*], especialmente relacionadas a fenômenos macrotextuais, como coesão e relações de correspondência” (COSTA, 1992, p. 38). Ao realizar a tradução do texto de Bello, a observação desse ponto foi essencial a fim de manter a coesão

textual.

De acordo com Nord (2009, p. 233), “as dificuldades de tradução são subjetivas, individuais e interrompem o processo até que sejam superadas pelas ferramentas certas”. Dessa forma, quando tive a oportunidade de estar diante das ferramentas certas (dicionários e gramáticas mais apropriadas), pude sanar muitas dificuldades na hora de traduzir determinados termos. Em relação às dificuldades de tradução, podemos enumerar as seguintes:

- As dificuldades textuais e de competência encontradas foram com relação à terminologia empregada por Bello para descrever o sistema dos tempos verbais da língua castelhana. Acredito que o fato de estar habituada a uma terminologia diferente fez com que eu precisasse de mais leituras de modo a me aprofundar nesse aspecto;
- As dificuldades profissionais e técnicas foram relacionadas ao tempo designado para essa tarefa, pois tive que conciliar com outras demandas, pessoais e profissionais. Ainda que tenha conseguido liberação de estudos durante dois anos para a dedicação à pesquisa de uma das localidades em que trabalho, permaneci trabalhando em outra instituição de ensino com uma carga horária de 100h mensais e foi necessário conciliar trabalho, estudo e maternidade; e devido ao fato desses dois anos coincidirem com o período da pandemia de Covid-19, passado o prazo concedido pela instituição, tive que retornar ao trabalho, chegando a trabalhar 300h mensais. Somente no final de 2022, por motivos de saúde, consegui reduzir a carga horária de trabalho, ficando com 200h mensais em duas instituições localizadas em municípios diferentes. Considero que o acesso a um acervo maior e com fontes seguras de informação também auxiliaram a sanar as dificuldades encontradas.

No que diz respeito aos problemas de tradução, Nord (2009) apresenta: problemas pragmáticos de tradução (PPT), problemas culturais de tradução (PCT), problemas linguísticos de tradução (PLT) e problemas de tradução extraordinários (PTE). Os PPT, de acordo com a autora, ocorrem em qualquer processo de tradução e não costumam ser difíceis de se resolver, desde que o autor não se fixe somente nos aspectos linguísticos. Como se trata da tradução de um texto filológico, encontrei problemas nesse nível, como o uso de expressões idiossincráticas e construções próprias da língua castelhana.

De acordo com Nord (2009, p. 235), “em cada processo de tradução ou interpretação, dois sistemas linguísticos são confrontados, com suas correspondentes estruturas léxicas, sintáticas e prosódicas”. No caso desse estudo, confrontamos duas línguas irmãs,

originárias do latim, com estrutura sintática e lexical bastante semelhante, o que não deixou de apresenta, em determinados momentos, problemas de tradução, ao que a autora designa como PCL. Mais adiante, a autora afirma que “o tradutor terá que decidir, antes de começar a traduzir, qual o tipo e forma de tradução exigida pela tarefa” (NORD, 2009, p.235). Dessa forma, optei por uma tradução com uma abordagem didática, centrada nos processos de ensino e aprendizagem da língua. Em relação aos PTE, Nord considera que é uma oportunidade para o tradutor mostrar sua “criatividade” e “facilidade lingüística”, pois consiste no emprego de “figuras estilísticas, jogos de palavras, neologismos originais, redes de metáforas, até defeitos lingüísticos, intencionalmente utilizado pelo autor para alcançar determinados efeitos ou funções comunicativas” (NORD, 2009, p. 236). A autora afirma que “às vezes, os TEPs podem ser resolvidos mais facilmente se forem ‘elevados’ a um intervalo mais alto, isto é, quando tentamos descobrir a função de um jogo de palavras ou quando buscamos analogias nas culturas da cultura-alvo” (NORD, 2009, p. 236). No caso do texto de Bello, encontramos as metáforas e uma linguagem filosófica para abordar os tempos verbais, em um estilo rebuscado e uma descrição rigorosa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo consistiu na tradução comentada do texto *Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana*, de Andrés Bello. Ao longo do trabalho, foi necessário refletir sobre a vida e a obra do autor a fim de proporcionar uma visão mais aprofundada sobre seus escritos e compreender melhor o texto escolhido para esse trabalho. Ao discorrer sobre os aspectos teóricos da tradução, foi possível traçar um breve percurso histórico desde suas origens até o lugar no qual essa área vem se consolidando atualmente. Um ponto crucial consistiu na distinção e separação das áreas de estudos da tradução e da linguística, enquanto áreas de conhecimentos independentes, porém correlacionadas, o que me direcionou nas análises.

Acerca do trabalho de tradução, ao nos deparar com o texto de Bello, percebe-se que, de fato, a necessidade de interpretar precede o ato de traduzir, confirmando o que Torres (2017) afirma sobre o fato de que para traduzir é necessário comentar explícita e implicitamente, sendo o ato de interpretar anterior ao ato de traduzir. E, quando a autora comenta que “na prática, o comentário feito pelo próprio tradutor é anterior à tradução” (TORRES, 2017, p.17), refleti sobre o quanto isso foi essencial para que pudesse me debruçar sobre as ideias de Bello a fim de que a tradução alcançasse os seus ensinamentos, o que representou um dos maiores desafios deste trabalho.

Dessa forma, os comentários se assentaram em um tripé que consistiu nos comentários sobre o texto, sobre o papel do tradutor e sobre os problemas de equivalência relacionados às escolhas tradutórias. Assim, a tradução comentada proposta neste trabalho aborda tanto os comentários quanto as discussões sobre a tarefa de traduzir com embasamento nas teorias dos Estudos da Tradução e as justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório, conforme sinalizam Williams e Chesterman (2002).

Em relação ao texto, podemos afirmar que se trata de um marco fundamental sobre os tempos verbais, ao ponto de ser a base de muitos estudos que surgiram posteriormente e, conforme vimos, influenciando inclusive a Real Academia Espanhola. No que diz respeito à tarefa de traduzir, produzi várias versões até chegar a versão final deste trabalho, buscando levar em consideração o elemento da reflexividade proposto por Berman, visando uma aproximação tanto com o texto fonte como com o(s) leitor(es) deste estudo. Ao considerar os problemas de equivalência, deparei-me com as possibilidades de tradução, a partir das quais foi possível fazer as minhas escolhas lexicais, semânticas, sintáticas, funcionais etc.

Discutir as questões formais, semânticas, aspectuais e pragmáticas que constituem os tempos verbais da língua castelhana a partir desse estudo proporcionou uma reflexão importante sobre esse conteúdo a partir de um novo enfoque. Traduzir Bello representou um desafio imenso, dada a engenhosidade do autor, o teor dos seus textos e o caráter complexo do trecho escolhido para esse trabalho, o qual se concentra em uma abordagem metafórica a partir de uma análise minuciosa sobre cada tempo verbal. Assim, tive que considerar os seguintes fatores para a realização do trabalho de tradução: o estilo erudito do autor, com uma linguagem permeada por metáforas, e a inserção da obra em um contexto histórico-cultural do século XIX.

Em relação à questão da tradução no ensino de línguas estrangeiras, Catford (1980) afirma que considerar essa abordagem é de grande pertinência, tendo em vista os aspectos teóricos que envolvem essa área de estudos, como as discussões sobre equivalência, por exemplo. Dessa forma, esperamos que esse estudo possa contribuir de forma significativa para as discussões em torno da tradução de textos especializados e dos processos de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE), tendo como foco os aspectos ideológicos dos tempos verbais apresentados por Bello.

Sinalizamos alguns pontos de abordagem que podem ser considerados em um futuro trabalho sobre o autor: a tradução dos modos *subjuntivo común*, *subjuntivo hipotético* e *optativo*, e o estudo da tradução com ênfase no estilo de escrita do autor e com uma abordagem diacrônica e cultural, considerando a terminologia adotada por Bello.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Amado. Introducción a los estudios gramaticales de Andrés Bello. *In*: BELLO, Andrés. **Gramática**. Caracas: Ministerio de Educación, 1951. Obras completas, v. 4.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. São Paulo: Pontes, 2004.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Caracas: Ediciones del Ministerio de Educación, 1995. Obras Completas. v. 4.
- BELLO, Andrés. **Estudios gramaticales**. Prólogo sobre las ideas ortográficas de Bello por Angel Rosenblat. Caracas: Ministerio de Educación, 1951.
- BELLO, Andrés **Discurso inaugural de Andrés Bello**. Discurso pronunciado en la instalación de la Universidad de Chile el día 17 de septiembre de 1843. 1843. Disponível em: <https://uchile.cl/u4682>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- BELLO, Andrés. **Terminología**. Disponível em: <http://www.hispanoteca.eu/Linguistik/b/BELLO%20ANDR%C3%89S%20Terminolog%C3%ADa.htm> . Acesso em: 16 mar. 2023.
- BERMAN, Antoine. “Critique, commentaire et traduction (Quelques réflexions à partir de Benjamin et de Blanchot)” *In*: **Po&sie**, v. 37, Paris: Librairie classique Eugène Belin, 1986.
- BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. Tradução de Marlova Aseff. **Revista Canadense Meta**, 1989.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. Tradução Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BOM ESPANHOL. **Diferenças Entre o Pretérito Indefinido e o Pretérito Perfecto em Espanhol**. 2023. Disponível em: <https://www.bomespanhol.com.br/gramatica/modos-tempos-verbais/indicativo/contraste-passados/indefinido-perfecto>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- CALDERA, R. **Andrés Bello**. Tradução Maria Helena Amoroso Lima Senise. 4. ed. Caracas: Instituto Nacional de Cultura y Bellas Artes, 1965.
- CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CATFORD, John Cunnison. **Uma teoria lingüística**: um ensaio de lingüística aplicada. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontífica Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontífica Universidade Católica de Campinas, 1980.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008
- COSTA, Walter Carlos. O texto traduzido como retextualização. Tradução de Helen

Conceição, Silvia Corti e Pedro M. Garcez. *In: Cadernos de Tradução*. v. 2, n. 16, 2005. Edição Regular.

DALBEN, Tatiany Pertel Sabaini. **O papel da tradução na formação inicial de professores de língua inglesa**. 2016. 378 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - UFBA, Salvador, 2016.

ESPAÑHOL DE VERDADE. Gramática Espanhol de Verdade. **Como montar frases em Espanhol – Guia completo com exemplos**. Espanhol de Verdade: Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://espanholdeverdade.com.br/gramatica/como-montar-frases-e-oracoes-em-espanhol-guia-completo-com-dicas/>. Acesso em: 19 maio 2023.

FARACO, C. A. **O tratamento de você em português: uma abordagem histórica**. Fragmenta, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996

FREITAS, Luana Ferreira de. Apresentação. *In: TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução*. Fortaleza: Substância, 2017. TransLetras. v. 2.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia da pesquisa científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: Edições SM, 2005.

GRASES, Pedro; Andrés Bello. *In: MEDINA, José Ramón (org.). Diccionario Enciclopédico de las Letras de América Latina*. Tomo I. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1995. p. 565-572. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/portales/andres_bello/autor_apunte/. Acesso em: 19 jun. 2023.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. *In: JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação*. Tradução Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [1989?]. p. 63-72.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. *In: BROWER, R (ed.) On Translation*. Cambridge, MA and London, England: Harvard University Press, 1959.

KENNY, Dorothy. “Equivalence”. *In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. London/New York: Routledge, 2009. p. 96-99.

KOOGAN, Abrahão ; HOUAISS, Antônio. **Enciclopedia e dicionário ilustrado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.

LAROUSSE. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LEAL, Alice. GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. (ed.). **Handbook of Translation Studies**. [S.l.]: John Benjamins Publishing, 2012. v. 3, p. 39-46.

LIRA, Cristián Guerrero. **Fuentes documentales y bibliográficas para el estudio de la historia de Chile**. Santiago, Chile: Universidad de Chile, 2003. Disponível em: http://www.historia.uchile.cl/CDA/fh_index/index.html. Acesso em: 19 jun. 2023.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (org.). **Análise contrastiva de variedades do Português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In - fólio, 2004. p. 61-76.

LÓPEZ, Javier Ocampo. El maestro Don Andrés Bello. Sus ideas sobre el nacionalismo cultural de Hispanoamérica y la educación. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, n. 1, p. 129-150, 1998.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Traduzir**. 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiros/traduzir/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MILANI, Esther Maria. **Gramática de Espanhol para brasileiros**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MORENO, Concha; ERES FERNÁNDEZ, Gretel. **Gramática contrastiva del español para brasileños**. Madrid: SGEL, 2007.

MOUNIN, G. **Les problémesthéoriques de la traduction**. Paris: Editions Gallimard, 1963.

NORD, Christiane. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. **Mutatis Mutandis**. v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009. Disponível em: <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/2397/2080>. Acesso em: 25 maio 2023.

PRADO, Juan Guillermo. **Reflexiones en torno a la nacionalidad chilena de Andrés Bello**. Santiago, Chile: Memoria Chilena, 2009. Disponível em: http://www.memoriachilena.cl/602/articles-122949_recurso_2.pdf. Acesso em: 13 set. 2020.

PYM, Anthony. **Teorías contemporáneas de la traducción**: materiales para un curso universitario. Tarragona: Intercultural StudiesGroup, 2012.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1996.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Aquí**. Madrid: Real Academia Española, 2022a. Disponível em: <https://dle.rae.es/aqu%C3%AD?m=form>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Decir**. Madrid: Real Academia Española, 2022b. Disponível em: <https://dle.rae.es/decir?m=form>. Acesso em: 19 maio. 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Luego**. Madrid: Real Academia Española, 2022c. Disponível em: <https://dle.rae.es/luego?m=form>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Significar**. Madrid: Real Academia Española, 2022d. Disponível em: <https://dle.rae.es/significar?m=form>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Subsistir**. Madrid: Real Academia Española, 2022e. Disponível em: <https://dle.rae.es/subsistir?m=form>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. **Ventilar**. Madrid: Real Academia Española, 2022f. Disponível em: <https://dle.rae.es/ventilar?m=form>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Ramón Trujillo Carreño**. Académico. Madrid: Real Academia Española, 2019. Disponível em: <https://www.rae.es/academico/ramon-trujillo-carreno>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario panhispánico de dudas. **Pronombres personales átonos**. Madrid: Real Academia Española, 2023a. Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/pronombres%20personales%20%C3%A1tonos>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario panhispánico de dudas. **Respecto**. Madrid: Real Academia Española, 2023b. Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/respecto>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario panhispánico de dudas. **Soler**. Madrid: Real Academia Española, 2023c. Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/soler>. Acesso em: 19 maio 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario panhispánico de dudas. **Uno -na**. Madrid: Real Academia Española, 2023c. Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/uno>. Acesso em: 19 maio 2023.

ROMERO DUEÑAS, C.; GONZÁLEZ HERMOSO, A. **Gramática del español lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2011.

ROSENBLAT, Á. **Andrés Bello a los cien años de su muerte**. Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1967.

SECCO, Manuel. **Gramática esencial del español**. Madrid: Espasa Calpe, 1989.

SEÑAS: Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. Universidad de Alcalá de Henares, Departamento de Filología: tradução de Eduardo Brandão; Cláudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHERRER, M.M. P; ANDRADE, C.Q. Por onde transitam o tu e o você no nordeste? *In*:

Revista de Letras - Centro de Humanidades, n. 40, v. 1, jan/jun 2021 p. 164-197.

SÓ PORTUGUÊS. **Infinitivo pessoal**. Porto Alegre: Virtuuous Tecnologia da Informação, 2023. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf71.php>. Acesso em: 19 jun. 2023.

TORRES, Marie-Hélène. Por que e como pesquisar a tradução comentada? *In*: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura traduzida**: tradução comentada e comentários da tradução. Fortaleza: Substância, 2017. 242 p. TransLetras. v. 2.

TRUJILLO, Ramón. **Gramática de la lengua castellana**: de Andrés Bello, y Notas a la gramática de la lengua castellana de don Andrés Bello, de Rufino José Cuervo. Estudio crítico y edición de Ramón Trujillo. Madrid: Arco/Libros, 1988.

VELLEMAN, Barry L. Bello. Bull y el sistema verbal del español. **Thesaurus**: Boletín del Instituto Caro y Cuervo, Tomo XXXII, n. 2, p. 213-226, mayo/agosto 1977. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/32/TH_32_002_001_1.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

WEINBERG, Gregório; SANTOS, Eduardo (org.). **Andrés Bello**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. 116 p.: il. – (Coleção Educadores).

WILLIAMS, Jenny; CHESYERMAN, Andrew. **The Map**: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies. [S.l.: s.n.], 2002.

ZAVAGLIA, Adriana. **A tradução comentada em contexto acadêmico**: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. Aletria: Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.